



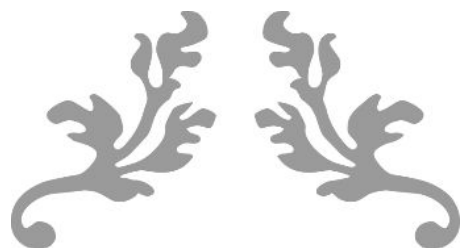
JOICE BITTENCOURT

Lasceivo

Série Malamam

3





Lascivo

Série Malamam – Livro III



Por Joice Bittencourt

LITERATURA NACIONAL

EU ADORO!

Eu me amarro!



#eucomprolivrosnacionais

Copyright © 2016 Joice Bittencourt.

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução e distribuição, no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem autorização prévia da autora.

Título:

Lascivo

Série Malamam – Livro III

Autora:

Joice Bittencourt

joicerbittencourt@gmail.com

Finalização:

Luciano de Paula

Edição Independente

Março de 2016

Sumário

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Cinco anos depois...](#)

Dedico com amor e respeito a você;
Porque não há autor sem leitor.

Agradecimento

Amigo é aquele que te ajuda e te dá a mão em momentos que você mesmo julga impossível. Aquele que tira da própria carne e não se incomoda com a grandiosidade do ato, ele apenas faz.

Faz o bem, ajuda, aconselha, socorre e sorri. Se você está errado ele fala, ressaltando o seu erro para que não caia em desgraça novamente. Prega o respeito mútuo, mas quando necessário, falta com ele para lhe mostrar que há outro ponto de vista. No entanto, você não enxergou sozinho.

Amigo é assim. Mesmo longe, ajuda mais do que alguns meros conhecidos ou vagantes que estão ao seu lado.

Obrigada, [Evy Maciel](#)! Por me socorrer sempre.

[# PaneladePressão](#)

Sinopse

Existe uma linha tênue entre a mentira e a omissão.

Bento é um obstetra de trinta e dois anos, competentíssimo e apaixonado pelo que faz. Ter a oportunidade de trazer ao mundo novas pessoas é a sua maior alegria. Talvez esteja equiparada com o seu prazer físico, carnal e lascivo. O homem bonito e sorridente tem uma fome de leão, quando se trata do sexo oposto. Mas como todo viciado um dia encontra a droga que o derruba, assim foi com o nosso caçula Malamam.

Safira é a parte mais sóbria das irmãs Barcellos. Centrada, dedicada e sempre com a vida planejada passo a passo. Não desvia dos seus objetivos, nem mesmo por amor. Se um dia caiu em tentação, foi breve. Um único erro em sua ficha de menina perfeita. Pena que alguns erros, por mínimos que possam parecer, sempre têm consequências. Um derrapada na curva, deixará marcas.

Agora, Bento & Safira têm um elo inquebrável. Os erros do passado, as omissões e mentiras deverão ser superados em nome de algo muito mais valioso.

Fogo e gelo brigando por espaço. Água e óleo sacudidos pelo destino, em busca de uma união homogênea.

Que vença o mais forte!

Capítulo Um

Março 2014.

Por Bento

Havia me esquecido como é bom estar com ela, nossos corpos unidos de forma quase inteiriça, amarrados um ao outro. Por mais impessoal que um quarto de motel possa parecer, sempre transformamos a atmosfera dos ambientes e seja aonde for, é o nosso lugar, desde que estejamos juntos. Assim como agora, depois de três anos sem um único toque.

Sinto o bater dos cílios em meu peito. Sei que está cansada, porém acordada. Gotículas de suor brilham sobre a pele alva que surpreendentemente não tem nenhuma mancha ou cicatriz, apenas uma pelugem escura como o cabelo negro e liso, agora escorrendo feito cascata em meu peito.

— Durante todo este tempo, três anos, mesmo nos momentos que estivemos distantes, sempre me peguei lembrando o nosso cheiro. Às vezes eu parecia condenado a te sentir para sempre.

— Nosso cheiro? Agora temos um cheiro? — Safira tenta soar desdenhosa. Claro que essa doçura não duraria por muito tempo, nem mesmo esperava por isso.

— Guarde essa falsa indiferença para você. Isso nunca me enganou, menina má. Quando ficamos assim, juntos, quando o meu e o seu viram o nosso cheiro, é impressionante como se torna único. Sei que percebe.

— Nunca existiu nada nosso, Bento. Nem mesmo o cheiro.

Mesmo com este comentário fora de hora, ela é a mulher mais marcante que já passou pela minha vida. Aquela que consegue despertar sentimentos controversos e extremamente entranhados em mim. Por mais que eu queira sair e comer qualquer boceta úmida que se ofereça, todas as vezes irei perceber a falta deste

maldito cheiro e esta sensação de que foi perfeito. Sempre foi perfeito entre nós.

— Sabe que você é ainda mais linda com a boca calada, não sabe? Só fica perversa quando fala.

Por um breve momento Safira sorri, mas logo assume a carranca fechada e mal-humorada de sempre... Quase sempre. Lembro-me de um tempo em que ela sorria bastante para mim.

— Não foi isso que você me disse há alguns minutos. — Arremata a frase com uma piscadela. Sei o que está tentando fazer.

— Eu disse: Isso! Geme! Geme gostoso, minha safada.

Sussurro rouco ao seu ouvido imitando a frase dita anteriormente. Realmente, quando a tenho sob meu corpo, gemendo e ronronando cada vez que a penetro bem fundo, não desejo que se cale. Desejo que perca a voz gritando de prazer.

— Saia, Bento! Já chega disso. — Empurra meu peito na tentativa vergonhosa de livrar-se de mim. Mesmo sem vontade. — Anda, idiota! Preciso ir, tenho hora para chegar.

— Papai e mamãe estão esperando com o jantar pronto, para a princesa de quinze anos voltar para a casa? — Adoro quando ela fica assim, toda bravinha e vermelha, com esse bico enrugado demonstrando toda sua indignação. — Pare com isso, Sa. Já estou totalmente recuperado e pronto para mais, sei que quer mais, já faz muito tempo que não me sinto tão bem. Nem sei quanto tempo esperamos para acabar com essa maldita separação dos infernos.

— Três anos, Bento. Três anos, dois meses e alguns dias. — Uau! Ela realmente contou. E se contou é porque se importa, mais do que demonstra.

Ao perceber o impacto que sua frase teve sobre mim, Safira oscila de irritada para profundamente constrangida. O silêncio me permite escutar sua respiração intensa, as engrenagens de seu cérebro buscando desesperadamente uma saída possível, porém eu jamais permitirei que essa atmosfera se desfaça. Um longo e faminto beijo é a saída mais óbvia, da forma bruta e dolorosamente

gostosa que sabemos. Tive ainda mais certeza da raridade desse sentimento guardado dentro de mim. Como pude negar por tanto tempo algo assim?

Hoje tenho convicção dos meus sentimentos e sei como usar o coração, sei ser o homem que ela precisa e deseja. As coisas mudaram muito nesses anos. A vida mudou muito. Antes eu era o moleque descolado, buscando prazer e liberdade. Hoje sou um homem com mais de trinta anos, pronto para assumir compromissos e guiar meus desejos à uma única mulher, sem me desviar disso, como fiz no passado.

Não sei qual foi a merda que passou pela minha cabeça, mas o meu telefone não parava de vibrar sobre o criado mudo e Safira insistiu para que eu atendesse, pois poderia ser alguma paciente precisando de orientação ou socorro. Elas não têm nada a ver com a minha vida sexual ou com o momento que eu descubro o amor por uma mulher. Bebês não esperam eu gozar, para nascerem.

— Bento Malamam falando. — Sou o mais profissional possível. Não pretendo prolongar esta conversa.

Simplemente atendi e acionei o viva voz, sem ao menos olhar para a tela. Deixei o telefone sobre a mesa e mantive minha cabeça enterrada no pescoço suado de Safira. A mão direita cobrindo sua boca enquanto começava a penetrá-la sem pressa. A ideia inicial era findar a ligação o quanto antes e me perder no calor da mulher maravilhosa sob ~~e~~ meu corpo.

— Bê? Doutor delíciaaaa Malamam? Está aí para a sua Patyzinha, hein?

Isso não!

— Merda!

Só que mulher, meu amigo, é foda! No segundo em que a voz de Patrícia soou ao telefone, as mãos da Safira seguraram as minhas, e dessa vez com toda sua força. Não sou capaz de descrever o olhar que recebi, mas eu diria que me lembrava uma... Viúva negra pré-crime. Talvez o meu olhar fosse parecido ao do Sr. Aranho

macho segundos antes da morte. Até mesmo meu pênis estava preso dentro dela e suas paredes internas contraídas a minha volta. Por segurança mantive-me imóvel.

Um milagre, pelo amor de Deus!

— Não entendi, gostosão. — Continuou Patrícia. — Só liguei para dizer que ainda estou toda assada pela rapidinha de ontem. Não posso reclamar, foi...

Parede 1 - Iphone 0

— Safira? Olha só... — Começo minha justificativa.

Tentar falar com uma mulher furiosa é impossível. Tentar falar com uma mulher ferida e furiosa, é pedir para morrer. Nesse caso quem pagou a conta foi meu celular, as taças de vinho e inevitavelmente o meu rosto, que foi agraciado com uma acalorada bofetada das boas. E como em um passe de mágica, estávamos longe, não só física, mas emocionalmente. Safira, em segundos reergueu a barreira que havia retirado há poucas horas. Voltamos à estaca zero.

— Deus sabe o que faz, doutor. Isso foi um sinal para eu aprender a nunca mais olhar nessa sua cara de cachorro contente. A única lembrança que quero de você é a experiência de não repetir. Mais uma vez eu caí, mais uma vez me deixei levar por um homem sem escrúpulos e nenhum critério para escolher sua caça.

— Sa, vai com calma. Eu sou um homem solteiro e acabo me relacionando com uma aqui, outra ali e por aí vai. Isso não é o fim do mundo. Não serei o primeiro e nem o último a ter casos com colegas de trabalho.

Tento levar as coisas para um lado mais casual. Hoje nossa relação é diferente, não temos nada há anos. Sou livre e ela também.

— Claro! Uma trouxa aqui, uma piranha ali. E isso para mim, é sim o fim do mundo, seu imbecil. Algumas mulheres se importam. — Enquanto fala, ela veste as roupas e, mesmo dentro dessa

enrascada, só consigo olhar para o balançar dos seus peitos. — E vê se aponta isso para lá.

— Isso aqui? — Sinalizo com as duas mãos para o meu pau ainda ereto. — Vai ser complicado, seus peitos estão me chamando, sacudindo para mim. Podemos esquecer essa ligação, você já descontou no meu telefone. Retomamos de onde paramos, hum?

— Vai à merda, Bento. — Ela olha em volta, procura por algo. Rezo para que não seja algum objeto cortante. — Onde coloquei minhas meias?

Conheço meu gado, não adianta discutir com ela estando brava como está agora. É melhor esperar as coisas se acalmarem e daqui há alguns dias, poderemos conversar como adultos, mais calmos e recompostos. Temos muito mais a falar, assuntos pendentes. Coisas além de um simples telefonema.

Um belo dia, cruzei com uma garota séria e desconfiada, que em pouco tempo tomou todos os meus pensamentos. Conheceu um lado em mim que poucos puderam conhecer. Safira despertou os sentimentos de tranquilidade e liberdade. A liberdade de simplesmente relaxar sem preocupações ou falsas convenções. Hoje voltei a sentir isso com ela, e tenho certeza que é apenas com ela.

Enquanto seu cheiro droga meus sentidos, começo a pensar em como seria bom assumir uma relação séria e vivê-la com toda a intensidade. Experimentar uma vida à dois, coisas de casal, aderir a tão falada monogamia, da qual tanto fugi. Quem sabe aproveitar essa onda de amor dentro da família e fechar o ciclo “Malamam&Barcelos”.

Quando eu era adolescente, fiz coisas de rebelde sem causa. Acredito que todos tenham feito em algum momento da vida. Uma delas foi experimentar cocaína, por alguns meses cheirei muito pó, escondido dos meus pais e irmãos, até que Leônidas descobriu e me deu uma surra no meio da rua, na frente de todos os meus “amigos”. Depois disso, nunca mais cheguei perto de qualquer tipo

de droga. Até conhecê-la. Safira provoca em mim a mesma sensação que a cocaína um dia provocou: Dependência, vontade de ter mais, pois quanto mais tenho mais quero.

Sexta-feira pela manhã, caí na besteira de aceitar um boquete da Patrícia quando ela foi ao meu consultório. Inevitavelmente acabei trepando com ela, mas foi só uma rapidinha para não perder o costume. Desde a primeira vez foi assim, ela oferece e eu a como da forma mais carnal que conheço, nenhum sentimento envolvido, apenas o desejo de gozar.

A questão é que não sou adivinho e, sabe-se lá o porquê, quando encontrei Safira no elevador, ela falou comigo. Foi surreal e muito animador, depois de tantas renúncias e caras viradas, em encontros casuais pelos corredores do hospital, ela se dirigiu a mim. Há três anos essa mulher mal me olha, falar comigo então? Sem chance. E ela simplesmente disse:

— Precisamos conversar, Bento. Pode ser agora?

Sim, eu concordei que precisávamos conversar, pois muitas coisas ficaram perdidas no passado e outras ainda a machucavam até hoje. Sei que fui o errado da história e nunca neguei meu erro.

Sem pensar duas vezes concordei e fomos até o estacionamento, mas para a minha surpresa, ela preferiu que a nossa conversa fosse em um lugar mais íntimo, então eu tomei a liberdade de sugerir um motel. Usei o tom de brincadeira, mas como não houve recusa, apenas segui o caminho. O plano não durou muito tempo, antes que a porta da suíte estivesse trancada, eu já a tinha prensada contra a parede, nossas bocas brigavam como aranhas e nossos corpos não precisaram de maiores estímulos, apenas um do outro. A noite foi incrível, passamos todo o sábado entre carinhos, sono e muito sexo, até que aquela maldita ligação fodeu com o meu final de semana perfeito.

E aqui estamos outra vez, dizendo adeus.

— Por um momento, pensei que esse Bento fosse uma versão melhorada do que eu conheci, do que destruiu meu coração. Eu estava errada, você ainda é o mesmo de antes e isso é seu, está

encrustado dentro de você para nunca mais sair. Esse é você. Não há mudança.

— Como eu iria imaginar que você viria me procurar, depois de três anos sem olhar na minha cara, sem me dar chances conversar e me justificar? Eu tenho necessidades, sabia? Sou homem e acredite, minha vida sexual existe com ou sem você.

— Claro! Lembro exatamente. — Responde com o sarcasmo habitual.

— Olha só, eu sei que você acha que tem algum direito sobre mim, mas eu sou solteiro e não posso viver esperando a sua boa vontade de me dar.

Não foi a melhor escolha de palavras. Essa mulher tem um dom de me desestabilizar. Palavras erradas na hora errada. Discussão não é o meu forte.

— Não sei se você é um imbecil ou se eu sou a idiota, aqui. — Ela coloca os brincos e calça as sandálias antes de ficar de pé e dizer.

— Eu precisava ir embora sem pendências, precisava entrar naquele avião livre de tudo o que me machucava aqui, para finalmente construir uma nova vida. Mas falar com você foi a ideia mais estapafúrdia que eu já tive.

Avião?

— Como assim? Você vai viajar?

— Isso não é da sua conta, doutor Bento.

E mais uma vez ela foi embora, sem ao menos olhar para trás. Mais uma vez a deixei escapar por intermédio das minhas aventuras, a mesma aventura, neste caso. E por mais que eu diga a mim mesmo que não temos nada concreto, que somos livres e desimpedidos e ela não tem direito de impor regras ou fazer cobranças, é como se a traição estivesse em mim, uma sujeira marcada desde sempre. Uma sombra do passado escurecendo qualquer possível recomeço para nós dois. Seus olhos molhados pelas lágrimas e a expressão dor e decepção, nunca sairão da minha memória.

O tempo é o melhor remédio. Já dizia minha mãe. Passei dos trinta e aquela urgência de anos atrás não existe mais. Hoje sei esperar e sei ler os sinais que ela me dá sutilmente. Não vou correr, nem fazer escândalos ou cenas públicas, apenas irei esperar que ela se acalme e na próxima semana, serei franco. O mais franco possível, como eu jamais fui. Quero tentar, podemos tentar algo novo e apenas nosso, para quem sabe em um futuro próximo, assumirmos um relacionamento real diante de todos.

— Agora eu sou um homem feito, gêmea do mal. Dessa vez você não tem para onde fugir.



Três anos antes.

Em um ano perdi duas instrumentadoras. Ambas engravidaram, supostamente de mim, e decidiram entrar com um processo de paternidade. Por sorte ou não, foi comprovado que o pai das crianças não era eu. Claro que isso jamais seria um problema, mas ter um filho com qualquer mulher não é meu sonho de infância, prefiro esperar um tempo, alguns anos ou mais uma década, nada definido.

No meio desse turbilhão conheci Safira, recém-contratada pelo hospital e recém-chegada à cidade de São Paulo. Sempre muito competente e extremamente profissional. Tão profissional que despertou em mim os mais carnais instintos de caça, coisa de predador mesmo. A gana de conquistar aquilo que ainda não tem. Jeito de menina do interior, mas quando abre a boca você percebe que é estudada e não pensa pequeno. O único problema nisso tudo é a barreira que ela criou entre nós, algo do tipo “patrão e empregada”. Como se isso fosse manter-me afastado.

— Terminamos tarde, hoje. Se quiser, eu te dou uma carona para casa.

Pergunto como quem não quer nada, ao encontrá-la saindo do repouso de enfermagem, após uma cirurgia complicada que resultou na perda de uma mãe muito jovem. Isso mexeu com toda a

equipe, principalmente comigo que já havia construído um vínculo com a família.

— Obrigada, mas irei de metrô. — Escorregadia.

— Não é bom que uma menina como você dê mole por aí, Safira. Existem muitos lobos à solta. Aqui não é a sua cidade, estamos muito além daquela passividade.

— Quem me garante que você não é o lobo, doutor Bento? Prefiro o metrô.

Oh carne de pescoço!

Mal sabe ela que esperei mais de dez minutos no corredor para encontrá-la “coincidentemente”, antes de irmos para casa. Desistir não está no previsto.

— Fala sério, Safira. Somos colegas de trabalho. Não se deixe levar pela fama que atribuíram a mim, erroneamente. Sou inofensivo... E estou sendo sincero, não é seguro sair sozinha tão tarde, você chegou a pouco tempo, ainda não sabe da missa a metade. Aqui é a selva de pedra e esse apelido não é elogioso.

Vejo que está relutante e isso é nítido, mesmo assim, insiste em manter-se distante. Até este momento não consegui apurar se é por recato ou por juízo.

— Olha...

— Você tem carteira de motorista? — Pergunto interrompendo-a.

— Só B. — Olha-me curiosa. — Por que a pergunta?

Retiro a chave do meu XC-60 e balanço à sua frente, em sinal de confiança. Desejo ter o mesmo dela.

— Você dirige, está bem assim? Eu não sou perigoso, fica tranquila. Só mordo de levinho. — Pisco

— Doutor Bento, eu não sinto medo do senhor. Apenas gosto de manter cada coisa em seu lugar e esse excesso de intimidade só gera problema. Quando comecei a trabalhar aqui, fui alertada sobre o horário diferenciado, isso não é novidade para mim.

Vamos deixar as coisas bem definidas de uma vez por todas.

— Não obriguei nenhuma funcionária a ir para a cama comigo, se é isso que você está insinuando. Sou homem e gosto muito de mulher, mas acredite, vou até onde me permitem. Gosto de parceiras ativas e não submissas. Estou oferecendo uma carona, somente... Por enquanto.

— Tenho certeza que sim.

Essa postura sisuda é atraente para mim. Um olhar direto e sem desvios, o tom de voz firme, em meio a tudo isso, a feminilidade bem dosada e essa boca fora do comum, grossa e rachada, inflama minha necessidade.

— E?

— Ok. Aceitarei sua carona, mas gostei da ideia de dirigir.

— Então vamos.

Não paramos por aí, com o passar dos dias nossos assuntos ficaram mais interessantes, ela despertava em mim uma curiosidade incomum e isso era maravilhoso. Em poucos dias nos tornamos melhores amigos, cúmplices e confidentes, daqueles que contam traquinagens da infância, segredos e opiniões. Por uma divergência de horários, não conheci sua irmã gêmea, a que ela tanto menciona, mas vi fotos de sua família, escutei seus projetos para o futuro, o desejo de estudar fora do país. Por outro lado, ela ouviu minhas reclamações rotineiras e foi “topetuda” o bastante para dizer algumas verdades na minha cara sobre o meu jeito brincalhão de ser.

Almoçávamos juntos fora do hospital, a pedido dela. Repetimos a carona diariamente e passei a buscá-la em casa e me habituei há contar os minutos para estarmos juntos. O mais incrível disso tudo é que conheci um fator que desconhecia nas mulheres: O lado amiga. E olha que nunca acreditei em amizade entre homens e mulheres.

Pela primeira vez não senti falta de ter outras mulheres, nem mesmo a falta de um corpo quente sob meu domínio. Permaneci

contente em desejar, almejar e planejar como tê-la para mim, conquistá-la. Ao final de uma semana, a natureza começou a cobrar seus caprichos e a testosterona já não cabia mais em mim.

Divago pelo celular, com o pé apoiado na parede enquanto espero que ela saia do repouso. Já passam das 22h, mas o dia foi positivo e estamos felizes por isso. Mais um ser humano que chegou ao mundo em segurança e mais uma família feliz com seu novo membro.

— Esse celular ainda vai te engolir. — A voz levemente rouca de Safira me puxa para fora. Ela sempre me repreende por não desgrudar do aparelho.

— Sou muito grande para alguém conseguir me engolir inteiro. Precisaria de uma garganta bem profunda para isso. Se é que me entende. — Pisco sem vergonha alguma da ambiguidade da frase.

— Acho que o seu ego é ainda maior, Bento.

Não perco a oportunidade de beijar sua testa e sentir como é bom estar em sintonia com alguém, com uma mulher tão especial.

O caminho até seu apartamento, na Vila Sônia, não é muito longo. No entanto, procuro deixá-lo o mais demorado possível, e seguimos aproveitando a companhia um do outro. Mesmo com esse jeito de “menina direita”, ela conserva um humor ácido que muito me agrada. Às vezes me impressiono com a nossa sintonia e com os assuntos que vão surgindo sem esforço.

Capítulo Dois

Março 2014

Por Safira

Já fui mais sentimental, sofri por amores de escola e por pássaros caídos na calçada. Não me lembro exatamente quando deixei de sofrer, e simplesmente comecei a me preocupar com o que realmente fazia diferença para mim, não para o que a sociedade dizia com o que eu deveria ou não me importar. Não choro em enterros pelo simples fato de que pessoas morrem, eu morrerei um dia, meus pais morrerão um dia e isso pode ser agora mesmo, no entanto pode levar décadas. Nunca saberemos quando será o último suspiro ou a última imagem que veremos antes de não estarmos mais aqui.

Eu aprendi a pensar e não sentir, evitar sentimento. Isso foi um processo natural, não precisei de grandes decepções amorosas para chegar até aqui.

Mentira! Eu precisei de uma única decepção, ou várias, com a mesma pessoa. Só posso dizer que ele é sim o responsável por parte da minha casca, mas não por toda ela. Eu sempre fui assim. Sou reservada e obstinada, pura e simplesmente. Bento apenas acrescentou “rancorosa”, aos meus adjetivos principais.

Dou uma última olhada para trás, antes de embarcar, e vejo minhas irmãs tristes e felizes por mim. São sentimentos diferentes, por razões distintas. O amor não pode ser contido pela distância, sabemos que logo estaremos juntas outra vez e mesmo longe, manteremos o máximo de contato possível. Em dois anos estarei aqui para colher os frutos do meu estudo, isso posso garantir dedicando-me para estar sempre à frente dos meus concorrentes e colegas de curso, essa é a minha meta de vida: Construir uma carreira sólida e bem-sucedida. Ser uma mulher autossuficiente.

Assim que o avião se estabiliza no ar, perco-me em pensamentos e lembranças que espero não carregar comigo para

onde vou. Longe de tudo o que sou e de todos que amo, pretendo construir um novo eu e expandir horizontes, afinal estarei na Europa e lá as mulheres têm mais liberdade de expressão, independência e voz. Meu sonho é retornar e saber que irão olhar para mim e pensar: Nossa! Como ela mudou!

Fantasiei por diversas vezes o dia em que verei Bento sofrendo por mim, o mesmo ou mais do que sofri por ele. Passei noites em claro, imaginando sua reação ao perceber a mulher que perdeu, por aventuras dignas de um moleque chegando aos dezoito anos.

Lembro-me do dia em que me entreguei a ele. Hoje são apenas lembranças, mas um dia foi um sonho transformado em realidade. Fui inocente ao supor que conseguiria mantê-lo preso a mim, acreditar que os sentimentos vivos em mim eram compartilhados por ele.



Três anos antes.

— A donzela está entregue ao castelo. O dragão bate em retirada para sua caverna escura e fria. — Tão lindo com seu sorriso largo e dentes brancos.

Ele sempre estaciona o carro em frente ao meu prédio e desliga o motor, como se esperasse permanecer ali por muito tempo, e no fim permanecemos, a cada dia mais e mais. Conversar com Bento é uma experiência diferente, interessante. Percebo suas piadinhas de duplo sentido, vejo como apoia a mão em minha coxa enquanto dirige, sinto seus dedos enroscando em meus cabelos quando beija minha bochecha, na despedida. E sei, sei que todos esses contatos firmes e intensos não são comuns, é algo só nosso.

— A donzela pensou em convidar o dragão para comer macarrão instantâneo com refrigerante diet, no castelo.

— É tudo o que você tem na torre, mocinha? Eu deveria denunciar a bruxa por maus tratos. — Ele sorri e puxa meus lábios ao beliscá-los com os dedos. — Finalmente irei conhecer a sua cópia?

Um pouco temerosa com o que ele pensará, digo rapidamente.

— Dora não está em casa. Hoje ela foi para o trabalho às 19h e só retornará amanhã cedo.

— Isso é perfeito. — Fala baixo, mas sem retirar os olhos de mim. Vejo algo implícito em seu olhar. Malícia.

— Perfeito? O que quer dizer com isso?

— Oh! Trabalhar... É muito bom trabalhar.

Claro que ele não está, exatamente, referindo-se ao trabalho em si. No entanto, achei melhor deixar isso passar e não dar ainda mais pano para a manga e estender essa conversa... estranha.

— Então? — Pergunto.

— Vou adorar o seu macarrão instantâneo saudável, com refrigerante diet. Nunca quis tanto isso em toda a minha vida. Acredite.

Mostrei todo o apartamento a ele. Mesmo sabendo que, provavelmente, ele more em algo bem mais luxuoso e cheio de mimos, percebi que isso não o incomodou em nada, ele simplesmente foi o mesmo Bento sorridente e brincalhão de sempre. Para terminar de me deixar com a cara no chão, ele resolveu verificar se em casa de mulher, as calcinhas ficavam penduradas pelo banheiro. O pior é que minha calcinha rosa estava lindamente seca, presa à balsa do banheiro. Não preciso dizer que quase morri de vergonha.

Todos escolhemos barreiras para esconder o que realmente somos mais intimamente, é como uma forma de selecionar quem pode aproximar-se realmente. O Bento optou pela alegria e extroversão. Seu sorriso é conhecido por onde quer que passe e ele nunca, nunca está mal-humorado, sempre tem uma piadinha na manga ou uma gargalhada fora de hora para quebrar o clima.

Porém, mais intimamente, aprendi a ler seus truques de defesa e a forma nada comum que ele desenvolveu para resguardar-se do mundo. Em poucos dias, construímos a proximidade que poucos casais conseguem alcançar.

— O que está olhando? — Questiono desconfortável enquanto comemos sentados no chão da sala.

— Gosto de olhar para você.

— Você tem gostos muitos estranhos, doutor Bento.

Tento soar séria, mas é impossível fazê-lo, enquanto este belo homem me olha com a cabeça levemente inclinada, lábios entreabertos e uma das sobrancelhas arqueadas, sem perder a expressão divertida. Seus olhos azuis são os mais limpos que eu já vi.

— Sabe o que eu realmente gostaria, agora?

— Não sei se é uma boa ideia querer saber algo assim, estando sozinha com você em meu apartamento. Sua fama te condena. — Brinco.

— Covarde.

Achei melhor não retrucar. Realmente estou me acovardando com o rumo que as coisas estão tomando. Dia após dia estamos mais próximos e mais íntimos. A cada segundo percebo seus olhares e é como se ele esperasse um sinal, um único aval para seguir em frente. Eu só não sei se quero seguir e ser mais uma na vasta lista de mulheres que passaram por aqui, antes de mim. Não estou disposta a somar, muito pelo contrário, quero ser o STOP. Quero ser o sinal vermelho que o fará parar e decidir pelo certo, pelo firme e não pelas aventuras.

Estou irrevogavelmente apaixonada pela forma que me olha e por suas mãos em mim. Até mesmo o som que sai de sua boca é suficiente para fazer brotar uma alegria contagiante dentro do meu peito.

Em alguns momentos, não sei se quero me livrar do fogo ou simplesmente arder inteira no calor que vem dele. Esta sou eu agora: Entre a fogueira e o gelo.

— Tenho muitas fotografias no meu quarto. Se você quiser ver, posso te mostrar. — Vamos mudar o foco.

Antes de me responder ele olha para os pés, faz um bico engraçado para o canto da boca e coloca as mãos nos bolsos do jeans. Parece tão contido.

— Vou adorar saber como você era quando catarrentinha.

— Vai se decepcionar, eu era quase um menino. Uma moleca que subia em árvores e andava descalço pelas estradas de terra batida, para ir à escola.

Já era madrugada quando finalmente encontramos uma fotografia, onde eu estava sentada em uma bacia cheia de morangos, acredito que com uns cinco ou seis anos, completamente nua. Como sempre, minha boca era exageradamente grande para o meu rosto e nessa foto, especificamente, eu sorria com uma alegria exclusiva das crianças, língua para fora e uma chuquinha toda bagunçada na cabeça.

Claro que não consegui escapar. Furtivamente, ele colocou a foto no bolso de trás da calça.

— Me devolve isso, Bento. Sério!

— De jeito nenhum. Isso é praticamente o achado do século. Nunca imaginei que essa mulher chata e reclamona, fosse uma menina sorridente como a da imagem. E ainda por cima, agora tenho um nu exclusivo.

Por mais que eu tente tomar o papel das mãos dele, sou jogada no chão. De sacanagem, ele monta sobre o meu quadril segurando meus braços para cima, mantendo-me presa e completamente imóvel. Não sou ingênua a ponto ignorar o clima sexual tomando conta do ambiente, mas prefiro fingir inocência a isso.

— Fale assim: O Bento é foda! — Caio na gargalhada com sua expressão. A imitação de “Safira” ficou uma bosta.

— Ah não! Com certeza não! — Para aumentar ainda mais a tortura, ele mantém meus braços presos com apenas uma das mãos e com a outra começa a fazer cócegas em minhas axilas, costelas e

barriga. — Não!!! Para com isso, vou fazer xixi na roupa. Bento!!!! Pare com isso. Chega!

Já não sei se fecho os olhos com as cócegas intensas, ou se me esforço para mantê-los abertos e apreciar o sorriso e a expressão feliz estampada no rosto dele.

Como pode ser tão lindo e tão alegre?

Por um correr de segundos, pego-me observando cada traço desse homem que descobri ser puro como criança e quente como o inferno, parecido com os que encontramos em livros ou nos antigos filmes de Emanuelle. Seus cílios são enormes e escuros, bem mais escuros que o cabelo que é um loiro-quase castanho. Diferente dos outros irmãos que conheci, e do pai que vi apenas de longe, Bento usa o cabelo raspado, mas ostenta uma barba serrada.

Eu vim de uma região formada por imigrantes italianos, alemães, pomeranos, com todos os tipos de loiros e ruivos que se possa imaginar, mas nunca encontrei ninguém com olhos como os dele. O azul é escuro, muito intenso e os desenhos internos variam entre o preto e o amarelo, dependendo de quão próximo você está deles. Nesse momento, eu os vejo há um nariz de distância.

— Se você continuar me olhando assim, será impossível manter a política de amizade entre nós. Estou há um passo de devorar essa boca carnuda e arrancar sua roupa que só me atrapalha.

Eu realmente deveria me assustar, mas não foi isso que senti, muito pelo contrário. Não esperei que ele cumprisse a promessa descarada, mas não fugi, não o afastei. Com toda a delicadeza feminina que não é comum a mim, escorreguei minha mão da clausura dos seus dedos e espalmei lentamente em seu rosto, até perceber seus poros arrepiados. Bento fechou os olhos e simplesmente respirou grosseiramente. Seus músculos estão tensos e o queixo traçado como aço. Posso sentir seu coração. Posso sentir nossos corações tomarem o mesmo compasso.

— Então faça.



Por Bento

E eu fiz.

A primeira coisa foi morder aquela boca gostosa, tão grossa que chega a ter rugas, dobras. Prendi o lábio inferior entre meus dentes e puxei, fazendo com que eles escorregassem aos poucos e deixando uma marca branca, logo preenchida pelo seu sangue e fazendo-o ficar ainda mais vermelho e inchado que o natural. Ainda mais gostosos.

Safira nada fez, apenas sentiu. Parecia se deliciar com a sensibilidade recém-descoberta.

— Não quero ser parado, impedido ou represado por tomar o que já deveria ser meu há muito tempo. Nós sabemos disso, não é?

Ela concorda com a cabeça.

— Não vou. — Sussurra com os olhos fechados.

— Quero tudo. Vai me dar tudo que eu quero? — Beijo-a. — Cada pedacinho de você, sem censuras.

— É seu. — Parece envergonhada, mas certa. — Estou dando tudo, pode tomar.

Nesse momento nossos olhos travaram um no outro. Há uma troca de certezas, informações e permissões que nunca pensei ser possível sem o uso das palavras. Safira simplesmente me disse mil coisas sem ao menos abrir a boca. Palavras mudas que momentaneamente me deixaram desconcertado. No entanto, o poder desses olhos castanhos e enormes me deram a certeza de estar no caminho certo. Ela quer ser minha e eu quero, muito mais do que poderia imaginar, que ela seja minha.

— Serei o primeiro? — Olhos nos olhos. — Serei?

— Será.

— Serei o único! — Afirmo.

— Sim.

Senhor, segura a minha vontade.

— Tem algum medo? Estou aqui para você, isso será só sobre você. Tudo para o seu prazer, o melhor.

— Não. Não tenho medo com você.

— Está com medo e eu não quero o seu medo, quero o seu desejo.

— Por favor... — Sussurra. Eu a interrompo.

— Então me diga com todas as palavras. O que quer de mim? — Corto o contato visual para falar ao pé do ouvido e contornar sua orelha com a língua molhada. — Quero ouvir. Isso me deixará ainda mais louco. Se é que isso é possível. Mas quero palavras, todas elas.

Apoio os cotovelos ao lado de sua cabeça e seguro seu rosto fazendo um emaranhado de cabelos.

— Sou virgem. Nunca fui tocada por um homem de forma sexual. Quero que esse homem seja você. Só você. Te desejo e não quero que pare.

Oh porra! É assim que eu quero. Minha sem barreiras, determinada e decidida, se entregando a mim de todas as formas e sem medo.

Uma desconfortável cama de solteiro com lençol florido foi o cenário da noite mais perfeita que já experimentei. Um quarto simples, sem espelhos ou cama redonda, baixa luz ou música ambiente. Não foi preciso nenhum adereço para tornar cada milésimo de segundo, inesquecível para nós dois.

A deitei sobre a cama macia, ainda vestida e com o cabelo preso, mas isso não durou muito. Logo Safira estava nua em pelo, com o longo cabelo negro espalhado ao redor da cabeça. Não foi assim que imaginei. Por diversas vezes quase esfolei meu pau ao me masturbar pensando nela, mas foi muito, muito melhor. Indiscutivelmente mais excitante e prazeroso.

— Quero que feche os olhos e sinta. Não se preocupe comigo, com os sons ou com o meu prazer. Olhar para você agora já vale por mil noites com qualquer outra mulher, tenha certeza disso.

Era a mais pura verdade, sem meias palavras.

Observo cada curva do seu corpo sobre a cama, as linhas finas sob o seio fazendo o sulco de suas mamas. As costelas destacando-se na pele delicada. Pelos negros, ouriçados e poros exaltados. Até mesmo as pequenas estrias na lateral do quadril tinham o seu valor, casavam bem com o conjunto. Tudo nela parece desenhado e harmonioso, feito por um excelente artista, o melhor deles.

— Sabe que faço exames semestralmente, por ser cirurgião, não sabe? — Com os olhos fechados, ela meneia a cabeça levemente.
— Você nunca esteve com outro. Fez exames para entrar no hospital. Está segura?

— Aham...

— Tenho certeza do que quero. — *Nossa! Como eu quero.* — Não acho que precisamos de preservativos. É a sua primeira vez e...

— Tudo bem, eu concordo. — Interrompe-me afoita. — Quero te sentir. Estamos limpos.

Pelo amor de Deus! Sou médico, ginecologista. Meu papel deveria ser incentivar o uso do preservativo e não rezar para ela aceitar fazer sem. Mas sinceramente, nunca estive com uma virgem e quero muito, mas muito, sentir o corpo dela se abrir para mim da forma mais natural possível. Preciso disso como nunca pensei.

Meus olhos acompanham cada polegada percorrida pelos meus dedos, que tateiam pouco a pouco até alcançar os pelos baixos e grossos, formando um ninho protetor entre as roliças pernas. No momento em que deslizo quatro dedos de cima para baixo em sua pelugem, Safira estremece unindo as pernas. Talvez ela mesma não tenha notado a tensão se apoderar do seu corpo, ao sentir o calor da minha pele, mas eu notei. Notei seus músculos enrijecendo e não pude perder um simples movimento, principalmente quando ela sugou os próprios lábios tentando conter uma reação mais exacerbada.

— Abra. — Fui firme, porém, carinhoso. Safira apenas relaxou as penas, mas não as separou como pedi.

Sorri para a sua inocência em supor que eu não tomaria as honras. E sem nenhuma cerimônia, expus sua vagina, separei os lábios e tomei-os em minha boca. Surpresa e constrangida, Safira tenta subir o corpo pela cama, mas a impeço, examinando suas dobras com a língua úmida e firme. Deixo minha saliva verter na carne rosada, facilitando o deslizar e aquecendo a região que já dá sinais do quão sensível está.

— Oh! — Ainda com os olhos fechados, talvez por vergonha ou deleite, não sei dizer, vejo seus dedos travarem no lençol e os ombros subirem. — Isso é muito gostoso!

— Muito gostoso. — Repito — Só vai melhorar, pode apostar.

Cobrir seu corpo com beijos, aliviar sua tensão e desfrutar de cada segundo do seu deleite. Meu papel essa noite é dar prazer e assim será. Ganho tanto com suas expressões e gemidos que não quero parar.

Lamúrias, sussurros, arranhões e muitos pedidos de clemência. As longas unhas negras desenhavam suas suplicas em meu antebraço, e ainda assim eu não pude parar, continuei até que estivesse inchada, vermelha e úmida. Escorrendo. Quando meu corpo cobriu o seu e nossos olhos voltaram a se encontrar, já estávamos ofegantes e a atmosfera sexual era tão densa que pesava o ambiente.

— Não feche os olhos. Por favor, não feche.

Pincelei meu membro sobre a carne melada com toda a excitação provocada por mim, pela nossa química. Apreensão é tudo que vejo em seus olhos. Receio pela dor, pelo meu tamanho, mas também vejo determinação. Não há dúvidas, apenas certeza.

Lento e constante, foi assim que a tomei. Pude sentir o hímen romper, o corpo brigar com o invasor, mas não houve escapatória. Um fio de lágrima escorreu por seu rosto no momento em que terminei meu caminho.

— Obrigado pelo presente! — Sussurrei, grato, junto ao pescoço suado e sensual.

— Santo Deus! Você fica ainda maior dentro de mim. — Diz incrédula e ofegante. — Sinto-o maior.

Encosto a boca em seu ouvido, sorrindo orgulhoso.

— Vou ficar maior, assim que começar a me mover e, depois maior antes de gozar dentro de você.

Safira tem um brilho travesso nos olhos. A mulher adormecida dentro dela começa a despertar e sinto que está faminta. Os movimentos singelos e delicados não se estenderam por muito tempo. Logo o suor começou a escorrer, a cama ranger, os gemidos se tornaram a trilha sonora da nossa primeira noite.

Primeira de muitas, assim espero.

— Cruze as pernas em volta de mim. Quero entrar mais fundo.

— Não vou aguentar.

— Você vai gozar. — Desço até seu seio direito e antes de abocanha-lo, digo: — Junto comigo. Estou me segurando.

As investidas, o roçar da minha pélvis em seu clitóris, somados a massagem em seu mamilo por minha boca, foram o seu fim e o meu também. Durante todo o tempo que estive desmoronado sobre ela, só pensava em uma coisa: Foi perfeito!

— Bento?

— Hum? — Estou sem forças e sem voz.

— Eu adorei.

— Nunca foi tão maravilhoso. Você é perfeita, e agora é minha.

Capítulo Três

Março de 2014.

Por Bento

Nunca estive tão fora de prumo com meus pensamentos, da forma que estou agora. Vejo, ouço e até faço as coisas, mas não me pergunte o que fiz há cinco minutos atrás ou o que falaram comigo, pois não saberei responder. Estou em “modus operandi” desde que ela me deixou. Totalmente afundado em decisões que precisam ser tomadas o quanto antes, antes que seja tarde demais para nós dois.

Uma batida na porta atenta-me para o adiantar da hora. Parece que acabei de chegar ao hospital, no entanto o relógio denuncia as várias horas trabalhadas.

— Posso entrar? — Lorenzo pergunta, mais dentro do que fora. — Achei que não estaria mais aqui.

— Já entrou.

— Nossa! Estamos de mal humor hoje? Imaginei que estaria chateado, mas não pensei que fosse tanto para perder o humor de sempre. — *Do que ele sabe, afinal?* — Por que não foi ao aeroporto, já que se importa tanto com ela? Poderia ter impedido sua partida com uma bela cena de filme americano. Eu e Léo iríamos adorar.

Do que esse imbecil está falando?

— Não entendi e não estou no clima de charadas, Lorenzo. — Cuspo sério enquanto lanço informações dos exames da minha última paciente no sistema.

— Não entendeu ou não foi informado? De repente não foi uma partida, foi uma fuga.

— Então me informe ou dê o fora daqui. Algumas pessoas trabalham neste hospital, Dr. Lorenzo Malamam.

É claro que ele ficou extremamente surpreso com a minha reação explosiva. Eu mesmo estou me desconhecendo nos últimos

dias, mais precisamente de sábado para cá. O domingo foi digno de raios e trovões. Tenho a sensação de estar andando sobre um terreno minado e a qualquer momento uma grande bomba irá jogar-me para o ar, destruir tudo o que há, e migalhas de Bento serão lançadas aos quatro cantos.

Custava ela entender o meu lado? Não. Só precisamos estabelecer metas e seguir em frente, não precisamos simplesmente acabar com tudo, assim como da última vez da última vez. Hoje estou disposto a tentar, de uma forma que nunca estive, nem mesmo no calor da paixão.

— Sua gêmea do mal embarcou para Londres. Vai passar alguns... Anos, estudando por lá. Só achei que deveria saber. Agora darei o “fora”. Durma com essa, maninho.

De repente é como se a porta fechada à minha frente fosse uma grande tela, onde consigo rever todos os nossos momentos mais íntimos, mais recônditos. Não apenas os momentos de sexo intenso ou a nossa primeira vez, mas sim, instantes de carinho, longos diálogos ou até mesmo o silêncio, pois apenas isso bastava quando estávamos juntos. Já faz tempo, meses e anos que não temos tamanha sintonia, e um final de semana não pode apagar as marcas que deixei ao tomar uma decisão errada. Infelizmente, uma única falha é capaz de anular dezenas de acertos. Por mais alvo que esteja o pano, a mancha sempre sobressairá.

Sinto como se ela soubesse o quanto me puniria além da carne. Sinto não só a minha dor nessa partida, mas a dela em mim.

— Nós merecíamos uma última chance. Eu não errei a esse ponto.

— Digo, já sentado, com as mãos estendidas sobre a cabeça e a testa apoiada no vidro esverdeado.



Londres.

Por Safira

Chegar em um país completamente novo, com o coração partido e muitos sonhos na bagagem, pode não ser a coisa mais

acertada a se fazer. Mas quando você olha em volta e encontra um senhor na casa dos sessenta anos, com um sorriso no rosto e uma plaquinha escrito o seu nome, sim, isso é perfeito e muito animador.

Quando me inscrevi para receber a bolsa de estudos da University College London, destinada a estudantes latinos com interesse em cursar uma faculdade inglesa, encontrei por meio de sites específicos, uma família interessada em abrigar uma jovem estrangeira. Antony e Clare moram em Covent Garden – Londres e não têm filhos. O casal me pareceu muito receptivo e deixou todas as informações de sua vida e rotina para que eu pudesse escolhê-los ou não. Quando vi que moravam em uma casa sem crianças, relativamente perto da universidade, em um bairro extremamente agradável e bem servido por linhas do metrô, optei por eles.

Obrigada mãe, por me obrigar a fazer um cursinho de inglês!

— Olá! Sou Safira Barcelos, a estudante brasileira. — Digo em inglês, a frase que estou ensaiando a dias. Mesmo sabendo falar o idioma, não sou uma expert nisso.

— Reconheci pelas fotografias. Estou feliz em recebê-la. Vamos?!

Antony não é quente como os brasileiros, mas nem por isso deixa de ser educado, muito pelo contrário. O homem, já com os cabelos brancos, mas de aparência conservada, é extremamente educado e lisonjeiro comigo. Creio que os britânicos não são dados ao contato físico, considerando que ele me cumprimentou com um rápido aperto de mão.

Chegamos em um local movimentado e cheio de lojas, galerias, praças e pessoas com um ar alternativo e jovial. A cidade cheira a arte, romance, vida noturna e o cenário é digno de um filme, com prédios históricos e janelas lindíssimas. As portas coloridas chamam a minha atenção e os locais por onde passamos me fazem lembrar das fotografias dos grandes editoriais de moda.

Mesmo com o adiantar da hora, as pessoas estão se divertindo e aproveitando a noite londrina. O relógio do carro marca 23:37h, estamos com três horas a mais que no Brasil. Depois de mais de

onze horas de voo não respondo mais pelo meu sono, as pálpebras pesam.

O casal que irá me abrigar pelos próximos dois anos mora em um apartamento que fica sobre algumas lojas e um café muito movimentado. A região é bem animada e me parece um pouco perturbadora para quem deseja estudar, contudo, a decisão já foi tomada e não cabem arrependimentos por hora.

— Bem, chegamos. Esta é nossa casa e será a sua por um longo tempo. Espero que goste. — Com o mesmo ar refinado, Antony me apresenta a sala e logo sinto um cheiro que reconheço imediatamente. Batatas fritas. — Clare preparou *Fish and Chips* para te receber.

— Não precisavam se preocupar, eles serviram o jantar no avião.

Não consegui comer dentro do avião, mas ninguém precisa saber.

— Claro que precisava. — Uma senhora muito bem arrumada, mas com um semblante triste e envelhecido, surge carregando uma grande travessa de comida. Seus cabelos variam entre o loiro e o grisalho, os olhos muito claros e lábios finos, levemente enrugados, assim como a testa. — Afinal, somos bons anfitriões. Espero que goste de peixe, é uma das nossas comidas favoritas.

— Gosto muito. Cheira divinamente.

O jantar foi maravilhoso. Descobri que o tal prato é apenas peixe frito e temperado de uma forma em particular, acompanhado de batatas fritas. Mas me parece que ele é bem famoso por aqui. Antony e Clare são pessoas incríveis e dispostas e me receberam como se eu fosse realmente da família. Percebi, por várias fotografias espalhadas por todo apartamento, que eles têm uma filha, uma moça muito bonita e sorridente, mas preferi não perguntar para não parecer enxerida, já que o anúncio dizia “sem filhos”.

A semana ficou pequena com tantas coisas para fazer, principalmente quando disse à Clare que gostaria de explorar a

cidade. Ela age como minha mãe e as vezes isso me deixa um pouco incomodada, mas nada que não possa relevar para o bem da nossa convivência. Com a ajuda dela conheci, a pé, toda a vizinhança, e de metrô, boa parte dos lugares mais falados ao redor de Covent Garden. Aqui tudo se faz de metrô, tudo mesmo. A cidade é dividida em regiões e assim podemos facilmente localizar o que desejamos.

O dia das mães inglês é em março e por isso vejo muitas promoções e propagandas com esse tema, mas percebo que incomoda Clare de alguma forma.

— Pretende continuar em Londres quando concluir os estudos, minha querida? — Clare pergunta enquanto pegamos nossos pratos na esteira de um restaurante japonês.

Hoje fazem duas semanas que cheguei e já temos muita intimidade, mesmo nos conhecendo há pouco tenho, tenho muito carinho por esse casal. Já perdi as contas de quantas noites acordei e escutei soluços e choro. Sempre que isso acontece, pela manhã, Antony sai e volta com um chocolate que não conheço, embalado em um plástico vermelho que nunca vi antes. Contudo, vejo a importância do gesto e ainda mais das lembranças que ele deve trazer. Clare, com seus olhos tristes, sempre sorri ao receber o regalo.

— Vim para cá pensando em retornar ao fim do curso, só que hoje não tenho tanta certeza. A cidade, a cultura e tudo o que Londres tem a me oferecer, parece demais para somente os dois anos. O que me prende é ter prometido a minha família que voltaria, principalmente minha mãe.

— Voltará a morar com seus pais?

— Não. Quero construir algo meu, todos no Brasil já estão com seus caminhos traçadas. Preciso desenhar minha própria história.

— Isso significa que não tem pelo que voltar? — Os olhos extremamente azuis, ganham ainda mais destaque rodeado pelas sardas avermelhadas, e as marcas da idade tornam seu olhar mais

expressivo e direto. Clare lembra-me Meryl Streep, porém, um pouco triste ou... melancólica.

— Isso significa que todos já têm seu lugar e eu ainda preciso descobrir o meu lugar no mundo. Talvez seja aqui, talvez lá. Não sei.

— Você será muito feliz aqui. É uma menina obstinada, percebo sua garra e seu foco.

— Obrigada!

É tão bom quando você está frágil emocionalmente e alguém consegue passar verdade em suas palavras. Hoje estou longe de casa, longe da família e de tudo que conheço, mas independente disso, consigo sentir segurança. E devo muito disso à Clare e Antony.

As aulas aqui só começam em setembro, enquanto isso trabalharei na biblioteca da faculdade para melhorar o meu inglês e começar a me familiarizar com este novo mundo. Precisei vir antes devido a quantidade de tramites burocráticos a resolver, aqui as coisas não andam no “jeitinho brasileiro”, tudo tem sua ordem exata. Além disso, preciso me habituar a inúmeras coisas.

Curiosamente, estamos no horário de verão e parece que os dias são muito mais longos. Ouvi dizer que em determinado momento o dia estará claro das quatro da manhã as dez da noite. E isso se inverte no inverno, onde já estará escuro por volta das três da tarde. Coisas de terra com estações definidas.

Ah eu amo isso! Amo a Europa! Amo London!!

— Eu queria me desculpar por ontem à noite. Sei que atrapalhei seu sono com as minhas lamúrias. — Isso é verdade, mas não me importei. Afinal, essa é a casa dela e eu sou a hospede, devo seguir o curso.

— Imagina. Todos temos problemas. Não se desculpe, Clare.

Antes de começar a falar, ela paga a conta seguimos caminhando pela calçada.

— Eu já fui uma mulher alegre, Safira. Sorridente, cheia de motivos para acordar agradecida e dormir o sono dos justos. — Respira profundamente. — Hoje, sempre que me deito ou acordo, percebo a ausência de grande parte de mim e isso me mata aos poucos... É tão difícil.

Nos sentamos em um banco próximo. Clare limpa os olhos marejados por lágrimas e agora sim percebo o quão emocionada ela está e como essa conversa pode ser difícil para ela.

— Não precisa falar. Eu vejo que não te faz bem.

— Essa é a questão, eu preciso falar.

Longos e finos dedos com unhas vermelhas deslizam em seu colo, como se algo estivesse a impedindo de respirar. Depois de alguns segundos, ela finalmente olha em minha direção e começa.

— Eu e Antony tivemos uma filha, a moça das fotografias espalhadas pela casa. Acredito que você já deve ter notado os sorrisos e poses animadas nas imagens, e não questionou por ser muito educada. Kate tinha dezenove anos e um mundo de possibilidades pela frente, um leque de vida a ser descoberto.

Oh meu Deus!

— Há dois anos, ela se envolveu com drogas. Não percebemos, nunca notamos nada de diferente ou supomos que certas mudanças poderiam ser causadas por tal coisa. — A negativa é seguida por um gesto de cabeça. — Um belo dia, após Kate ter ido à uma festa com amigos, a polícia bateu à nossa porta informando que ela havia sofrido um acidente e estava hospitalizada. Ao chegar no hospital descobrimos que ela já estava morta... Sofreu uma overdose de heroína.

Caramba! Heroína?

As palavras finais—estão afogadas em lágrimas e soluços de dor. Seu rosto ganha um tom vermelho pela emoção e a respiração acelera. Agora vejo aquela tristeza, antes escondida, à mostra e em evidência. Clare e Antony sofrem pela perda da filha e ele tenta

desesperadamente resgatar a esposa que pende para a solidão dos que não têm quem mais ama.

— Eu... Eu sinto tanto, Clare. Não sei o que dizer, mas quero que saiba o quanto sinto pela sua perda. Não tenho filhos, mas imagino que a dor deve ser surreal.

— Antony teve a ideia de ter alguém morando conosco, um jovem que deixasse a casa mais viva. No início relutei, mas logo começamos a estudar os possíveis candidatos e encontramos você. Foi a decisão mais acertada que tomei desde que minha filha se foi.

— Fico feliz.

— Apenas perdoe meus momentos de dor e siga o seu caminho, assim como Kate deveria ter seguido o dela. Seja feliz.

Março passou em um piscar de olhos. Abril eu nem vi, e como um passe de mágica estamos em maio.

Estar em um lugar novo e conhecer pessoas novas tem feito muito bem para mim. Infelizmente nem tudo são flores e sempre que a mente está mais livre, os pensamentos e lembranças afloram em minha memória e logo sou capaz de enxergar aqueles olhos, o corpo e principalmente a voz. Consigo escutá-lo me chamando, ou rindo. Isso chega a ser masoquismo com um coração ferido.

Ah como é bom ouvir essa gargalhada gostosa! Me perder nos olhos mais lindos que já vi e sentir suas mãos passeando pelo meu corpo.

O lado negativo das boas lembranças é que sempre são precedidas por lembranças ruins. No meu caso, lembro-me da quebra das promessas, de como me senti usada e principalmente... Ele não se importou, nunca fui importante. Ele foi o meu primeiro homem. Eu fui só mais uma. Ele foi o único e eu fui somente a próxima e depois de mim passaram muitas.

“Senti falta de uma mulher de verdade.”

— Jamais esquecerei suas palavras, Bento.

Capítulo Quatro

Maio de 2014.

Por Safira

O mundo caindo no Brasil e eu aqui, há milhas de distância, podendo apenas consolar minha irmã pelo telefone e rezar para que todos os problemas e desconfianças cheguem ao fim. Por alguns momentos pensei em voltar, mas logo lembro que libras não dão em árvore, e seria impossível simplesmente chegar no aeroporto e depois voltar. Mesmo distante, faço o possível para estar ligada a ela demonstrando como estou sensível a tudo, mas isso é o máximo que posso fazer.

Nas últimas semanas, a soma dos problemas tem cobrando o seu preço. Meu corpo reclama, pede descanso, como ainda não havia feito. Sinto-me muito cansada, sonolenta e até mesmo mal-humorada. Focar a atenção em um livro se tornou quase impossível, fazer uma refeição completa nem se fale, e acordar é a pior tortura. Clare tem percebido meu estado e chegou a sugerir que eu procurasse um médico para fazer exames. Questionou se conheci algum rapaz nestes dois meses que estou aqui, mas deixei claro que isso não aconteceu e não acontecerá tão cedo.

Deus me livre!

— Tem certeza que não se envolveu com ninguém recentemente? A universidade está recheada de pessoas interessantes e Londres tem homens para todos os gostos. O mundo está aqui.

Ouço-a enquanto tomo meu terceiro efervescente de hoje, só assim para conseguir sair de casa. Passei a manhã com um dragão em meu estomago.

— Clare!

— Isso não é vergonha, Safira. Somos amigas, somos mulheres e você não é nenhuma criança. Pode contar comigo, estarei ao seu lado.

— Clare, desde que cheguei não fui para cama com ninguém, se é sobre uma gravidez que se refere. — *Que inferno!!!* — Se tiver uma criança aqui dentro, ela será do divino espírito santo. Isto é azia, pelo nervosismo que estou passando, devido os problemas que minha irmã enfrenta no Brasil. Estar aqui e não poder consolá-la como eu deveria, acaba comigo.

— Tudo bem, mas acho que a “azia” precisará de um nome melhor, em breve. Pense nisso.

Já pensei. Penso sobre isso dia e noite, mas não é possível ou relevante. Pelas minhas contas, a medicação que eu usava ainda estava ativa e uma gravidez seria pura falta de sorte. Eu fico três anos sem olhar na cara do infeliz e quando isso acontece... Eu engravido? Não!

Por uma semana suportei essas dores, azia e enjoos que não são exatamente normais. Convivi com o desconforto e os vômitos nos piores momentos possíveis. Eles parecem saber quando não é a hora de chegar e vêm.

— Senhorita Barcelos? — As unhas em tom de chocolate, usadas pela minha supervisora, Sra. Lilian Dieter, tocam a pilha de livros catalogados sobre minha mesa. Aprendi a temer o olhar dessa mulher. Ela parece não gostar muito de estrangeiros. — Quero que tire o dia de folga amanhã e procure um médico para resolver o seu problema de... “Estomago”, suponho.

A forma como fez aspas com os dedos me pareceu irônica demais.

— Ah, não será necessário. Estou muito bem. — Minto descaradamente. Aqui o salário é definido por horas de trabalho, não posso me dar ao luxo de perder oito horas para ir ao médico.

Com os lábios franzidos, como se estivesse com nojo, ela continua.

— A senhorita só retornará à esta universidade com um laudo médico em mãos. Fui clara?

Nossa! Como água... Gelada, bem gelada.

— Sim, perfeitamente clara.

Ela gira em seus calcanhares e sai deixando um rastro esnobe para afirmar sua presença.

Lilian demonstra não gostar muito de mim, pelo menos é o que parece. Nunca fui maltratada ou bem tratada por ela. A mulher simplesmente é neutra e observadora, quase bisbilhoteira. Todas as vezes que me senti mal ela apareceu. É como uma sombra, brota dos cantos, sondando sobre todos os alunos sob sua supervisão.

— O que ela queria? — Assusto-me com Paloma, uma espanhola que descobri ser a pessoa mais querida que tenho aqui. — Hum?

— Já te contaram que isso é uma biblioteca, não é? — Repreendo-a —Cristo, fale baixo.

— Ah, esqueci. Sério. Mas agora conta: Ela veio só te dar bom dia?

— Claro! Que não. Ela nunca me deu um único “bom dia”.

Conto sobre o que aconteceu e terminamos nosso horário antes de seguirmos para o *Covent Garden* de metrô. Paloma é outra que tenta me convencer que dormi com alguém aqui e estou esperando um bebê inglês, mas que não tenho coragem de admitir para mim mesma.

— Ok. Então vamos a uma lista de possíveis candidatos. — Fala com a cara mais porca do mundo. As vezes vejo a Dora nos trejeitos de Paloma. — Quais foram os últimos três caras com quem transou?

— Três? — *Nem sei se estou incrédula ou chocada.*

— Sei lá, podem ser mais. Não estou julgando. Eu mesma já perdias contas de quantos cara já peguei, amiga. Londres é cheia de possibilidades.

Impossível segurar as gargalhadas, com a cara de paisagem que Paloma faz ao falar da sua vida sexual. Enquanto eu via três como um número grande, ela simplesmente não sabe com quantos caras já transou.

Figura!

— Às vezes eu acho que você é uma personagem, sabia? Com quantos caras já transou aqui em Londres?

— Aqui? Ah... acho que desde que cheguei uns... doze, quinze. — Levanto as mãos sem saber como reagir. — Talvez menos.... Olha, estou aqui há um ano e acho impossível uma pessoa solteira, boêmia e jovem como eu, resistir aos homens escandalosamente lindos da terra da rainha. *Los hombres ingleses son misteriosos*. — Termina com seu espanhol carregado, voz alta e desavergonhada.

— Senta, que eu vou te chocar agora. — Imito sua forma exagerada dela falar, sacudindo os cabelos e abrindo a boca mais que o necessário para pronunciar as palavras. — Eu só transei com um homem e toda a minha vida. Passamos três anos sem ficar e eu não me envolvi com ninguém. Quando fiz sexo novamente, foi com o mesmo cara... Infelizmente.

Bento não merece esse crédito.

Por um segundo achei que seríamos expulsas do metrô. Paloma soltou um gritinho escandaloso, e mesmo tentando, não consegue o sorriso que escapava pelos dedos. Seus olhos lacrimejavam pelo esforço. Não sei se estou vermelha, roxa ou bordô. A única coisa que tenho certeza é que nunca mais contarei nada a ela em público para evitar sermos presas por perturbação da ordem. Aqui não é a Espanha e nem o Brasil, as coisas são mais comedidas.

— Por um lado isso facilita as coisas. Só temos um suspeito.

— Nem brinca com uma coisa dessas. Minha irmã gêmea está comendo o pão que o diabo amassou, por causa do irmão dele, e a mais nova vive às brigas com o primogênito dos Malamam, por ciúmes exagerado. A família é completamente descompensada.

Recebo um olhar divertido.

— Três irmãs com três irmãos? Parece meio clichê, como novela mexicana.

— Não exatamente. Para todos os efeitos eu nunca estive com o Bento, isso é quase um segredo de estado. Quando nos conhecemos, minhas irmãs nem sonhavam que um dia ficariam com algum Malamam. Só que ele é um idiota e destruiu qualquer chance de ficarmos juntos.

— Ele traiu você?

Não! Ele traiu nós dois.

— Traiu. E o pior é que eu estava lá. Vi cada segundo e não tive reação, entende? Naquele dia algo se quebrou dentro de mim para sempre.

— Conta, amiga. Falar faz bem.

Como ainda temos alguns minutos de caminhada até em casa, decido que é hora de colocar isso para fora e deixar o passado para trás, de toda as formas. Conto como conheci Bento e tudo o que vivemos em um curto espaço de tempo. Falo da paixão fulminante, da nossa amizade fora do normal e, principalmente, sobre o sentimento que nos ligava. Pelo menos para mim. Quando tentei apenas comentar sobre nossa primeira vez, foi impossível, Paloma praticamente me fez um interrogatório e acabei rindo muito ao contar todos os detalhes, incluindo o tamanho do pinto dele.

— Alguns dias depois da nossa primeira vez, já estávamos em uma rotina de casal. Saíamos do trabalho juntos. Almoçávamos e passávamos as folgas enrolados um no outro de forma que ficar separado era nulo.

— E sua irmã, não soube?

— Não! Trabalhávamos em turnos diferentes, quando uma estava em casa a outra estava no trabalho. E Dora sempre gostou de sair com os amigos. Ter a casa só para nós era a coisa mais simples. Só ficamos separadas quando precisei ajudar uma prima recém-chegada à cidade, mas foi por pouco tempo. Dias.

— E então? Foi aí que ele te traiu?

Concordo com a cabeça.

— Eu resolvi esperar o Bento no seu carro para fazer uma surpresa e ir com ele para algum lugar que pudéssemos ficar a sós. As coisas estavam cada vez mais intensas, nos víamos todos os dias, ainda mais que antes. Dora havia conseguido folga de muitos dias para curtir com nossa prima, e com isso, eu e Bento ficamos sem lugar para namorar. Maldita hora que cheguei aquele estacionamento!

— Eles estavam metendo no carro, e você chegou? — Minha amiga pergunta escandalizada.

Quem dera se fosse só isso.

— Não. Não só isso.

— Conta, cacete!

— Peguei algumas roupas, coloquei em uma bolsa e fui esperar por ele no estacionamento. Eu sabia que naquele dia eram apenas consultas agendadas. Quando percebi, ele estava chegando — tremo — aos beijos com a vagabunda da secretária que dava para metade do hospital, inclusive para homens casados. — Disfarço e limpo as lágrimas que escorrem por minhas bochechas. — As vagas da diretoria ficavam próximas à escada de emergência e havia uma enorme coluna bem ao lado. Consegui esconder-me entre elas e como estava com pouca luz, fiquei invisível.

— Amiga... Às vezes ele... — Posso sentir a pena na voz de Paloma.

— Consegui ver apenas da cintura para baixo. Bento a jogou de bruços sobre o capo do carro, abaixou sua calcinha e entrou de uma vez só. Parecia um bicho no cio, um cavalo selvagem montando uma égua. E ela permaneceu parada, soltava pequenos gemidos abafados, acredito que ele pressionava sua boca para que não gritasse.

— Você... você ficou lá assistindo tudo sem fazer nada? Isso é masoquismo, sua louca.

Deve ser.

— Eu estava em choque, entende? Foi como assistir um filme de terror, com personagens de contos de fadas. Aquele tipo de

experiência que destrói seus sonhos. Bento nunca me tratou daquela forma grosseira, das vezes que estivemos juntos, transando, ele foi tão perfeito que não consegui enxergá-lo ali. Entende o que quero dizer?

— Não.

— Meu corpo tremia tanto, Paloma. Bento investia rapidamente, mas não era com gana, era com pressa. Ele parecia simplesmente querer gozar e pronto.

— Ele percebeu que você estava lá? Como terminou? Olha... Eu nem sei o que dizer, isso tudo parece louco demais para mim. Eu teria entrado no meio e feito um escândalo daqueles e todos saberiam o quanto esse cara não presta.

— Não durou muito. Em menos de cinco minutos ele gozou. Amarrou a camisinha, que eu nem tinha visto ser posta, e fechou o zíper. O pior veio com a frase que ele disse ao terminar.

— Que frase?! — Vejo raiva espanhola nos olhos da Paloma.

— “Sinto falta de uma mulher de verdade”.

— Nãoooo!

— Ele disse isso, você acredita? Como alguém faz isso com outra pessoa, sabendo o quanto foi importante para ela? Nesse exato momento percebi que chorava muito. Um soluço esganiçado escapou das entranhas junto com a dor que segurei dentro da eternidade daqueles cinco minutos. Cinco trágicos minutos. — Digo a última parte com desânimo. — E foi aí que ele percebeu minha presença e vi em seus olhos surpresos, mais sentimentos por mim do que seu ato demonstrava, mas era tarde demais para qualquer palavra, pois o ódio varreu tudo o que um dia eu havia sentido por aquele homem.

Quando dei por mim já estávamos entrando em um café na *Henrietta St.* Paloma olhava-me com um semblante penoso e percebi que as lágrimas foram minhas companheiras enquanto relatei o passado, as lágrimas nunca me deixam quando trata-se de

Bento Malamam. Ele tem esse dom de me fazer chorar. Paloma pega chá com leite para mim, e percebo que ela notou.

— Chá com leite. — Digo limpando o nariz que escorre. Coça e lateja. Com certeza deve estar parecido com o de um palhaço.

— É a única coisa que você tem comido ultimamente. — Sorrio com o seu cuidado e atenção. Ela parece louca, mas é de um coração enorme. — Acha que sou cega? Eu vejo as coisas, Sa. Vejo mais do que você tenta passar. Há dias não almoço, nem come qualquer outra coisa. Chupa pastilhas para azia, uma atrás da outra. Sabe o que eu penso?

— Tenho até medo de perguntar.

Na atual conjuntura, tenho medo de questionar a mim mesma sobre o rumo que as coisas estão tomando sem a minha permissão ou conhecimento.

— Você, no fundo, sabe que está grávida desse cara. Lá dentro, bem no fundo, isso já é uma realidade, mas é doloroso demais aceitar e enquanto a barriga não aparecer, os seios não jorrarem e o bebê não chorar, você irá negar por medo. Talvez até arrependimento.

Isso sim me fez chorar. Foi como se uma cortina de veludo caísse diante de mim e todas as peças fossem se movendo como em Jumandi. E de repente o jogo está perdido e eu ainda mais. Faço uma pequena retrospectiva dos meus três dias antes de viajar e percebo que, ali o meu destino foi alterado. Vejo o momento do passado. A escolha errada e tudo desmorona diante de mim.

Uma escolha, uma decisão aparentemente irrelevante é capaz de deslocar as peças e mudar completamente o rumo das coisas. Se antes eu viria para Londres e estudaria por dois anos até me formar e depois retornaria como uma mulher de sucesso e livre, hoje sou uma mãe solteira, sem família ou amparo por perto.

Que saída eu tenho, além de voltar para o Brasil? Sem diploma, sem emprego e sem dignidade. Se com Dora meu pai deixou de falar, comigo o que fará?

— Eu estou grávida! — Digo chorando. Mais do que chorar, eu me desespero. Não por saber, mas sim por aceitar. — Acabou tudo, amiga. Não só o meu coração, mas meus sonhos, ele também destruiu.

— Ei! Isso não é o fim do mundo. Qual o problema de ter um filho, aqui? Nada acabou, só ficou mais difícil para administrar. Vai desistir assim, tão mole?

— Tem ideia do que minha irmã está passando, com essa maldita família Malamam? Logo serei eu a perder o apoio do pai e até mesmo a bolsa de estudos da qual eles se orgulham tanto. Sou de uma cidade interiorana e lá ter filho estudando no exterior é motivo de grande orgulho. Meus pais sonham com o meu diploma tanto quanto eu, ou mais.

— Vamos por partes. De quantos meses deve estar? Dois ou três?

— Uhum! Sei exatamente o dia que engravidei, foi um dia antes de embarcar. Estou aqui há dois meses, estou grávida de dois meses.

— Temos alguns meses pela frente. E não será complicado de esconder, se você precisar... — Confesso ter ficado chocada com essa hipótese. — Espere para saber como as coisas vão se resolver com sua irmã, já que isso te aflige tanto assim, e conte depois, com calma. Acho que sua família já está sobrecarregada de problemas.

Ela tem razão, todos estão tensos com a situação de Dora e não posso simplesmente aparecer com uma barriga sem pai, ou pelo menos sem uma explicação, e não tenho isso agora. Decido esperar um pouco para saber onde estou pisando, preciso de tempo.

A conversa com Clare e Antony foi mais tranquila do que eu esperava. A bem da verdade é que eles já desconfiavam da minha gravidez e antes mesmo de mim, tiveram a certeza. Clare foi comigo ao médico e temos conversado muito, muito mesmo sobre filhos e em como isso vai afetar os conflitos já existentes no Brasil. Ela não concorda com a ideia de esperar para revelar a minha condição, mas respeita o meu posicionamento.

Por hora fica decidido que continuarei a vida como antes. Mantenho contato por telefone com meus pais e irmãs, sigo com os estudos e estágio.

Antony passou dois dias revirando o sótão, limpando, mexendo com tinta e lixando coisas que não soube do que se tratava. No final da semana de trabalho, cheguei em casa extremamente cansada e um pouco triste por uma conversa que tive com a Dora, ela está cada dia mais decepcionada com Lorenzo.

Como me dói toda essa impotência.

Assim que entrei, percebi o clima mais harmonioso e uma luz que a casa não tinha, algo bom no ar. Vi que alguns itens foram retirados do sótão e incluídos na decoração da casa, como: Vasos, bibelôs e alguns quadros coloridos, tudo muito bonito. Além de uma bela manta vermelha sobre o sofá.

— Está tudo bem, Clare? A casa está linda. Adorei!

— Sim, querida. Tudo maravilhoso, como há muito tempo não estava. — Ao me abraçar diz em meu ouvido. — Antony tem uma surpresa em seu quarto, vá olhar. Ele está lá há horas, mas ficou perfeito. Espero que goste, mas se não gostar... — corro para o quarto sem a deixar terminar.

Sim, eu sei que isso é relacionado ao meu bebê, tem que ser. Os dois estão super animados com a gravidez, são a animação em pessoa... em casal. Para uma coisa minha gestação está servindo muito bem: Trouxe sorrisos e esperança à essa casa.

— Posso entrar? — Pergunto antes de abrir.

— Já estava na hora. Entre!

Oh meu Deus!

Um berço de madeira escura com um padrão mais antigo, porém lindo, está montado ao lado da minha cama. Junto a ele, mantas brancas bordadas com fios dourados, formando asas de anjo. Uma cadeira de balanço também foi colocada, parece lixada

até ficar mais fosca que o normal e almofadas xadrez enfeitam o acento e encosto.

É lindo. É mais do que lindo, é sublime!

— Isso é muito, Antony.

— Isso é amor. Amor por você e pelo bebê que logo habitará esta casa e mesmo sem isso, já alegra nossas vidas mais uma vez. Há muito que eu não via o sorriso da minha esposa e nosso pequeno já foi capaz de me devolver algo tão importante.

— Antony, não sei o que dizer. — *E realmente não sei. Estou muito emocionada.*

— Apenas aceite e será perfeito. Essas coisas eram de Kate, guardamos para nossos netos, mas eles nunca chegarão. Nos dê o prazer de vê-los sendo usados novamente.

O mais impressionante de estar longe da sua família é que nos apegamos as pessoas e descobrimos que o amor só precisa de amor para existir. Estou de uma forma que, qualquer abraço se torna o paraíso na Terra. Gestos como este, são além da compreensão.

A vida no trabalho não será a mesma nos próximos meses. Se antes Lilian era apenas uma superior em busca de falhas por parte dos seus subalternos, agora é uma superior em busca das minhas falhas. Sinto-me observada, vigiada e principalmente testada à toda prova, com horários, serviços e metas.

Clare me instruiu a procurar a reitoria da universidade para deixar claro o meu estado atual. Fiz isso antes mesmo de informa à Lilian e fui apoiada em minha decisão de continuar, mas tenho a livre opção de cursar em período integral ou meio período. Como estou muito no início da gestação, preferi deixar essa decisão mais para frente, no momento, preciso aceitar a ideia e refletir em como isso será passado para a minha família.

Que eles me perdoem o segredo, mas só eu conheço meu coração e ele pede um tempo.

Capítulo Cinco

Maio 2014.

Por Bento

— Por que não dorme aqui? — Pergunta a loira — Vou adorar.

— Porque eu tenho casa. O que vim fazer aqui, já fiz.

O sexo foi bom para ela e deveria ter sido para mim também. O problema é que aqui não tem o que mais desejo, não tem o cheiro que alucina meus sentidos, o calor do sentimento mútuo. A mulher capaz de satisfazer todos os meus anseios está há milhas de distância. Me odiando.

A odeio por me deixar mais uma vez.

Faço o caminho da minha casa, mas volto ao perceber que preciso conversar. Preciso de alguém que entenda esse lado masoquista dentro de mim. Leônidas é exatamente essa pessoa, temos a mesma alma, um instinto semelhante. Predador e apaixonado.

Já é noite. Converso, explico meus medos e principalmente, conto a ele tudo do passado deixando-o com a boca aberta por nunca ter desconfiado de nada. Claro que preferiria falar de sentimentos com Lorenzo, e de sexo com Leônidas, mas tive que focar em um só, já que o outro está fora de órbita no momento, perdido em seu próprio inferno particular.

— Não vai falar nada? Vim até aqui para você ficar com essa cara de tacho, para mim? Na boa... devia ter amarrado Lorenzo e o feito me ouvir, mesmo com os problemas dele saltando aos olhos. Você não me dá uma solução, cara.

Leônidas ri, pede que eu me acalme e sente um pouco, mas mesmo assim prefiro continuar de pé. Estamos no deck da piscina.

A única coisa que sei é que ele trepou hoje, já que vejo as marcas de unhas nos seus ombros, pescoço e braços.

Cheio de coisa para pensar e estou olhando as marcas de sexo dos outros.

— Só para eu entender. Qual o seu problema com a Patrícia? Acho que não entendi essa parte. Tudo bem que você quer um sexo forte, quer alguém que não fique cheia de “não me toque”, mas não dava para ensinar a mulher que você quer, a fazer do jeito que você gosta? Moleque, ela veio crua para você, era só mostrar o caminho e seguir fodendo.

— É só isso? Falou o pensador filosófico da casa.

Ameaço ir embora.

— Não, Bento, não é só isso. Faltou você me dizer o que ela fez quando te viu comendo a Patrícia no estacionamento. Só aí te dou meu parecer definitivo.

Odeio lembrar isso, definitivamente eu odeio.

— Nada. Escutei um barulho e quando olhei para trás havia uma bolsa caída no chão. Só aí entendi o que estava acontecendo. Vi o rosto dela vermelho, as lágrimas entravam pelo decote da blusa. Tudo pareceu tão louco, imagine! — Reflito um pouco olhando para a água da piscina e digo sem voltar o olhar para meu irmão. — Eu tinha passado os dois primeiros dias sem estar com a Safira, desde que nos conhecemos, ela tinha compromisso com algum parente e isso deixou uma brecha para eu rever o que estávamos vivendo.

— 48 Horas sem ela e você já entrou em outra calcinha. Complicado!

— Lembra como estava o seu casamento, há três anos atrás? Lembra que Lorenzo namorava com uma arquiteta e tinham terminado, mas ela fazia escândalos e cenas bizarras na porta do hospital? Nosso irmão estava em frangalhos, não como hoje, mas estava mal. Tudo o que eu sabia fazer era trabalhar, sair, curtir e trepar. Estava descobrindo a potência do meu corpo, havia perdido aquela energia afoita de garoto e cada dia me surpreendia com a

resistência que a experiência me trazia. Ali eu queria somente testar meus limites e comer o maior número de bocetas que conseguisse. Todos passam por isso um dia.

Meu irmão sorri. Parece contrariado.

— Isso só tem três anos, Bento. Você não era um adolescente. — Diz sério.

— Talvez você com vinte e oito anos fosse um adulto, sempre foi o mais velho, tinha mais responsabilidades. Eu sempre fui o caçula, cara. Não tinha porque ser responsável fora do meu trabalho. Da porta do consultório para fora, eu era apenas o Be. O Doutor Malamam sempre ficou lá dentro, junto com meu jaleco.

— Não acredito que essa será a desculpa para os seus erros. Tente algo melhor, mais convincente.

— Porra, Leônidas! Não estou aqui para me desculpar, estou aqui para desabafar e o seu papel é me dar razão, cacete. Você é meu irmão ou meu inimigo.

— Vou apenas ouvir, continue.

— Naquele dia a Patrícia veio com o modo piranha em *on* e isso sempre mexeu comigo, sempre gostei de sair com mulheres fogosas. Só que quando fiquei com a Safira, tudo ganhou outro sabor, outra perspectiva e eu simplesmente não tinha mais interesse em mulheres como as de antes, eu só pensava nela, só desejava o cheiro dela e a forma como me recebia por dentro, entende?

— Não sabe o quanto entendo. Isso deve ser de família. — Leônidas olha-me com uma das sobrancelhas levantadas e esfrega os arranhões com a mão.

— Pois é. Era assim. Só que eu não estava pronto, muito longe disso. O meu relacionamento com Safira caminhava para o que você e Lorenzo tinham. Ele com uma namorada chata e você com uma esposa pau no cu. Sei lá... Hoje vejo que tive medo de seguir o curso normal das coisas e um belo dia me pegar odiando a mulher com quem escolhi ficar.

— Transar com outra em um lugar público foi a solução?

— Não. Mas era uma prova, uma prova para mim mesmo de que tudo estava como antes, de que sexo sempre seria a mesma coisa, independente de com quem fosse. Patrícia ofereceu e eu aceitei, para provar minha teoria.

— Tem noção do quanto isso soa covarde?

— Tenho. Hoje eu tenho. — Esfrego o pouco cabelo que ainda tenho, pois logo estarei careca com essa maluquice. — Eu simplesmente decidi encontrar o que antes me satisfazia, para saber se ainda poderia ser satisfeito com tão pouco.

— E a que conclusão chegou, quando viu o sofrimento que causou nos olhos dela? Valeu a gozada?

— Não valeu uma única gota de suor, um espermatozoide sequer. Antes mesmo de saber que Safira estava ali, eu já havia percebido a burrada. O sexo foi tão mecânico e frio... Senti falta de uma mulher de verdade comigo, compartilhando o prazer e o desejo. Senti falta da minha mulher e não me contentaria com tão pouco.

— Suspeitei.

Naquele dia Safira virou as costas, limpou as lágrimas e foi embora sem nenhuma reação. A mulher mais firme e forte que conheci não teve forças para dizer nada, ela pura e simplesmente desistiu de mim. Quando a procurei no dia seguinte e disse tudo que me levou a fazer aquilo, ela apenas disse que não importava. Consigo escutar sua voz dizendo:

“Tenho nojo do dia que deixei você tocar em mim. Tenho pena do seu futuro, das mulheres que cruzarão o seu caminho. Mas acima de tudo, sinto vergonha de um dia ter estado nessa lista de conquistas vazias”.

Não digo que não mereci, só não merecia tanto.

“Se um dia eu fui alguém para você, jamais diga que me conheceu. O que tivemos morre aqui, Bento Malamam”.

Como rebater? Como não entender sua dor?

Respeitei seu pedido, atendi cada detalhe, até mesmo por vergonha. Sei o que fiz, eu estava lá e vivi tudo aquilo, mas ao mesmo tempo que reconheço, não entendo como pude ser tão imbecil. Juro que não entendo e nunca vou entender.

— Bento? Bento... Oh caralho?

— Oi!... Desculpa, viajei aqui.

— Percebi. Estou te chamando e você parece hipnotizado com a água. — Volto minha atenção para Leônidas. — Não sei se sou o irmão mais indicado para conselhos amorosos, mas posso dizer que estou muito feliz e só consegui isso quando fui honesto e mostrei o que realmente sou, para a minha Ninfa. E posso garantir que se eu tivesse feito metade disso aí que me contou, a Sarah teria arrancado os meus olhos ou coisa muito pior.

— Acho que eu preferia isso, à indiferença que recebi. Antes dela viajar eu cheguei a acreditar que tudo se resolveria...

Conto a ele sobre os dois dias mais perfeito que já vivi, até a maldição em pessoa me telefonar e tudo voltar à estaca zero... Ou melhor, tudo piorar, já que agora ela está há milhas de distância e eu nem sei como encontrá-la.

— Já pensou em ligar para ela? Tentar dizer o que sente?

— Posso tentar o contato da rainha, já que não faço ideia de onde ela esteja e não tenho o que inventar para conseguir essas informações.

— O amor emburrece mesmo, isso é um fato. Eu quase perdi minha mulher por burrice, Lorenzo está a caminho do precipício por burrice e agora você. — Diz zombeiro.

— Estou a caminho do presídio, pois vou te matar se não falar logo o que está pensando, filho de uma puta.

— Por um acaso, minha Ninfa é irmã da Safira e por mais acaso ainda, as contas de telefone da minha casa vêm com Londres de cima em baixo. Não creio que Sarah tenha nenhum outro conhecido em solo inglês, mas você poderá descobrir por si mesmo. Quer o fixo ou o celular? — *É um filho da puta mesmo.*

Sabe aquela criança de filme, chocada ao ver Papai Noel colocar o presente sob árvore? Estou assim, em choque e radiante.

— Você é foda, Léo! — Como brincadeira da adolescência pego em seu saco por cima da bermuda e ele bate na minha mão.

— Mas... só posso dizer que as contas estão na segunda gaveta do escritório e você vai reconhecer o número estranho assim que o vir. Eu não vi nada, não sei de nada e nunca falei nada disso aqui. Estou subindo, ocuparei minha Ninfa por algumas horas, não se espante com os barulhos que faremos, apenas ligue e vá embora, ou se quiser durma no quarto de hóspedes. Amanhã conversamos.

Observo as contas de telefone perguntando-me o que tanto elas conversam umas com as outras. São inúmeras chamadas para o Espírito Santo e ainda mais para Londres e para um celular local, que julgo ser de Dora, normalmente seguidas vezes, até mais de uma por dia. Será que elas têm tanto assunto assim? — Refletindo sobre a situação de Dora, acredito que este seja o motivo principal.

Já passa das 23 horas aqui, madrugada em Londres, mas isso não é o suficiente para me impedir. Alguma coisa dentro de mim pede por esse contato, ainda mais que antes, não é simplesmente saudade, mas também uma necessidade, um alarme soando freneticamente dentro do meu peito. Sinto-me piegas, mas é o que sinto e ponto.

Preciso falar com ela!

Tudo que me vem à cabeça é: Alô! Safira, eu sei que fui um idiota e errei muito com você, deveria ter agido como homem e não como um canalha, mas me arrependo e se você quiser, pego um voo agora para poder dizer isso pessoalmente.

Não, com certeza não será assim. Ela nem ao menos me deixará falar. Sequer me atenderá.

Depois de começar e parar a discagem mais de cinco vezes ensaiando diversos textos para convencê-la de que sou um cara diferente, agora. Resolvo deixar que a ligação se complete. Uma... Duas... Três... ... Dez chamadas e nada. Quando dou por mim...

— Mana, aconteceu alguma coisa? A Dora e o bebês estão bem? — Ela atendeu. Sua voz é de sono. Estava dormindo há muito tempo, com certeza. Ela repete exclamando pela irmã, mas não respondo, apenas escuto sua voz e respiração. Vejo que está preocupada.

— Sou eu.

Silêncio... Apenas o som de uma longa e tensa baforada no microfone do celular, mas nenhuma palavra. E como ela não emite nenhum som, resolvo me aproveitar desse raro momento de timidez e começar o que vim fazer.

— Sei que está aí, ouço sua expiração e poderia jurar que sinto sua presença e seu calor aqui ao meu lado. — Apoio a testa sobre a mesa e fecho os olhos em um surto de coragem vivaz pela linha telefônica. — Até o seu silêncio é melhor do que continuar sendo ignorado, por essa distância dos infernos que você resolveu estabelece entre a gente. Olha... Não, escuta... Isso! Escuta pelo menos o que quero dizer. Ok?

Nada, nem uma única palavra, mas a respiração ainda está lá.

— Quando nos conhecemos, você era a coisa mais verdadeira que eu tinha. Simples e real como nada havia sido antes. Quando eu beijei você, soube que era uma mulher para mais de uma noite de trepada gostosa e suada, você sempre mereceu mais que isso. Só que aquele não era o meu momento, apenas isso. Eu... Consegue me entender? — *Meu coração vai sair pela boca.* — Acho que estou afobado agora, deve ser isso.

Respiro refletindo sobre as palavras.

— Eu era só um moleque sem intenção de me prender, Safira. — Pronunciar o seu nome traz a realidade a mim. Ela está me ouvindo, sim. — Sua entrega foi tão forte e tão verdadeira, não pude reagir naquele momento, mas com o passar dos dias as coisas foram tomando forma e nossa intimidade crescendo. De repente, me questionei se era aquilo que eu queria para mim. Eu olhava em volta e tudo que via era Léo vivendo um inferno naquele casamento e o Lo entre brigas com uma namorada neurótica. Tive medo de enfrentar o mesmo com você e perder a amiga que fiz.

Nem sei se estou realmente me justificando ou se simplesmente falo e não digo nada de concreto. Atropelo as palavras e embolo-me nas explicações.

— Aquele dia... O que você viu no estacionamento do hospital... Foi apenas, uma forma de me afastar dos sentimentos que cresciam em mim. Só quis voltar a sentir o desejo em trepar por instinto e por lasciva, entende? Sem sentimento e sem vontade de agradar o outro.

— Chega.

Sua voz. Tão melodiosa.

— Não! Me escuta mais um pouco, por favor. — Suplico.

Covardia camuflada de coragem, por milhas de distância. Sigo com o plano sem deixar que ela tenha tempo de pensar.

— Acredite em mim. Foi apenas uma fase de testosterona em alta, somada a experiências alheias com mulheres erradas. Para mim, o importante era ter um buraco quente e úmido para me enfiar, sem cobranças e sem consequências. A última coisa que eu precisava era alguém pensando em namoro, noivado, casamento e filho.... Isso não era para mim.... Eu julgava não querer essas coisas, Safira.

— E agora, Bento? — *“E agora, Bento?”* Por alguns segundos deixo a sua pergunta no ar. E agora?

— Só preciso de uma palavra e embarco amanhã mesmo. Quero e sei que posso te fazer feliz, como já fiz um dia. Não sou mais o mesmo.

Eu esperava qualquer reação, até a mais dramática possível. O telefone poderia bater na minha cara, ela poderia xingar até minha última geração ou apenas me ignorar, como sempre fez até aqui.

Mas o choro não era o que eu esperava dela. Não da minha mulher forte e decidida. Safira chorava compulsivamente. Soluços e gemidos dolorosos cortam meu coração em finas fatias de angústia. E mais uma vez, a distância me impede de abraçá-la.

— Não, não faz isso comigo, por favor. Apenas diga que ainda tenho chance e estarei aí amanhã mesmo. Não chora assim que não eu suporto.

— Bento...

— Estou ouvindo. Apenas diga, Sa.

Ouçõ-a fungar o nariz e tomar um longo fôlego, como se estivesse se preparando para discursar.

— Se um dia cruzar comigo na rua, finja que jamais me conheceu. O seu passado era curtição e nenhum compromisso? Esse é o meu presente. Tenha a dignidade de não estragar o que estou construindo sozinha. De você, só levo a experiência de não repetir o erro.

— Nossa!

— O seu lugar já está ocupado.

— Por favor, Sa...

— Boa noite.

Se foi um caminhão que passou por cima mim, alguém deve ter anotado a placa. Definitivamente ela não quer me ver, mas isso é maldade com quem já está caído.

Sem vontade de mais nada, apenas afofo as almofadas do sofá de Leônidas e deixo o cansaço agir. Se antes eu estava disposto à lutar para fazê-la feliz, agora sei que não sou capaz. Ela me odeia e contra isso não há argumentos ou batalhas. Não serei eu o cara chato a perturbar uma ex.

Espero que ela seja feliz. Como ela disse: No meu lugar já tem outro.

Capítulo Seis

Agosto 2014.

Por Safira

Sabe o amor? É uma bosta. Você vai se entregar, vai dar tudo o que tem e não receberá nada, ou melhor, receberá bosta em troca, e apenas isso.

— A senhorita está bem? Senhorita Barcelos? — O sotaque carregado pronunciando meu nome, após a frase em inglês, colocame de volta no cenário atual. Por alguns instantes fantasiei como seria esse momento ao lado dele. Mas passou.

— Estou bem sim, desculpe por isso. Apenas me deixei levar. O que disse, doutor?

— Disse que você espera um menino e ele está plenamente saudável. — Ok.

Respondo secamente.

— Ok?

— Eu tenho aula em uma hora e ainda preciso me alimentar, como o senhor mesmo disse. Será que estou liberada?

O homem vestido de branco que vem acompanhando toda a minha gestação até aqui, fica boquiaberto com as minhas palavras. Desde a primeira consulta, percebo seus olhares sobre mim, e ultimamente isso tem me incomodado bastante. Não sou obrigada e andar por aí folheando revistas de gestante e muito menos ser uma alienada que só fala em filho e gestação. Tenho minha própria forma de lidar com isso. Já bastam as conversas com Dora e Sarah por telefone, uma só fala de criança e outra em casamento. Socorro!

Aqui é como um mundinho particular, um universo aonde posso determinar minhas preferências e escolher se quero ou não abrir determinados assuntos, já que não é de costume dos moradores esmiuçarem a vida alheia.

— Safira, eu tenho uma amiga muito discreta que pode te ajudar com a aceitação da sua gravidez. Talvez seja o momento de requerer ajuda. Podemos marcar com...

— Eu não preciso de um psiquiatra, doutor. Algumas espécies são menos apegadas aos filhotes que outras, sabia? Tenho minha própria forma de levar o que estou vivendo agora. — Digo ríspida enquanto vasculho a bolsa em busca de algo imaginário para desviar os olhos dos seus.

— Não a sua espécie, Safira. Não precisa trancar os sentimentos, eles são bons em todas as fases da vida.

— Bom para quem?

— Seu filho precisará deles. Já precisa. Uma criança deve receber amor e cuidados desde o ventre materno, sinto que você não está pronta para isso ainda.

— Meu filho será amado, doutor. Se é isso que lhe preocupa. Eu apenas estou tentando... Não sei bem o que estou fazendo ao certo, coisas aconteceram e outras ainda virão. Não sei qual a próxima surpresa do destino para mim, doutor. Acho que ainda estou... me adaptando.

Após deixar sua cadeira, ele caminha até mim e se senta ao meu lado, juntando nossas mãos com cautela e respeito. A elegância inglesa é palpável neste homem.

— Acredito que ainda não percebeu o quão envolvida precisa estar para gerar uma vida. Você renega deliberadamente a sua gestação e isso é muito preocupante. No início cheguei a pensar que era vítima de abuso, mas percebi que esse não era o seu caso. É comum que meninas sintam repulsa por seus filhos, quando são fruto de um abuso, mas isso pode ocorrer em outras situações.

— Não sinto repulsa pelo meu filho. — Sou firme, mas mantenho os olhos no chão. Jamais senti isso, apenas quero focar em outras coisas além de estar grávida.

— E pelo pai dele? O que você sente pelo homem que engravidou você?

Desprezo.

— Realmente, não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. Já evoluímos em comunicação hoje. Vou pedir que retorne em quinze dias para uma nova conversa. Tudo bem?

— Tudo bem. Agora preciso mesmo ir.

As coisas têm tomado um rumo muito inesperado em minha vida. Mês a mês afundo-me em estudo e mais estudo, dia após dia deixo os amigos que fiz e evito os que tentam se aproximar de mim. Paloma tem feito muitos esforços para estar ao meu lado, mas confesso que desvio continuamente da sua amizade.

Livros têm me mantido de pé, minha calculadora tornou-se parte integrante do meu corpo, e o estudo é o único combustível que me move. Aos poucos, consigo esquecer a angustia que me assola ao tentar enxergar mais à frente, tentando montar os acontecimentos futuros na minha imaginação. A reação das minhas irmãs, a reação de Bento e principalmente: o impacto que isso terá ao ser aberto aos meus pais.

Para quem olha de fora, pode ser tempo demais escondendo um segredo, vivendo uma mentira, omitindo a realidade de quem merecia saber. Para mim que vejo meu corpo mudar, minha rotina ser alterada e meus planos irem pelo ralo, cada uma dessas coisas é um lembrete do erro que cometi, ao me permitir viver mais uma única vez o amor na sua forma mais carnal. Nem sei se o culpo mais, já entendi que a culpa de tudo isso é minha, pois se eu não tivesse insistido em um erro antigo, jamais estaria nesta situação.

— Safira. Safira, espera!!! — Escuro Paloma gritar meu nome assim que saio da estação do metrô próxima a faculdade.

Era tudo que eu precisava.

Ela caminha rapidamente até a mim e recebo um abraço totalmente inesperado, mas necessário. Às vezes esqueço como é bom ter pessoas quentes ao meu lado e poder contar com simples gestos de carinho.

— Oi, Paloma. — Digo um pouco constrangida.

— Semanas sem nos encontrarmos e é assim que você me cumprimenta? Com um “Oi” insosso? — Gesticula avidamente e se finge de ofendida, como só ela pode fazer.

— Desculpe, acho que estou meio azeda ultimamente.

— Não. Você é azeda naturalmente, mas eu gosto assim. Já imaginou se nós duas fôssemos como eu? Londres não sobreviveria. — Observo sua alegria e sorriso aberto. Paloma é uma versão ainda mais espevitada da Dora. Sua alegria é contagiante e intimidante ao mesmo tempo, qualquer pessoa pensaria que é irresponsável e desajuizada, mas não é o caso, ela é apenas espontânea. Talvez um pouco promiscua com seus relacionamentos, mas isso é problema dela. — Como você está? Além de fugir de mim, claro.

Sim, eu estou e sinto-me idiota por isso.

— Não estou lidando bem com algumas coisas e precisei de um tempo para pensar. Podemos conversar, se não tiver trabalho agora. Foi bom encontrar com você hoje.

— Mesmo se eu tivesse. Vamos!

Perco as horas, esqueço da vida lá fora e simplesmente derramo todos os meus problemas e medos sobre essa amiga que a vida me deu de presente, mesmo sem merecer. Escuto suas reclamações sobre família e aconselho-a a não ser tão incisiva com os pais, pois eles apenas desejam o seu bem e não estão tão preocupados com a sua vida sexual, mas sim com a sua saúde e bem-estar. Paloma vive um dilema por ser filha de políticos espanhóis e tentar, a todo custo, se desvencilhar do estereótipo de menina bem de vida. Com a nossa conversa, descobri mais sobre ela do que esperava e agora sinto-me pronta para abrir meus sentimentos.

— Não sinto o bebê. — Comento como se dissesse algo banal.

— Acha que precisa ir ao médico. Talvez a enfermaria.

Olho diretamente em seus olhos negros e digo calmamente, sem medo de julgamento, pois eu mesma já condenei tudo que há em mim.

— Não consigo sentir meu filho, como uma mãe deveria fazer. — Respiro profundamente. — Quando converso com minha irmã ao telefone, percebo o amor transbordando em suas palavras, os medos, os sonhos e, principalmente, a felicidade em meio ao caos que ela vive. Eu não sinto nada disso, entende? Sinto os sintomas da gestação, vejo a barriga crescer e até mesmo o bebê mexer. Mas não sinto como se fosse realmente meu.

— Você está dizendo que não o ama?

— Não sei, estou confusa quanto a isso. Sei que parece monstruoso, mas eu simplesmente não me vejo com ele daqui a poucos meses.

— Já pensou que tudo isso pode ser raiva, pelo que o pai dele fez com você, no Brasil? Você pode estar transferindo o seu ressentimento para a pessoa errada. Ele ou ela não tem culpa de ser filho de alguém que te magoou.

— Ele. É um menino, descobri hoje.

Paloma faz uma pequena festa com a notícia e resolve que já está na hora de começar a montar o enxoval. Sem pensar duas vezes sigo seu plano de viver um dia de cada vez e esperar pelos planos de Deus sem fazer planos próprios, apenas seguir.

E assim a vida segue seu curso, ao longo dos dias, semana após semana. Minha vida entra em um turbilhão de acontecimentos, tanto aqui quanto no Brasil, notícias chegam a todo momento, infelizmente todas são muito negativas. De certa forma os acontecimentos em casa me fazem refletir. Evito ao máximo falar diretamente com Dora, seu sofrimento é muito para mim e sinto que a qualquer momento entrarei em um avião para poder consolá-la.

Setembro passou e com ele a vida do meu sobrinho foi levada, agora Natan é um anjinho no céu que irá olhar por todos nós, tenho

certeza. Eu e Sarah passamos horas ao telefone e por fim sei que a gravidez de Dora escondia mais surpresas que poderíamos imaginar. Confesso ter levado algum tempo para assimilar tantas informações, mas uma coisa deixou meu coração menos carregado:

Não sou a única a esconder segredos.

A morte de Natan foi como um banho gelado em minha cabeça que fervilhava constantemente. Entender e conseguir até mesmo sentir o sofrimento da minha irmã ao perder o filho, foi como um choque de realidade. Naquela noite, permaneci agarrada com a minha barriga enquanto conversava com meu filho e pedia perdão a ele por nunca ter feito isso antes. Falei até mesmo de Bento, prometi que um dia ele saberia de toda a verdade e quem sabe não me odiaria por escondê-lo do pai. Em alguns momentos pude sentir chutes e soluções dentro de mim, isso foi ainda mais emocionante.

Clare e Antony têm me ajudado com muito. Desde a minha alimentação até as roupas do bebê, tudo tem a participação deles. Eles já assumiram o papel de avós e isso é emocionante para mim, que cheguei aqui sem amigos, sem família e sem expectativas de reencontrar esses sentimentos tão necessários. A única coisa que me assusta é a continuação da minha faculdade, isso sim é um mistério e um medo muito grande. A enorme barriga já cobra o seu preço e me tornei ponto de referência na universidade, quase poço ouvir as pessoas dizendo: Está vendo aquela grávida? Então, é ao lado dela.

Já é outono e as temperaturas começam a cair consideravelmente, hoje estamos com 9,4°C, coisa que aqui é normal e em São Paulo seria um frio de rachar o queixo, com certeza. Acho que nasci para o frio, gosto desse clima, das pessoas bem arrumadas andando pelas ruas. Sinto-me em um cenário de filme romântico e percebo que aos poucos isso torna-se muito familiar para mim. Constantemente tenho pensado em construir a vida aqui, ir ao Brasil como visita, mas morar aqui definitivamente. Essa ideia ainda precisa ser amadurecida.

Termino de arrumar o cabelo para encontrar com alguns amigos da universidade, na praça *Trafalgar Square*, onde acontece o Festival da Luzes, uma festa indiana promovida pela prefeitura local. Basicamente é uma mistura de cultura, cores, cheiros, comidas e muita música, acompanhada de belíssimas performances. É impressionante como aqui é uma terra quase sem rosto, pois é muito complicado encontrar um londrino em Londres. Encontramos todas as nacionalidades possíveis, de todas as crenças e etnias, menos londrinos e isso é tão engraçado quando estamos aqui. Acho que é por isso que tudo funciona tão bem, todos somos intrusos.

Enquanto nosso grupo conversa, aproveito para fazer uma dessas tatuagens de hena, na mão. A moça indiana é de uma delicadeza invejável a qualquer um, pétala por pétala ela traça um ramo de flores lindas subindo pelo meu dedo médio até o alto do meu punho.

— Nunca vi mãos tão lindas, as flores têm privilégio por estarem aí, onde eu gostaria de estar. — As palavras são ditas em inglês perfeito, sem sotaques ou chiados e uma voz é firme e melodiosa. Olho para cima e encontro um par de olhos acinzentados da cor do céu de Londres, tombados sobre mim como se eu fosse a única pessoa aqui.

— Obrigada, mas acho que está precisando de óculos. — Não contenho o sorriso, por mais que queira parecer indiferente.

— Estou enxergando muito bem. E a mocinha precisa aprender a receber elogios. Digamos que eu tenha um “fraco” por mãos bonitas e a sua é a mais bela que já tive o prazer de olhar. Prazer, sou Joshua Acker!

Claro que eu deveria fazer a indiferente e deixá-lo com a mão estendida, mas não farei isso com alguém tão lindo. Enquanto o comprimento, faço uma breve análise da sua belíssima imagem. Ele é alto, bem alto, e tem os cabelos castanhos jogados para cima, os fios são lisos e despenteados, baixos nas laterais e mais altos na parte de cima. A testa mostra quatro fortes marcas de expressão que denunciam sua idade, não deve ter menos de 35 anos esse

homem. Procuro por lábios e não os vejo, o estranho ostenta uma barba densa, com fios ruivos clareando o castanho e suaves pontas maiores na região do cavanhaque. Ele é lindo e tão másculo que chega a assustar, com tanta testosterona.

— Prazer, Safira Barcelos.

— De onde é, Safira Barcelos?

— Sou brasileira. — Ainda estou sentada com a mão direita sendo finalizada pela moça talentosa. O homem misterioso olha-me de cima sem desviar.

— Conheço o seu país, estive lá duas vezes. É belíssimo.

Assim que os desenhos são finalizados, o Sr. Acker não me deixa tempo para abrir a bolsa e faz o pagamento para a indiana, deixando uma boa gorjeta. Como estou vestida com casacos, sobretudo e cachecol, acredito que ele não tenha notado que estou grávida e não sou uma presa em potencial para a sua cantada. Por mais bonito que ele seja, aprendi que isso não é bom sinal.

— Que bom que gostou, Sr. Acker, mas preciso ir. Meus amigos estão olhando.

Ele encara o grupo de jovens, todos entre os seus vinte e vinte e cinco anos e acena com um sorriso sem mostrar os dentes, porém charmoso. Paloma e os outros nos encaram sem entender o que eu tanto converso com um estranho, pois nitidamente ele está interessado. Vejo isso pelo seu olhar serrado e postura altiva.

— Pode me chamar de Joshua.

— Não será necessário. Obrigada pelo presente! — Chacoalho as mãos para cima, referindo-me à pintura. — Mas será apenas isso. Tenho que ir.

Quando estou há dois passos de distância, sinto mão fortes cativarem meus ombros e logo algo é colocado em meu bolso.

— Este é meu número, se desejar conversar. Vou esperar ansioso.

Sem mais, ele me deixa e some em meio ao mar de pessoas encasacadas e barraquinhas de comida.

Respondi um interrogatório de Paloma, todos os nossos amigos acharam engraçado a abordagem dele comigo, mas logo o assunto morreu. Ao fim do dia, eu já estava em minha cama e o cartão do Sr. Acker destacando-se em minha mesinha de cabeceira. A luz do abajur faz o fundo perolado brilhar e destaca as letras escuras com seu nome bem desenhado

Como alguém aborda outra pessoa na rua, assim? Como pode ser tão envolvente?

Só faltou avisá-lo que estou fora dos limites, esperando um filho de outro e logo serei a estudante mais enrolada da UCL, com livros, fraldas e mamadeiras. Tempo para homens será um luxo. Mas o Sr. Acker me fez repensar em luxos por alguns momentos antes de adormecer.

Capítulo Sete

Dezembro 2014.

Por Safira

Minha família está em júbilo com o nascimento da minha sobrinha, finalmente a paz reina no Brasil e posso me sentir mais leve sem o sentimento de impotência diante do sofrimento dos que eu amo. Já em Londres, as coisas só melhoram. Para Antony e Clare, este é o neto que Kate não pode dar a eles, ou até mesmo uma nova chance de ver a vida nascendo tão intimamente.

Ainda não sei exatamente como ficarão as coisas após o nascimento do meu filho, mas sei que tudo dará certo com os amigos que fiz aqui. A única coisa que me atormenta é o fato de minha família verdadeira não saber sobre o bebê, isso virou uma bola de neve e já não sei como sair, como contar a eles que estou grávida e, o filho que espero, também é um Malamam. Sempre que converso com mamãe e ela pergunta como estou, as palavras vêm na ponta da língua, mas retornam assim que me recordo da reação de papai com Dora, quando ela contou sobre a gravidez. Quem me garante que comigo não será pior?

Reflito sobre a reação de Lorenzo, papai e todos os outros, ao anúncio da gravidez de Dora, que vivia com Lorenzo, ao contrário de mim e Bento. Por mais que hoje eu entenda seus motivos e saiba que são situações diferentes, isso ainda me assusta muito. Papai não entenderia meu segredo e jamais voltaria a me aceitar.

Estou frequentando reuniões de mães solteiras, em um centro de apoio da cidade, desde a morte de Natan, e isso tem me ajudado a dimensionar os meus problemas, finalmente. Depois de muita conversa com o meu obstetra, decidi aceitar uma ajuda mais “pessoal” e devo dizer que tem feito a diferença. Clare insistiu e me acompanhou nos primeiros encontros, e agora todas as quartas-feiras, converso com outras mães e com psicólogos sobre todos os sentimentos dentro de mim. Conheci meninas com problemas

graves de depressão e soube de casos realmente preocupantes. Hoje vejo o caminho que estava tomando e meu coração se enche de aflição ao supor até onde as coisas poderiam ter chegado, caso eu não procurasse ajuda psicológica.

Olho em volta preocupada, não vejo ninguém, nenhum rosto conhecido, nada. Há quase meia hora estou sentada em uma das cadeiras da biblioteca, observando os ponteiros do relógio. Sinto dores e sei, de alguma forma, que esse é o momento tão esperado e treinado em todas as aulas de “Novas Mães”, que fiz obrigada por Paloma. Ela fez questão de se identificar como “pai” e foi impossível não sorrir com a cara de pau dessa espanhola.

Abaixo a cabeça, mantenho a testa junto a madeira escura, meus dentes estão travados para evitar o gemido com a dor aguda irradiando da base da minha espinha para toda a região pélvica. Nos livros doía menos, muito menos.

Repreendo-me por ter deixado o celular na bolsa e a bolsa dentro do armário. Quem viria a biblioteca em pleno dezembro? Estamos na época mais festiva do ano, não é hora de focar nos estudos, mas eu trabalho aqui. Rezo que Deus envie alguém para me socorrer, não consigo gritar nem ficar de pé.

Não sei como ou quanto tempo levou, mas ao recuperar os sentidos, percebo que estou sendo transportada em uma maca, por socorristas da emergência. Há uma aglomeração de alunos e curiosos, um burburinho baixo e a sirene ligada deixam-me ainda mais desorientada.

— Amiga, eu estou aqui, amiga. Força! Te encontro lá. — De algum lugar, Paloma grita em portunhol com a voz estridente e escandalosa. Percebo cabeças virando na mesma direção da voz e pelas expressões, imagino os pensamentos dos ingleses ao se depararem com essa tormenta em forma de mulher, gritando sem o menor recato. Ela sempre me faz sorrir.

— O que aconteceu? — Seguro o punho de um dos homens que me carrega e questiono assim que recebo sua imediata atenção.

— Está tudo bem, senhorita. Fomos chamados, pois você foi encontrada por sua supervisora, estava desacordada em uma das mesas da biblioteca. Você está em trabalho de parto, segundo a avaliação do médico socorrista, logo conhecerá o rostinho do seu bebê.

Meu bebê!

Medo. Sinto o medo crescer dentro de mim e começo a entrar em total desespero, desejando um rosto conhecido, uma mão amiga para me socorrer. De repente, meu cérebro perde a capacidade de traduzir as conversas a minha volta, o suor escorre e tento a todo custo levantar. A mulher ainda grita do fundo da multidão, mas percebo que está mais próxima que antes.

— Deixa eu passar, ela é minha irmã! Saiam da minha frente, seus ingleses de bosta! Safira!

Depois da breve confusão, Paloma surge dentro da ambulância, descabelada, com o colo vermelho e as roupas mal arrumadas. Estamos em movimento. Uma agulha perfura minha veia e algo gelado percorre meu interior, logo as dores tem mais intensidade e mais frequência. Com um piscar de olhos já estou atravessando um longo corredor, luzes retangulares correm por minhas vistas e o cheiro, já conhecido, preenche minhas narinas. Estamos em um hospital.

Meu filho vai nascer.

— Quando sentir necessidade empurre com bastante força. Segure a respiração e empurre para fora. Ele já está aqui, posso ver seus cabelos! — Uma médica com as sobrancelhas ruivas e sardas, diz animada. Ela parece feliz com o que fez e isso lembra-me o olhar feliz de Bento ao trazer uma criança ao mundo. No mesmo instante sinto-me mal por tirar esse momento dele, mas logo o pensamento é substituído por uma forte contração.

— Arg!!!! — Em meu último suspiro de força o choro rompe meus ouvidos.

Meu filho nasceu!

— Parabéns, senhorita Barcelos! É um belo menino, já com 42 semanas.

Um pequeno corpo envolto em um pano verde hospitalar é entregue a mim, por uma outra mulher, a qual não me dou ao trabalho de olhar o rosto, pois meus olhos têm direção certa e nada mais importa. É como se um click interno ligasse um sentimento desconhecido dentro de mim e, aquele rosto nunca visto antes, tem uma familiaridade assustadora.

— Ele está bem? É perfeito? — Não era isso que gostaria de dizer, mas as palavras saltaram sem freio. Percebo que me preocupo mais com ele do que comigo mesma. O fato de ter alguém retirando a placenta ou de alguns residentes examinarem minha intimidade, não faz a menor diferença. Só desejo me assegurar do bem-estar do meu filho.

— Sim, senhorita! Seu bebê é perfeito.

Um rosto conhecido é sempre reconfortante. Ao chegar a enfermaria, encontrei minha família, a família que aprendi a amar. Clare externava a felicidade com a emoção que tenho certeza, ser a mesma sentida por minha mãe no nascimento de Milena. Antony, com seu olhar puro e afetuoso, não escondeu as lágrimas, o pudor, a vergonha e o machismo ficaram lá fora, aqui estava um pai vendo algo que a vida tristemente lhe tirou. O casal que perdeu seu bem mais precioso, deposita em meu filho o amor que guardavam em si. Eles o amam e isso basta para mim.

Amor, a palavra que um dia esqueci, aparece para mim de uma forma completamente diferente. Sinto-me culpada e ferida por um dia ter rejeitado meu filho.

Lábios em forma de coração sugam meu seio com fome e pressa. O rapazinho é esperto e aprendeu em segundos a se alimentar sem pedir licença. Seus olhos ainda são escuros, bem escuros, quase cinza. Mas os cabelos são brancos de tão loiros e isso machuca meu peito de forma egoísta, mas machuca. No fundo, gostaria que ele não lembrasse em nada o pai, para que minhas

memórias ficassem escondidas em um canto escuro da minha mente, mas a vida não é assim e eu não pude escolher. Todas as suas medidas denunciavam que será um homem grande, seus tons e nuances são as mesmas do pai e os traços também. De mim? Apenas o sangue.

— Eu ainda não tenho um nome, mamãe. — Clare chama a minha atenção para algo simples, porém deixado de lado com o passar dos meses. Ele sempre foi o “bebê”, mas agora precisa de um nome. — Já escolheu?

Sim! Não há dúvidas quanto ao nome. Quero eternizar uma pessoa muito importante nesse momento. E nada mais justo que dar o seu nome ao meu filho.

— Antony.

— Oi. — Ele responde como se o tivesse chamado. Sorrio com sua simplicidade e elegância.

— O nome do meu filho. — A confusão é substituída por orgulho.

— Verdade? — Confirmo com um balançar de cabeça. — Safira, não tenho palavras para expressar minha emoção. Só prometo ser o melhor avô que o nosso pequeno Tony poderá ter.

— Tony é um bom apelido, isso facilitará as coisas.



E o tempo passa...

O nascimento de Tony trouxe luz para esta casa. Tudo em torno dele é um evento memorável, desde as trocas de fraldas até os constantes engasgos com o leite, pois o garoto é varado de fome. Minhas madrugadas nunca foram tão longas, nem mesmo quando comecei a conhecer a noite paulista com as amigas do MAH. Os dias começam cedo e não tenho hora para pensar em dormir, normalmente emendamos tudo com pequenas pausas para cochilos.

Aproveito-me destes cochilos para colocar a matéria em dia, são muitas disciplinas severas e não posso me dar ao luxo de

perder um ano, sou bolsista e isso é coisa séria. Muitos amigos têm me ajudado nos estudos e os professores demonstram muita compreensão com o meu momento, mas sei que não devo abusar. Afinal, se ainda estou aqui é para estudar e farei isso. Hoje tenho mais um motivo para ser alguém competente e bem preparada, preciso fazer escolhas e definir prioridades.

Infelizmente a universidade me obriga a passar pouco tempo com o meu filho. A medida que ele cresce, minhas responsabilidades também crescem, meu curso se torna mais intenso e o tempo para a formatura mais curto. De certa forma estou tranquila, meu filho está em casa cercado de amor e cuidados, Clare é como uma avó para ele e os momentos mais lindos do dia são quando chego e os encontro brincando no tapete, cercado de almofadas. A casa virou um verdadeiro campo de batalha de brinquedos e por mais que eu arrume, Antony sempre diz: “Não faça isso. Nosso Tony gosta de ter tudo à mão, a bagunça é apenas detalhe.”

Não sei quem é o mais coruja desses dois. Tony em breve mandará neles com um chicote.

Infelizmente, a amamentação acabou ficando para segundo plano. Tony se alimenta com leite materno, mas não diretamente de mim durante o dia, faço a retirada do leite e congelo para que Clare o dê na mamadeira enquanto estou na universidade ou estudando. Está é mais uma das coisas que me torna quase descartável, pois a bem da verdade, ele fica muito bem sem mim e isso me incomoda às vezes.

O tempo corre e faz o seu trabalho. Sinto como se eu fosse nascida aqui, os lugares já são familiares, tenho amigos queridos e tudo que uma vida normal pode oferecer. O contato com minha família no Brasil é constante e maravilhoso, minhas irmãs estão felizes, meus pais realizados e contam os dias para a minha volta. Esse é o grande problema. Como voltar, se minha vida agora é aqui? Chegar em casa com Tony nos braços e dizer: “Olá, família!

Esse é o filho que eu tive e escondi de vocês por todo este tempo. Ah... já ia me esquecendo... Ele é filho do irmão dos meus cunhados, mas isso é detalhe, pois ele não sabe de nada. ”

Definitivamente essa não é uma possibilidade, mas as coisas foram acontecendo e eu fui covarde, tive medo, de certa forma fui egoísta e não quis estragar meus planos. Aqui tenho tempo e preciso usá-lo para tomar coragem. Se não contei até agora, é melhor deixar para a volta. Se eu um dia realmente voltar, pois hoje sou feliz aqui.

Aos poucos, consegui retomar uma vida que jurei ter perdido para sempre. Descobri que ser mãe não me impedia de ser como qualquer outro jovem da minha idade, porém com mais responsabilidades.

— Amiga, achei que você não conseguiria vir hoje. — Diz Cameron, uma amiga da universidade, faz radiologia e é daqui mesmo. Ela é o tipo de mulher que os homens gostam por aqui. Loira, alta e com seios fartos. Por fora uma escultura, mas por dentro é apenas uma menina doce. Nos damos muito bem.

— Também achei. Hoje o Tony estava grudado em mim, mas ele dormiu com o avô, assistindo desenho antigos. Antony não me deixou levá-lo para o meu quarto e aproveitei para sair. Há semanas não faço nada que não seja estudar e cuidar do meu filhotinho.

— Quando tiver filhos, quero ser como você, despojada.

— Eu me sinto assim. Vamos entrar?

Estamos em um bar muito movimentado em *Covent Garden*, onde todas às sextas, toca uma banda cover dos Beatles. Pessoas animadas, muita bebida e som nas alturas, é tudo o que temos aqui, além de ser ótimo para reabastecer as energias de fim de curso. São quase três anos estudando e convivendo com as mesmas pessoas, as vezes precisamos de algo diferente. Paloma, Cameron e outras amigas, batem ponto aqui pelo menos um dia na semana, em busca de bebidas e homens. Eu prefiro apenas conversar e ouvir a música, sem grandes expectativas. Definitivamente, dançar não é comigo e ficar bêbada não rola.

— Senhorita, o cavalheiro do bar pediu que lhe entregasse este drink. — Um garçom deixa uma taça sobre a mesa, a bebida é rosada, mas não desperta o meu interesse. Embaixo da taça há um bilhete escrito no guardanapo branco.

*Suas belas mãos ficarão
incrivelmente perfeitas adornando
esta taça.*

Demorou, mas te encontrei.

J.A.

Corri os olhos pelo balcão do bar, em busca do mentor daquelas palavras. Lembro-me de um sujeito que elogiou minhas mãos durante um evento hindu, que fui ainda grávida.

Será ele? Impossível tamanha coincidência.

Com um copo de conhaque e um menear de cabeça, ele me saúda. Surpreendentemente, vejo a mesma barba cheia e os mesmos olhos acinzentados, que piscam com o apagar a acender das luzes do local. Vestido completamente de preto, o estranho tem uma espécie de aviso aos visitantes, estampado em sua testa, que diz: PERIGO!

— Conhece? — Paloma pergunta ao meu ouvido.

— É o cara que me deu aquele cartão, no festival das luzes. Lembra? Eu ainda estava grávida na época.

— Depois de cinco tequilas? — Ela sorri para mim apontando para si mesma escandalosamente. — Não lembro nem meu sobrenome, amore!

É por isso que eu não bebo.

Procuro pelo homem do bar, mas não o encontro. Será que desistiu ao ver a cena grotesca de Paloma, em uma de suas noites do álcool? Por fim, desisto de procurá-lo e continuo conversando e me divertindo com meus amigos. Já passa das duas da manhã e envio uma mensagem para Clare, perguntado de Tony, logo recebo a resposta de que ele dorme desde que saí.

— Não bebeu o drink que mandei?

— Ah!

Nossa! Que susto!

Ao olhar para trás, ele está ali, continua muito bonito. Percebo que chama a atenção de todos à nossa volta, mas não olha para ninguém, apenas para mim.

— Esperei sua ligação por muito tempo, mocinha. Cheguei a voltar naquela mesma banca no ano seguinte, mas não te encontrei. Seria muita coincidência?

— Seria.

Educadamente, como todo inglês formal, ele pede uma das cadeiras da mesa ao lado e senta-se junto a mim. As meninas apenas observam, surpresas com minha aceitação à presença dele. Não costumo permitir que homens comecem qualquer tentativa de conquista amorosa, muito menos em uma balada. Sempre faço questão de lembrar onde isso me levou da última vez.

— Mas como sou paciente, meu dia chegou e aqui está você, a moça das belas mãos. Sempre usa esmalte negro?

— Isso é mesmo da sua conta? — Rebato sem disfarçar o sorriso.

— Ah é sim. Tenho uma espécie de fetiche por mão... e pés.

— É muita informação para mim. Não sei nem o seu nome. Então acho melhor começar de novo.

Com um sonoro limpar de garganta e com a testa franzida, mas sem deixar o humor de lado, ele começa.

— Prazer, meu nome é Joshua Acker, mas lembro-me de já ter dito isso antes.

— Prazer, senhor Acker. Sou Safira Barcelos e é um muito bom revê-lo, depois de tanto tempo. Espero que esteja bem.

Emendamos uma conversa gostosa, como há muito tempo eu não tinha, com alguém do sexo oposto. A música é alta, pessoas cantam e dançam a nossa volta e tudo contribui para que fiquemos

bem próximos, sua boca encosta em minha orelha para contar um pouco da sua rotina profissional e eu faço o mesmo enquanto conto sobre a universidade e os planos para o futuro. Seu olhar paira sobre mim quando conto que tenho um filho e pretendo retornar ao Brasil, mesmo sem saber ao certo quando. Sorrio com seu jeito galanteador em dizer que não pareço ter filho.

Às cinco da manhã, todos decidem ir embora, já que estamos quase fechando o estabelecimento. Ser o motorista da noite já é minha rotina, as meninas bebem e eu fico com o carro da Paloma, deixo todas em suas respectivas casas e sigo para a minha, só devolvendo o carro no dia seguinte. Aqui não é legal dirigir sob efeito de álcool, as consequências são graves.

— O que acha de um cinema amanhã? Ou algo que você goste de fazer durante a semana? — Joshua pergunta depois de bater à porta do carro para mim. Um sonoro “hummm” feito pelas meninas, já alcoolizadas, deixa-me completamente desconcertada, mas ele mantém o olhar sisudo.

— Não posso te responder isso agora, não depende de mim. Como eu disse, tenho um filho.

— Poderíamos assistir a um filme infantil. Você leva seu filho, comemos algo...

Essa hipótese surpreendentemente me assusta muito. Não quero um homem próximo ao meu filho. Definitivamente, não estou em busca de um relacionamento e meu pequeno não precisa sofrer com separações futuras.

— Joshua.... Eu ligo para você, prometo. E agora você também tem o meu número, mas com certeza quero o meu filho fora disso. Se sairmos algum dia, ele estará seguro em casa.

— Não pretendo machucá-lo. — Diz sério, mas seu olhar é profundo em mim.

— Não é isso. Apenas gosto de preservá-lo.

— Espero sua ligação.

Agosto 2015.

Por Safira

A semana inteira passou e eu não liguei para Joshua, talvez por medo ou pelo simples fato de não querer me envolver com ninguém no momento. Tenho muitas coisas para pensar, decisões à tomar, um homem agora não ajudaria em nada. Apesar disso, em outros momentos, pergunto-me se sempre será assim, já que tenho a certeza de nunca retomar um relacionamento com o pai do meu filho. Não posso colocar o passado ou Tony como motivo para me fechar em copas e abrir mão de relacionamentos. Um namoro, quem sabe? Pois casamento não tenho em mente. Ou talvez um caso,-para passar o tempo.

As meninas insistiram para que eu ligasse e desse uma chance Joshua, mesmo que seja apenas um cinema e que não chegue à lugar algum, porém não estou certa disso. Sempre que penso, crio mil situações negativas e desisto.

— Você não sente falta de um homem te pegando de jeito, mordendo seu corpo, arrancando sua roupa com desejo...

— Ei! Xiiuuu!

Pelo amor de Deus, essa criatura é completamente irresponsável. Estamos sentadas na sala, enquanto Tony brinca com suas peças e balbucia coisas sem sentido, arrisca ficar de pé, mas cai e nós duas rimos e filmamos tudo.

— Ele não entende, mas para ele nascer você precisou trepar com o pai dele. Então não me diga que não gosta da fruta, porque dela eu chupo, chupo literalmente até o caroço.

Por mais que eu tente segurar a gargalhada, é impossível fazer isso com a expressão e a cara de pau dessa garota.

— Não preciso necessariamente de um homem para ter prazer. Posso perfeitamente fazer isso sozinha, sabia?

— Claro que pode. Mas o peso de um homem com mais de 90kg nunca será substituído pelos seus dedos ou por um vibrador. O calor e a maciez da língua molhada de uma cara te chupando enquanto enfia os dedos em você nunca será compensado por nada. Na boa?

Já perdi a conta de há quanto tempo você não tem um orgasmo provocado por outra pessoa e isso é preocupante.

Eu deveria responder alguma coisa, mas não tenho palavras.

— É.

— É?... Só isso, “É”?

— Eu já tive orgasmo com outra pessoa desde que cheguei aqui.

Paloma arregala os olhos e junta as mãos como se estivesse rezando ou implorando por algo, antes de perguntar.

— Como assim, garota? Eu conheço o santo?

— Ridícula! Não foi um homem. — Agora sim ela está chocada. — Foi um personagem.

— Despeja, anda!

— Fiquei tão excitada lendo *Up In The Air* que acabei perdendo o controle. Quando percebi estava ofegante no sofá. Cheguei a vasculhar o corredor para ter certeza que ninguém havia visto. Ah que vergonha!

— O nome disso é NECESSIDADE. Vamos ligar para esse santo milagreiro, que conseguiu arrancar vários sorrisos de você lá na boate.

Muitas brincadeiras e risadas depois, eu aceito a aposta de ligar e se ele atendesse no segundo toque, eu falaria, se não, eu poderia desligar. Tony acabou dormindo no colchãozinho do tapete e nós duas permanecemos ali, mesmo com o plano. Clare e Antony foram à um jantar e devem voltar tarde, por isso minha amiga decidiu ficar comigo essa noite.

Quando o telefone terminou o segundo toque finalizei a ligação, afobada e assustada deixei o aparelho cair quando começou a tocar quase imediatamente. Não tive coragem de atender, deixei que chamasse até que Paloma deslizou o botão e um audível “Alô” soou do outro lado da linha.

— Safira? Está aí? — *Oh meu Deus! Esqueci que ele tem o meu número. Mas se tem, por que não ligou durante a semana?*

— Oh... Oi, Sr. Acker. Desculpe, acho que liguei sem querer. — *Idiota.*

— Que bom! Não aguentava mais esse chá de cadeira. Você é definitivamente a mulher mais frustrante que já conheci.

— Poderia ter me ligado, já que tem meu número. — *Isso! Passe a culpa para ele.*

— Preferi te dar um tempo para decidir. Ligaria amanhã, quando tivesse certeza de não estar na universidade, imaginei que durante a semana seria mais complicado, com estudos e seu filho.

Sim, ele tem razão. Gostei dele! Pelo menos é responsável.

Quando conversamos na semana passada, ele disse que é economista e trabalha para o governo, tem 38 anos e mora sozinho. Hoje a conversa foi mais curta, apenas o suficiente para eu aceitar seu convite para o cinema e depois um jantar, em um restaurante italiano que gostaria de me apresentar, como um-encontro oficial.

Acho que minhas mãos nunca suaram tanto e se eu continuar e estalar os dedos, terminarei com problemas nas juntas. Quanto mais a hora passa, mais o ponteiro se arrasta e eu me arrependo. Amanhã à essa hora, estarei em meu primeiro encontro pós Tony, e ser uma mãe com um encontro marcado, faz com que eu me sinta um pouco vulgar e quase ridícula. No entanto, estou decidida a arriscar.

Capítulo Oito

Março 2016.

Por Safira

Aceitar o convite de Joshua foi a atitude mais acertada que já tomei nos últimos anos, sem sombra de dúvida. Agradeço todos os dias por ter alguém tão companheiro em minha vida. O estranho é que mesmo com tantas qualidades, coisas que sempre desejei em um homem e sonhei para a vida, falta algo.

O primeiro encontro logo virou o segundo, terceiro... em quinze dias, estávamos nos vendo cinco vezes por semana e no final do primeiro mês, ele havia conhecido Clare, Antony e Tony. Meu filho gostou dele imediatamente, os dois se dão muito bem, mas ainda não permito nenhuma intimidade à sua frente. Por mais que Tony não entenda e seja muito pequeno para assimilar contatos mais íntimos, acredito que qualquer coisa além do normal será demais para a cabecinha dele.

Quando desejamos mais liberdade e intimidade, vou para a casa dele, assim como ontem.

— Adoro vê-la penteando os cabelos. São lindos! — Joshua observa-me com o semblante intenso e sensual.

— Obrigada!

Já com as luvas, busco minhas chaves sobre o aparador. São raras as vezes que durmo no apartamento dele, mas ontem foi seu aniversário e optamos por um programa caseiro, com direito à fondue de queijo e vinho. Não costumamos fugir muito disso, habitualmente curtimos a vista da janela com uma música suave ou um bom filme. Joshua gosta de filmes antigos, cinema mudo, clássicos franceses e, tenho aprendido muito com o suas preferencias peculiares.

Minhas provas finais começam em poucos dias e não posso sonhar em perder aula. Com o fim do curso, vem o fim da minha

estadia na Europa e isso assola minha mente há semanas. Preciso conversar com ele, só não sei por onde começar. A impressão que tenho é que sempre que o assunto migra para o meu retorno ao Brasil, Joshua encontra formas, meios para desviar e tomar outro rumo.

— Não dormiu bem à noite, mal comeu e descascou o esmalte das unhas. Tem algo importante para me dizer?

Observo-o sentado em sua poltrona de leitura e tomo um suspiro antes de começar. Gosto dele, gosto daqui e ainda mais de viver essa nova vida. Mas tenho contas a acertar no Brasil e não tenho nenhuma desculpa relevante para me manter aqui. Essa mentira já foi longe demais.

— Um dia eu disse a você que a minha volta ao Brasil era inevitável. Venho tentando dizer isso sempre. Isso nunca foi um segredo ou mistério.

— Está terminando a universidade. Foi para isso que veio.

— Sim. Não tenho como adiar a minha partida. Meus pais me aguardam, minhas irmãs contam os dias. Logo será tarde, acho que já é... Para tudo o que tenho guardado.

— Vai atrás do pai do Tony? É disso que está falando?

— Não vou atrás do pai dele, mas não quero esconde-lo de ninguém, como venho fazendo. Minha família não merece isso e tenho até medo do que eles farão quando souberem. Meu filho se tornará homem e isso mexe muito comigo, não quero ser odiada por ele.

— Pode dizer que engravidou aqui. Pode dizer que sou o pai e que decidiu ficar, reconstruir sua vida em Londres, comigo. Já somos uma família, você só precisa abrir mais espaço para mim. — Vejo sua sinceridade. Ele é muito apegado à Tony e deseja formar uma família logo.

Claro que pensei sobre isso, não é a primeira vez que ele faz essa proposta. Só que estou tão enrolada em mentiras e omissões,

que mais uma complicaria ainda mais as coisas e, logo eu estaria tomada por uma rede de inverdades.

— Não posso.

— Ele pode não querer vocês. Pode estar com outra pessoa e feliz. Eu estou aqui dizendo que quero e aceito toda a sua bagagem na minha vida.

— Sim, ele pode. Não vou obrigá-lo a assumir meu filho, Joshua. Contarei a minha família a verdade, e o resto deixarei que aconteça naturalmente. Se ele quiser conhecer o filho, não o impedirei, mas também não faço a menor questão que isso se realize.

Joshua nunca reage bem quando o assunto é o pai de Tony. Sinto em suas palavras frias e no jeito contido que ele está se segurando para não dizer o que realmente pensa. Em todos estes meses juntos, ainda não aprendi a ler suas reações, elas são muito enigmáticas para mim. Em alguns momentos ele é o namorado mais carinhoso e terno que pode existir, em outros fica distante e demonstra mais ciúmes que eu poderia tolerar.

— Então é isso? Em alguns meses você partirá e levará o garoto com você. Nosso relacionamento, tudo o que vivemos e construímos não teve importância alguma na sua vida.

Ele realmente parece magoado.

— Josh, isso sempre foi um fato. Retornar ao Brasil sempre foi o plano para mim e você nunca esteve no escuro quanto a isso.

— Quando pretende partir? — Põe-se de pé e caminha até mim com o rosto fechado, os olhos tristes e mais rugas que do costuma ter sua testa.

Antes de responder, beijo seus lábios levemente, mas ele não me permite aprofundar o beijo. Só me resta apoiar a cabeça em seu peito e responder.

— Minhas aulas terminarão mês que vem. Embarco em maio, ainda não sei ao certo o dia, dependerá de algumas coisas relacionadas à faculdade.

— Vai me deixar, isso eu entendo. Mas deixará Antony e Clare? Eles amam o Tony, vão sofrer demais com essa separação.

Sim, sei que vão.

— Estamos conversando sobre isso desde que cheguei aqui. Eles sabem que tenho uma família me esperando lá e preciso voltar, por vários motivos. Clare me apoia, mesmo sofrendo com a nossa partida. Eles decidiram passar umas férias no Brasil por um mês ou mais. Querem conhecer minha família.

A esperança que vi nascer em seus olhos não me agrada.

— Eu poderia fazer o mesmo. — Suas mãos seguram meu rosto, obrigando-me a olhá-lo nos olhos. No entanto, não tenho resposta. Fico completamente muda e perdida. — Entendi. Você não quer que eu vá, não é?

— As coisas são mais complicadas do que parecem, Joshua. Se você se colocar no meu lugar, perceberia tudo o que terei que lidar ao retornar para casa. Não quero ter mais uma preocupação, mais alguém esperando por mim, quando não sei o que o futuro me reserva.

Essas palavras tiveram um impacto maior do que eu imaginava sobre ele. Em um piscar de olhos estávamos separados, ele caminhava para a enorme janela moldada por cortinas cinzas. A vista ímpar para o Palácio de Westminster não faz o menor sentido quando vejo a mágoa crescente, causada por mim. Ele tem sido tão companheiro, que agora mesmo vejo-me como a vilã, a pessoa mais sem coração que já existiu.

— Por que não admite que tem esperanças sobre esse cara? Assume esse sentimento e diz a verdade uma única vez.

Uma única vez?

Nunca menti para ele, sempre deixei claro que nossa relação era apenas com base em muito carinho e afeto, mas não havia amor, nunca haveria amor.

— Nunca te enganei, Josh. Nunca disse que te amava, mas também não disse que não gostava. Gosto de você... como alguém especial.

— E sempre será assim, não é? O seu amor está guardado para ele.

— Tenho a vida planejada e objetivos traçados. Amor não está nos meus planos. Pode ser que lá ninguém me compreenda e meu caminho volte para Londres, mas pode ser e eu decida ficar no Brasil. A partir de maio, não sei ao certo como as coisas ficarão, só sei que não estou em busca de um amor. Você também sempre soube. Desculpe!

— Vou te levar para casa. Conversamos outro dia.

É melhor pararmos por aqui mesmo.

— Tudo bem.

Joshua tem sido um apoio muito importante para mim nesses últimos meses. Não só por ser um cara muito bacana e um amigo fiel, mas por trazer de volta o meu lado mulher que estava adormecido há muito tempo. A vergonha foi uma rival quase implacável, porém, ele soube ser paciente e compreendeu o meu tempo, para só então forçar a barra quando necessário e fazer as coisas acontecerem.

Mesmo ainda fazendo secretas comparações mentais, reconheço o seu valor e o seu esforço em me satisfazer. Mas aí está a questão, ele se esforça demais, não o vejo à vontade quando estamos na cama, parece querer provar o tempo inteiro que é bom e sabe o que desejo. Às vezes só desejo que termine.

Chego em casa cansada de mais um dia com aulas intensas e desgastantes. A manhã na biblioteca foi complicada, tivemos visita de uma rede de televisão e lá se foram horas de filmagens e organização, entrevistas com alunos e funcionários. Minha supervisora parecia uma barata perdida depois do inseticida, ia de um lado para o outro atrás do melhor a ser filmado.

— Vem aqui, gorducho! Vem com a mamãe!

Tony caminha desengonçado, tropeçando nas próprias pernas, mal sabe andar e já tenta correr.

A imagem do meu filho é a maior prova de sua origem. O pequeno gorducho é Malamam desde a raiz dos cabelos, que ele quase não tem. De olhos fechados é apenas um lindo bebê grande, branquelo e risonho, que sorri até dormindo. Acordado, é a cópia descarada do pai, os olhos principalmente, não há como negar. Esse sim é meu medo, meu pavor. Quando Bento colocar os olhos nele não haverá dúvidas, meu mundo estará no chão e minha dignidade também.

— Máhhh!

— Oi, amor! A mãe chegou.

Mordo suas dobras, beijo, cheiro e brinco com ele no chão da sala. Clare e Antony observam sorridentes, maravilhados com as gargalhadas escandalosas do pequeno.

— Conversou com Joshua, minha querida? — Pergunta Clare.

— Conversei, mas não foi nosso melhor diálogo. Ele se ofereceu para ir comigo ao Brasil e ficar alguns dias, assim como vocês farão.

— E você?

— Não tive muita reação. Ele percebeu que eu declinava da proposta e se sentiu um pouco descartado. É uma situação complicada.

Antony escuta minha resposta e intervém.

— Ele gosta de você e quer lutar. Não podemos condená-lo por isso, Safira. Como homem, tenho convicção no que digo. Joshua não é uma pessoa de jogadas perdidas, não desistirá tão facilmente.

— Eu não dei esperanças a ele. — Permaneço ajoelhada no tapete, enquanto brinco com meu filho. Antony olha-me por cima dos óculos e segura sua xícara de chá com leite.

— Estar com ele já é esperanças o suficiente.

— Antony! — Clare caminha em minha direção e entrega-me uma xícara com chá, e para Tony, biscoitos de polvilho. — Se ela não o quiser, ele terá que aceitar.

— Joshua é um bom homem. Vamos lidar com isso da melhor forma. Agora conte-me, como andam os preparativos para as férias no Brasil?

Engatamos uma conversa animada sobre a viagem. Os dois estão alugando um apartamento mobiliado para a temporada, mas pretendem deixar em aberto o período da estadia, ainda é incerto quanto tempo devem permanecer.

Tudo o que faço quando estou sozinha é pensar, ensaiar, tentar adivinhas as reações das pessoas, e imaginar como eu reagirei a elas. São tantas dúvidas e possibilidades que sinto estar enlouquecendo com tantos “se”. O medo é meu eterno companheiro nessa jornada e tenho certeza que ainda estaremos juntos por muito tempo.

Deixo a universidade às 17h de quinta-feira, acompanhada de duas colegas de sala. Hoje recebemos nossas fotografias do book de formatura e ensaiamos a cerimônia. Já não me aguento de ansiedade com esse tão sonhado dia. Por sorte escolhi um curso integral, mais curto, caso contrário estaria louca.

Há dois anos eu desembarcava em Londres com uma mala, um coração quebrado, muitos planos e nenhuma certeza. Em breve retornarei ao meu país, no entanto, levarei comigo bons amigos, um diploma com honras, muitas experiências, um coração angustiado e o principal: meu filho, Antony Barcellos.

Surpreendo-me ao perceber que Joshua está em um café, do outro lado da rua. Não nos falamos desde o fim de semana e ele não me procurou, então respeitei seu espaço. Caminho até ele, que faz o mesmo.

— Já disse que fica linda de preto? Combina com você.

— Será que tenho a alma negra?

— Não... Cinza talvez. — Diz com um pouco de humor, mas seu sorriso não me convence.

Com um gesto de mão ele indica que devemos entrar no café. Escolhemos uma mesa mais reservada e em seguida pedimos nossas bebidas e tortas.

Durante esses meses que estamos juntos, sua personalidade forte e postura correta ficaram muito claras. Como um homem amadurecido e realizado, sempre expôs suas perspectivas de futuro em conversas longas sobre casamento, filhos e uma vida a dois, com vários anos a serem curtidos juntos em frente a uma lareira tomando chocolate quente. Infelizmente esses planos são unilaterais.

— Como foi sua semana? Estamos há dias sem nos falar, sinto falta de você e do Tony.

Sei que é verdade. Os dois se dão muitíssimo bem. Tony é uma criança muito receptiva e qualquer contato breve é positivo.

— Nós estamos bem. A semana foi corrida. Estou lutando com provas e aulas de revisão, grupo de estudo. O final de semana será encoberto por livros e sopa de letrinha.

— Você é a melhor aluna da sala, sabe disso. Não precisa se matar tanto assim.

— Gosto de estar à frente. Sendo bolsista e estrangeira, é sempre bom estar entre os melhores. Além do mais, quero uma excelente carta de recomendação assinada pelo reitor da universidade. Não posso ser apenas “boa” para isso.

— Deve ser a melhor. E é!

Diferente do normal, conversamos sobre besteiras, como a roupa manchada de uma das garçonetes. Ele resolve contar detalhes da sua semana e revela que em breve, será vice-diretor financeiro da secretaria de contas. Este é um cargo almejado por ele há algum tempo, pelo que sei.

— Quando será a sua posse? Quero estar presente, você merece.

O olhar empolgado dá lugar ao semblante triste, o mesmo que vi em nossa discussão anterior.

— Adoraria sua presença, Safira, mas infelizmente não creio ser possível. O atual vice-diretor irá se aposentar e a vaga será oficialmente minha no final de maio, quando ele deixará o cargo. Por hora estamos trabalhando juntos, para que eu não sinta tanto a sua ausência quando estiver desligado.

— Oh! É uma pena mesmo. Torço por você, de verdade. Não quero deixar um clima estranho entre nós só porque não estamos mais juntos.

— Não estamos?

Não é obvio?

— Achei que...

— Nós conversamos, discutimos... Mas não me lembro de termos terminado, Safira. Acredito que podemos tentar um relacionamento a distância.

Claro! Uma pequena distância.

— São milhas de distância. Não estaremos em cidades diferentes. Estaremos em continentes bem distantes. Isso além de complicado, seria bem caro para nós dois.

— Você me disse que sua irmã namorou por um longo tempo, com um rapaz que não morava em São Paulo. As pessoas fazem isso.

— E não deu certo. Terminaram de forma muito chata e não se falam mais, acredito que ele a odeia pelo tempo perdido.

— Estou disposto a tentar. Gostaria que você também estivesse disposta, por mim.

— Não sei se será uma boa ideia, Joshua. Eu gosto de você, nós nos damos muito bem juntos, mas precisamos de mais.

Enquanto a garçonete recolhe a mesa, permanecemos em silêncio e, vejo que ele busca calma na paisagem da rua, sua respiração é profunda e calculada. Sei que está nervoso ou tenso.

— Vamos fazer assim: Você ainda não sabe com serão as coisas no Brasil. A sua família pode simplesmente não te perdoar, podem cortar relações com você ou não aceitar seu filho. — *Santo Deus!*

Não! — Você disse que poderia pensar em voltar para Londres, nesse cenário. Certo?

Estou sem palavras diante desta possibilidade horrorosa. Ser rejeitada assim seria doloroso e... Merecido, talvez.

— Não sei como eu reagiria. Ainda estou sonhando com reações maravilhosas.

— Mas pode não acontecer. Você escondeu um filho, não um porre no baile de formatura.

— Falando assim, você realmente me assusta, Joshua. Não quero ir por esse caminho, por favor.

— Ok. Desculpe por isso. Mas se você decidir voltar, eu estarei aqui te esperando. Nada mudou por enquanto, só por um tempo. Estamos juntos até que você esteja estabilizada e convicta de que não tem jeito para nós. Não abra mão do que tem, sem saber o que encontrará do outro lado. Se passaram dois anos, muita coisa muda em dois anos.

Sei que ele está jogando com meu psicológico, mas está funcionando muito bem.

— Tudo bem. Tudo fica como está.

— Ótimo, querida.

Capítulo Nove

11 de maio 2015.

Por Safira

Meu coração está angustiado há semanas, quase não durmo e quando dou por mim, estou fantasiando milhares de possibilidades e acontecimentos com a minha chegada ao Brasil. Um arrependimento tardio toma conta de mim, como se hoje, após dois anos longe e omitindo fatos importantíssimos, eu pudesse alterar o curso das coisas. Mas não posso.

No dia em que fui doar algumas coisas que não poderia levar na viagem, resolvi cometer algumas pequenas loucuras, como enterrar a moça do interior e trazer à tona a mulher já tomada por hábitos europeus, mente aberta e com objetivos alcançados. Uma hora no salão de beleza e adeus cabelão, depois de tantos anos sem corte, ele estava chegando na cintura, nada moderno, mas agora com os fios mais curtos sinto-me mais livre. A segunda loucura foi digna da minha irmã, Dora. Caminhando pelas ruas de Londres, avistei a placa de um estúdio de tatuagens, em um surto de insanidade, resolvi que era hora de carregar marcas feitas pelo meu próprio desejo e não apenas as talhadas no meu coração por quem quer que fosse.

— O que quer fazer? — Pergunta o tatuador, que parece saído de “Sons Of Anarchy”— Flores, borboletas, fadas?...

— Quero escrever este nome, mas tem que ser assim, com a minha caligrafia.

Ele lê e sorri. Pergunta algumas vezes se tenho certeza da decisão e explica que não terá volta.

Não será necessário, um amor como esse não tem volta.



Infinitas horas dentro do avião me deram muito tempo ocioso para pensar em cada palavra, pedido de perdão e justificativas a

serem dadas aos meus pais, minhas irmãs e amigos. Prefiro não pensar em Bento, ele ainda não terá contato com Tony, a princípio, preciso do apoio da minha família e depois, só depois, penso no que fazer sobre o pai do meu filho.

Tony já passeou mais pelo avião do que poderia, mas a sua fofura e sorriso fácil fazem com que todos sejam compreensivos com ele. Antony e Clare estão nas poltronas à minha frente e já perdi a conta de quantas vezes esse garotinho passou de lá para cá e de cá para lá. Fora milhares de idas e vindas do banheiro, lanchinhos a mais e conversa com os passageiros mais próximos. O gorducho só se deu por vencido e adormeceu, às duas da manhã, depois de um chocolate quente e cupcake.

— Querida, não chore. Estaremos bem e ele também, você sabe disso.

— Eu sei, Clare. Acho que estou nervosa demais, só pode ser isso.

Um motorista particular, contratado pela agência que organizou a estadia deles, estava nos aguardando assim que chegamos. Dessa forma, os dois se sentirão mais seguros em uma cidade estranha, ainda mais estando com Tony.

Por mais que tudo estivesse muito bem organizado, me dói ver meu pequeno partir como se tivesse feito algo errado para ser escondido dessa forma. Decidi que será melhor conversar em particular primeiro, e só depois, caso tudo seja o “menos pior” possível, apresentar meu filho a minha família.

— Minhas queridas, a despedida é por pouco tempo. Precisamos partir agora. — Antony sorri docemente e pega Tony dos meus braços, que vai sem reclamar. — Safira, seu pai deve estar chegando, acredito que não será simples explicar o porquê de um bebê chamá-la de “mamá”.

— Verdade! Vocês precisam ir. Retornarei ao portão de desembarque e esperarei, ainda falta uma hora para o combinado.

— Te amamos. Boa sorte! — Deseja Clare, talvez mais angustiada do que eu.

— Nos vemos amanhã? Mais tardar, depois de amanhã.

— Acha que precisa de tanto tempo assim? — Antony me pressiona. De todos, ele é o que mais repudia minha atitude e não faz questão de esconder.

— Preciso de oportunidade. Hoje é o batizado do meu sobrinho e não sei como estarão as coisas por aqui. Quero sentir o clima, tatear um pouco antes dessa conversa.

— Seja tão mulher quanto foi para esconder. Tenho certeza que conseguirá, mocinha.

Mantenho-me firme enquanto aguardo a chegada de papai. Eu realmente acreditei que ele estaria aqui com sua postura sisuda e traços fortes de homem do campo, com marcas de sol e calos nas mãos. Mas, ou os meus olhos estão tentando me enganar, brincando com a realidade, ou a pessoa caminhando em minha direção é...

Bento?

Nem se eu quisesse conseguiria levantar agora. Acho que um guindaste não içaria essa cadeira comigo, tamanho o peso que se abateu sobre meus ombros. Meus pés estão enraizados no chão, buscando algum controle sobre o corpo que já não responde aos comandos imediatamente. Preciso forçar o raciocínio para ordenar que minha mão direita retire o fio de cabelo que cai sobre meus olhos.

Controle-se, ele não pode saber se você não contar. Respire, esse homem não tem nenhum poder sobre você. Ele foi esquecido.

O caminhar despojado, levemente gingado com o balançar dos braços. Cabelos ainda raspados, pouco maior que o padrão militar, quase um corte social. E o sorriso. O mesmo que eu me lembrava, o mesmo que conquistou meu coração e foi capaz de fazer-me escrava sentimental, submissa afetiva de um homem.

Ele não mudou uma grama sequer.

Não consigo esboçar uma reação, mas por um milagre, recordo que tenho óculos escuros no bolso externo da minha

bagagem de mão. Providencial. Visto uma carapaça sólida, não movo um músculo facial e desligo meu coração do corpo. Ele é o único que pode me trair ao escorregar no charme desse homem.

— Surpresa com o motorista substituto? — São suas primeiras palavras. Eu apenas oscilo os ombros, mostrando total indiferença.

— Podemos ir?

Consigo ficar de pé, mas quando dou o primeiro passo, sou parada por minha própria mala, que não se move. Ele segura a alça por poucos segundos e logo passa a deter meu pulso com os dedos rijos, um cativado quente que consegue num passe de mágica, lançar lembranças a minha mente. Chacoalho a cabeça, finjo arrumar os cabelos, na tentativa de afastar essas lembranças sujas, mas com ele tão junto de mim, fica irreal.

— Por que a pressa, Safira? Manda a educação que, pelo menos, nos cumprimentemos. Dois ou três beijinhos, um abraço. Uma lambida, em algumas tribos. Pode escolher.

Quase o mando lambar um lugar bem impróprio, mas por experiência própria, acredito que ele adoraria.

— Vai à merda, Bento. Se não puder me levar, irei de táxi.

O aperto em meu pulso diminui, mas ele não corta o contato, apenas alivia. O sorriso maroto não está tão vivo agora. Em compensação, uma ruga de preocupação nasce em sua testa.

— Acredite, estou na merda há muito tempo.

— Eu não.

Isso! Fria, distante e realizada.

— A sua necessidade em me afastar, diz exatamente o contrário. Se está tão feliz, podemos nos tratar como pessoas normais e adultas.

— Surpreendendo minhas expectativas e colocando-me em uma sinuca, ele estende a mão para que eu o cumprimente. — Bom te ver! Como foi de viagem?

É impressionante como consegue ser teatral. Filho da puta!

— A viagem foi maravilhosa. — Aos que estão de fora, meu sorriso pode parecer sincero e alegre. Por dentro estou escorrendo falsidade, esganando minha vontade de cuspir na cara amistosa desse desgraçado.

— Fico feliz. Vamos? A família toda está a sua espera, suas irmãs não falam em outra coisa.

Caminhamos lado a lado por todo o aeroporto. Tentei evitar, mas ele insistiu tanto em carregar minha bagagem que preferi desistir desta batalha desnecessária. Enquanto isso caminhei digitando uma mensagem para Clare e recebendo notícias do meu filho.

Observei detalhadamente seu corpo enquanto colocava as bagagens no porta malas, o carro ainda é o mesmo. Por fim decidi eu mesma guardar a última bolsa, esta continha presentes e precisava de mais cuidado. Homens não são bons quando se trata de delicadeza.

Bento abre a porta para mim como um perfeito cavalheiro.

— Coloque o cinto, por favor. — Eu iria fazer isso, se ele tivesse esperado. Mas não, ele não foi capaz de aguardar um instante e sem a menor cerimônia, debruçou-se sobre mim, nos deixando cara a cara, seu corpo pesando em meus seios, puxando o equipamento e o prendendo com um sonoro “clac”.

— Desnecessário isso.

— Cinto salva vidas. Não é assim na Europa? — Zomba.

— Quis dizer que poderia ter esperado eu me acomodar. Você ainda nem ligou o carro, ligou?

— Sou um cara prevenido.

— Ah, tá bom!

A paz parecia reinar dentro do carro enquanto cortávamos o trânsito de São Paulo, mas seria pedir demais que ele permanecesse calado e dócil por mais de vinte minutos. E para ajudar, a viagem parecia interminável com todos os faróis

vermelhos, cruzamentos travados e vendedores ambulantes. Quanto mais eu rezo para sair de sua companhia, mais tempo permanecemos grudados.

— Quando você foi guardar a bagagem, vi uma coisa que me intrigou pra caramba. — Droga! — Difícil acreditar que a pessoa mais centrada e correta do mundo, tenha feito uma tatuagem. Estou surpreso.

— As pessoas mudam, Bento. Graças a Deus, elas mudam.

— Você parece ter mudado bastante, em dois anos. Em todos os aspectos, todos mesmo.

— Cheguei faz meia hora e você já percebeu todas as minhas mudanças? Migrou de médico para vidente ou psicólogo?

Seu sorriso é zombador, conheço cada um deles.

— Sou homem, Safira, percebo coisas. Sua postura mudou completamente, não está apenas na defensiva, mas agressiva. Seus trejeitos estão mais... Como eu diria? Voluptuosos.

— Não estou ouvindo isso. — Sem saber o que dizer, opto pelo sarcasmo.

— Até seu corpo mudou, está mais mulher. Quadril mais aberto, seios diferentes. Tudo! Cada parte está... ainda melhor do que eu me lembrava.

Estamos parados no farol e ele mantém o olhar firme em mim. Estou desconfortável, agoniada por ter que permanecer presa e tão próxima a ele, sem ter para onde correr. Noto suas mãos envoltas ao volante, as coxas grossas sob o jeans claro, as másculas linhas da mandíbula. Inspeciono centímetro por centímetro, menos seus olhos, pois sei que eles estão em mim e não quero que eles vejam o quanto estou perturbada com este encontro surpresa.

— Há alguns anos te pedi que se afastasse. Quero que mantenha isso em mente. — Minha voz já não é a mesma, tenho consciência disso.

— Há dois anos você veio a mim por vontade própria e depois fugiu sem me dar uma única chance de redenção.

— Homens como você não tem redenção. — Atropelo sua frase.

— Pode ser. Mas você não me contou sobre a tatuagem. Quem é Antony? — Agora ele fala sério.

— O homem mais importante da minha vida.

Se não fosse o excesso de tempo ao seu piscar de olhos e o mover do seu pomo de adão, eu poderia dizer que não houve reação, mas ouve. Pude sentir seu corpo mudar, os músculos tencionarem, e no momento em que o ar deixou seus pulmões, foi audível. Nosso assunto acabou ali.

Assim que passamos pela igreja em busca de uma vaga, retiro o cinto e apronto-me para saltar. Antes que o freio de mão seja puxado, estou fora. Isso é além do que posso suportar. A permanência de nós dois no mesmo ambiente claustrofóbico e em movimento, parecia expor todos os meus segredos. Como se ele, de repente, fosse descobrir sobre Tony. Sei que será inevitável, mas ainda é adiável. Caminho apressadamente, mas o sinto em meu encalço, sei que estamos entrando praticamente juntos e paremos um casal, o casal que nunca seremos.

— Correndo desse jeito vão pensar que fiz algo com você... Ou que fizemos algo e estamos tentando disfarçar. Seja mais discreta.

— Idiota.

— Vamos ver até aonde isso vai.

Estão todos aqui, meus pais, minhas irmãs, meus sobrinhos que nunca pude pegar nos braços e a família de Bento. De repente, sou o centro das atenções, olhos arregalados, lágrimas incessantes e muito amor vêm em minha direção e mal posso controlar a emoção. Corro em direção a minha família para o abraço que tanto esperei.

Papai reage como me lembrava, um beijo na testa, ajeita meus cabelos agora cortados e termina me dando sua benção. Mamãe é uma mulher de emoções inflamadas, assim como Dora, capaz de

dizer tudo o que sente com os olhos e as mãos sempre gesticulando.

Como senti falta desse carinho quente e cheiro de mãe.

— Mãe, que saudades eu senti de vocês.

— Minha menina! Nem acredito que voltou, já não era sem tempo. Está tão diferente.

Não fomos capazes de iniciar o batizado no horário previsto. A choradeira, os abraços e risadas, se estenderam até não poder mais. Conheci meus sobrinhos e agarrei as bochechas, como faço com Tony. Sarah ficou surpresa ao me ver pegar Matteo com tanta destreza e Dora olhou-me bastante desconfiada ao perceber minha facilidade ao lidar com Milena.

Participar da cerimônia mexeu muito comigo, trouxe à tona fatos aos quais não me atentei, como padrinhos para Antony, pois meu filho não é batizado, nunca pensei sobre isso enquanto estive fora, mas agora soa-me estranho.

Os homens Malamam são instigantes para qualquer mero mortal que os observe de fora. Leônidas exibe uma violência emocional latente, chega a ser constrangedor o olhar que ele dirige a Sarah e ela retribui na mesma energia sensual. Ele não esconde seus sentimentos ou desconfianças com o excesso de pessoas próximas a seus filhos e mulher, esconder não é a palavra para esse cara, ao contrário do irmão. Lorenzo parece uma grande barreira silenciosa e tranquila à primeira vista, mas algo me diz que isso é apenas fachada para muitos, a verdade ele só mostra a Dora, que o leva hipnotizado em seus sorrisos e carinhos.

— Sempre estudando o terreno. O que você tanto pensa, gêmea do mal? — Quase deixo minha bolsa cair quando Bento chega sorrateiramente e sussurra em meu ouvido.

Todos à nossa volta caminham para os seus carros. Teremos um almoço na casa da doutora Magda e do doutor Benício, mas ainda não tive tempo de definir com quem irei. A celebração foi linda, mas o calor começa a me incomodar.

— Estou apenas matando a saudade de ver minha família toda reunida. Será que poderíamos manter uma distância segura? — Mantenho a posição e ele não se move, sinto seu corpo grudado ao meu. Seu tórax se move à medida que a respiração fica mais intensa e consigo sentir esses movimentos em minhas costas, assim como seu hálito em meu pescoço. — Sai de trás de mim, Bento.

— Sempre gostei de estar aqui. Principalmente na horizontal, mas de pé não me incomoda.

— Estamos em uma igreja.

— Estamos no lado de fora. Mas Deus também pode ler o que se passa na sua cabecinha maliciosa. Esse corte de cabelo me deixa ver os pelinhos se ouriçando em sua nuca. — Em um rompante, caminho ao encontro de meus pais.

Já vi que a minha estadia aqui não será nada fácil, com ele tão determinado a me infernizar. Não compreendo sua postura, definitivamente não compreendo.

Infelizmente, todos os carros estão cheios e precisarei seguir com o infeliz e seu sorriso ridículo, estampado naquela cara horrorosamente linda, pela qual um dia me apaixonei.

Um almoço em família deveria ser harmonioso, feliz, leve e cheio de amor. Foi assim, para aqueles que não sentiram a atmosfera negra entre Bento e eu. Trocamos indiretas camufladas de comentários, ameaças sutis e muitos olhares mortais, durante horas e horas na companhia dos nossos familiares. Diga-se de passagem, os Malamam sabem fazer barulho como ninguém.

Doutor Benício fez um discurso lindo, lembrando a breve passagem de Natan por essa vida, e das alegrias que recebeu nos últimos tempos. Doutora Magda e os irmãos sacanearam Bento por ainda ser solteiro, e alguém chegou a cogitar que poderíamos tentar algo. Com a carranca que fiz, logo mudaram de assunto.

Sem querer, consegui atingir o ponto fraco do doutor Sorriso, deixando-o com os lábios tensos e o cenho franzido, no momento em que Dora resolveu me sabatinar sobre os homens de Londres.

Claro que eu não menti dizendo que piranhei por lá, afinal meus pais estavam ali, mas deixei claro que a vida seguiu muito feliz na terra da rainha. Para um bom entendedor, meia palavra basta.

Agora, já em nosso antigo apartamento, só me resta esperar uma oportunidade e contar sobre Tony. Quanto antes isso acontecer, mais cedo estarei sem esse peso nos ombros.

Que o senhor me dê forças e muita coragem.



11 de maio de 2016.

Por Bento

Aquela mulher não é a mesma que saiu daqui há dois anos. Deve haver uma trigêmea, só pode. Essa é a errada, uma sócia muito mal elaborada... Mentira! Bem elaborada pra caralho!

Conseguir uma desculpa para buscá-la no aeroporto foi mole, mamão com açúcar, para quem já fez tarefas bem mais complicadas. O pior de tudo foi encontrar alguém que eu jamais poderia esperar, no lugar da menina inteligente e fechada que deixei partir. A mulher de ontem parecia uma gladiadora pronta para o combate, cheia de energia, traços mais maduros, corpo completamente modificado.

Confesso que o que mais me surpreendeu foi o quadril, muito mais largo que antes. Além dos seios, que pareciam maiores e bem desenhados sob a camiseta de algodão feita para a minha perdição. Nos momentos que estive ao lado de Dora, percebi que estão ainda mais parecidas que antes, parece até que as duas sofreram mudanças simultâneas. Só que Dora mudou pela gestação e Safira, não sei dizer. Alimentação europeia, talvez?

Enlouquecerei se continuar rebobinando suas imagens em minha mente.

Por meses me arrependi de não ter isso atrás dela, depois daquele telefonema. Mas me que faltou coragem, atitude e tempo. Sim, tempo, já que os acontecimentos foram atropelando-se de forma enlouquecida e nossas vidas viraram de cabeça para baixo

com a briga judicial por Nina, a gravidez de Dora e as loucuras de Lorenzo. Sem contar que depois de tudo, ainda ficamos sob suspeita temporária pela morte do verme do Danilo.

Antes tivesse matado aquele merda. Não sentiria nenhum remorso.

Por fim, decidi fazer a única coisa madura possível. Deixar que ela seguisse com sua vida sem a minha interferência ou até mesmo sem atrapalhá-la mais uma vez. Apesar de seu gênio forte e momentos de teimosia, Safira é uma mulher muito especial, batalha firme pelo que quer, tem sonhos dignos e corajosos, está sempre disposta a abrir mão do que tem para conseguir o que almeja. Não sei se eu seria capaz de algo assim, sou mais medroso com grandes mudanças, prefiro deixar o barco correr.

Por isso nada mudou. Apenas ela.

Eu continuo estagnado no mesmo lugar, com os mesmos hábitos e os mesmos defeitos. Saí todos os finais de semana, na companhia de mulheres que nem ao menos conhecia, pelo simples prazer de estar satisfeito fisicamente, mas sem a satisfação real que só ela era capaz de me proporcionar. Conheci garotas legais, mas nenhuma como ela, estas eram apenas bacanas. Safira é sensacional, perfeita. Para mim ela é perfeita, o encaixe que sempre busquei sem saber.

Agora ela está aqui e eu não sei o que fazer para mostrar que ainda a quero. Deixar claro que estou pronto para um passo a mais e não irei tropeçar ou fraquejar, que estou apto ao papel de namorado careta.

Sempre me disseram que sou o meio termo entre meus irmãos e, agora estou disposto a ser exatamente assim. Nem fogo como Leônidas, nem água como Lorenzo. Serei vapor. Quente, úmido, aconchegante e intenso.

Algo me diz que valerá a pena.

Capítulo Dez

Por Safira

“Tony chama por mim, sua voz está cada vez mais distante e isso faz crescer um desespero esmagador em meu peito. É uma escada de incêndio muito alta. Não vejo o fim. Aço vermelho, cheio de ferrugem, parafusos aparentes, soldas soltas, não me traz nenhuma segurança e o vento frio balança a estrutura de um lado a outro. Estou assustada, mas isso não consegue me deter, sigo firme na busca pelo meu filho. Ainda posso ouvir seu choro gritado, escandaloso. Sei que sofre, posso sentir sua dor.

— A mamãe já vai, meu amor! Onde você está? Alguém me ajuda!!!

De repente estou em um labirinto com paredes brancas. Tudo é completamente branco, menos as marcas de pés enormes, que brilham fluorescentes indicando-me o caminho... Mas tudo some e o choro persiste dolorido. Não irei encontrá-lo, o perdi para sempre em meu labirinto de mentiras e omissões.”



Lorenzo deixa o apartamento carregando Milena e uma bolsa enorme, diz que passará a tarde na casa dos pais e retorna assim que Dora ligar. Agora que sabe da sua segunda gravidez, não para de vigiá-la com os olhos e parece uma galinha chocando os ovos. Meu cunhado é pai como poucos que conheço e morre pela minha irmã. Pena que só temos o mesmo rosto e não a mesma sorte.

Todos estão surpresos com o meu pedido e ansiosos por essa conversa, agendada e reivindicada por mim com tanta intensidade, hoje pela manhã. Depois do meu pesadelo, não consigo adiar mais o que tenho a dizer.

Perdi as contas de quantas orações já fiz, de quantas mensagens enviei para Clare ou de quantos copos de água tomei, na tentativa de acalmar meu coração. Meus dedos já não aceitam ser estalados, o pescoço também não. Só me resta acabar logo com isso.

— Safira, você nos chamou e estamos aqui. Suas irmãs dispensaram os maridos e filhos, como você pediu. Agora, acho bom começar a falar ou minha cachola vai entrar em parafuso. Vamos!?

Oh senhor, me mantenha de pé.

— Pai, o que eu tenho para falar é algo realmente sério, mas antes, quero ter a chance de me justificar.

— Então a coisa é feia? Justificativa antes do erro é só para quem está devendo muito. — Sarah brinca com a situação. Está sentada em uma almofada, no chão da sala.

— O que aconteceu, filha? Somos sua família, podemos não concordar, mas estaremos com você, seja lá o que for. — *Por que eu acho que minha mãe sabe mais do que aparenta? Mãe sempre sabem, mesmo não sabendo.*

— Desembucha, Safira!

Papai apoia os cotovelos nos joelhos e não pisca mais, olha diretamente para mim. Tenho a atenção de todos e não sei mais se esse é o meu desejo. Tudo parecia tão mais simples quando eu estava longe. Meu coração sofria, mas não via a repreensão nos olhos deles, o julgamento era apenas uma hipótese. Agora é uma certeza e acovardo-me por isso.

— Eu me envolvi com um homem, já faz algum tempo. Mas não deu certo e acabamos nos afastando. — Enquanto minhas irmãs parecem achar a história boba, meus pais prestam total atenção às minhas palavras. Mamãe parece não se surpreender até aqui.

— Mana, nós estamos cientes do seu envolvimento com o gringo bonitão. Precisava mesmo mandar meu marido embora, para dizer que terminaram?

— Não é isso, Dora. Tem mais.

— Então diga de uma vez, minha filha. Não sou homem de rodeios e você já deveria saber disso. Chega de floreio e conta o que tem para contar. Agora.

Esse é meu pai.

Papai é um homem com mais de sessenta anos de vida na roça. É acostumado com a lida da enxada e dos sacos de café, plantação de morangos e cultivo do próprio alimento. Nunca aprendeu a ler ou escrever, mas faz conta como ninguém. E melhor, sabe ler as pessoas e já percebeu o quanto estou nervosa.

— Eu fiquei grávida! — Soltei de uma vez. — Fiquei grávida deste homem e nunca contei sobre a criança. Só fui embora e pronto.

Minhas mãos tremem mais do que qualquer outra coisa. Quatro pares de olhos arregalados fixam em mim, à espera de uma explicação, ansiando pela continuação ou no mínimo pelo desfecho, mas não consigo falar. Estou muda, estática.

— De quanto tempo está, minha filha?

Oh céus! Como vou responder isso?

Mantenho a cabeça baixa, sem coragem de encarar aqueles que aguardam uma simples resposta que não posso dar. Todos sentados e calados, o único movimento que vejo é o pé de papai que bate freneticamente ao chão, mostrando todo o seu nervosismo.

— Responda a sua mãe, Safira.

É para isso que estou aqui, foi para isso que vim. Poderia ter tomado mil caminhos, cheguei a pensar sobre isso muitas vezes, mas não o fiz. Só preciso respirar profundamente e responder, ainda que com o rosto voltado para baixo.

— Não estou. Não mais. Como eu disse, isso foi há um tempo e...

A reação veio de quem eu menos esperava julgamento, mas logo compreendi. Foi apenas um erro de comunicação.

— Como assim, não está mais? — Dora se levanta e caminha até estar a minha frente, permanecemos olhos nos olhos e ela continua. Voraz como só uma mãe pode ser. — Você interrompeu a gravidez, por não estar mais com o tal cara de Londres? Que espécie de mulher você se tornou enquanto esteve fora, Safira? Minha irmã nunca, nunca faria isso.

— Dora.

— Eu chorei a morte do meu filho ao telefone com você. Meu Deus!

Em um minuto, a sala tornou-se um pandemônio. Bastavam algumas palavras minhas para consertar aquilo, seria simples, se essas palavras não estivessem entaladas dentro da minha garganta, de forma que até o ar faltava.

Diante da explosão de Dora, minha mãe correu em abraçá-la, ela parecia reviver a dor da perda de Natan. Sarah correu para a cozinha em busca de algo na geladeira. E papai, este sim, manteve a boca fechada e os olhos bem abertos voltados para mim, parecia esperar a continuação da história, a mesma que ninguém se preocupou em ouvir.

— Já cometi o erro uma vez e não farei isso novamente. Quero a história do início ao fim, com todos os detalhes e só então conseguirei levantar daqui e pensar melhor nessa bagunça.

— Pai, eu...

— Todo mundo vai sentar e calar as matracas. Você vai dizer tudo sem pausa. Sua irmã não pode ficar nervosa assim. — Minha mãe entendeu prontamente o recado e como sempre, todos obedeceram a ordem dada em voz baixa e grave. — Estou esperando a verdade. Tudo bem claro, Safira.

Okay, tudo bem claro.

Confessar erros, falhas, derrapadas na curva ou seus pecados, deveria ser uma coisa simples, assim como quando fazemos a primeira eucaristia e nos dizem “Confesse aquilo que te incomoda. O padre não te julgará por seus erros, isso cabe à Deus”. Deveria ser assim agora, mas não sinto isso. Sinto-me em um pelotão de fuzilamento, pronta para ser abatida.

É sua família. Apenas diga, eles não irão fazer mais que um pequeno discurso de repreensão.

— Quando eu e Dora nos mudamos para cá, eu conheci um cara e nos envolvemos por um tempo, mas não deu certo. Durante alguns anos essa pessoa deixou de fazer parte da minha vida e cada um

seguir com o seu caminho. No final de semana, antes da minha viagem, eu o reencontrei e ficamos juntos novamente. A Dora deve se lembrar, não voltei para casa naquele final de semana.

— Lembro. — Minha irmã responde rapidamente

— E então, filha?

— Então, mãe... Aconteceu que um belo dia descobri que estava grávida dele e isso acabou comigo. Pode parecer horrível, mas eu não aceitava a criança que crescia dentro de mim e não fui capaz de abrir isso a ninguém. Sentia vergonha por engravidar sem ter uma pessoa ao meu lado, sentia medo e arrependimento.

— Safira, nós conversávamos todas as semanas, falávamos sobre tudo. Sempre fomos amigas, mais que irmãs. Como eu e Dora nunca soubemos disso? — Sarah fala com decepção.

Claro que Sarah estaria indignada, afinal, ela sempre me contou tudo da sua vida com Leônidas e principalmente todos os acontecimentos daqui.

— Não, Sarah! Nós falávamos muito sobre a Dora, sobre todos os problemas e barracos recentes. Falamos sobre a briga de Leônidas com a ex sogra, sobre muitas coisas, menos sobre mim realmente. Entendam, por favor! Eu estava completamente abalada e as notícias de casa não eram nada boas, o mundo caía aqui. Tive medo.

— Medo de quê? De dizer que estava grávida? O que nós poderíamos fazer a você? — Mamãe está muito decepcionada. Vejo em seus olhos.

— Medo de não ser aceita, assim como aconteceu com Dora, quando papai a renegou por meses. — Ao ouvir minhas palavras, ele encolhe os ombros. — Medo de escutar palavras que me fizessem ficar ainda mais arrependida, de ser julgada. E vergonha... Vergonha por deixar de ser a filha centrada e prevenida.

Todos parecem tentar entender o meu lado e absorver a história. Apenas Dora ainda está com os olhos inflamados, em cólera.

— E a sua vergonha te fez tirar esse filho? Essa será a sua justificativa? — Ela não está com raiva de mim, está sofrendo por algo que eu não fiz. Está revivendo a dor pela perda do seu filho.

— Dora, eu não tirei meu filho. Eu o concebi e ele está vivo, tem a idade da Milena e se chama Antony... Tony. Ele é lindo.

As palavras saltam da minha boca, desesperadas por liberdade. Não suporto mais, essa mentira está me consumindo aos poucos, afastando as pessoas que amo e impedindo que meu filho conheça sua própria origem. Me dói saber que os decepcionei, mas me dói ainda mais não os ter comigo nessa nova fase e sei que a escolha foi minha.

Um dia, Paloma perguntou se eu estava arrependida por esconder a existência de Tony dos meus pais. Não precisei de um único segundo para respondê-la, não precisei respirar. O arrependimento foi meu fiel companheiro nestes dois anos, dia e noite ao meu lado, rondando minhas noites frias. Por um período, senti-me arrependida por ter cedido ao desejo e dormido com Bento, mas depois, tudo mudou. Eu já não consegui contar a verdade, mas desejava isso a cada telefonema da minha família.

— Como assim “Ele tem a idade da Milena”? Safira, minha filha, como você pôde esconder isso, por tanto tempo assim, de todos nós? Eu sou sua mãe e ainda assim, mesmo falando comigo tantas vezes, chorando de saudade ao telefone, você não encontrou uma oportunidade de dizer? Que espécie de mãe eu sou para você? Sou lixo, não tenho importância, não mereço fazer parte da sua vida?

— Oh, mãe, claro que não! Pelo amor de Deus!

— Pelo amor de Deus? Pelo amor de Deus digo eu, Safira. Você escondeu uma criança, não foi uma saída com o carro durante a madrugada ou uma multa. FOI UM FILHO! Quanta crueldade comigo.

— Mãe...

Só consigo ver suas mãos gesticulando, seus lábios trêmulos a me repreender com tanta mágoa e decepção. Enquanto isso Dora e Sarah permanecem caladas, cada uma com seu pensamentos e

juílgamentos guardados, mas os vejo também. Minhas lágrimas não sessam, é mais forte do que eu e perco o controle.

— Onde está o meu neto, Safira? O que você fez com ele? Por que não veio com você naquele avião?

— Eu o criei, mãe. Eu não abandonei meu filho, como você está pensando. Eu o criei com a ajuda da Clare e do Antony, o casal que me acolheu. Eles estiveram do meu lado e me ampararam para que eu não precisasse abandonar meus estudos. Não me crucifica, pelo amor de Deus!

— Como você queria eu estivesse, depois de saber que fui enganada por todo esse tempo? Minha própria filha. — Olhando para Sarah e Dora, ela questiona. — Alguma de vocês sabia disso? Quero a verdade.

Dora é a primeira a responder.

— Não, mãe. Eu passei por muita coisa nesse período, nem que eu quisesse poderia saber.

— Eu também não sabia de nada. Nunca poderia imaginar. Safira, porque não me contou nada, porque não pediu ajuda para mim? Somos irmãs, poxa. Eu cuidaria dele para você, sabe disso.

— Será que a memória de vocês está funcionando? — Solto. — Papai rechaçou a Dora, não atendia nem os telefonemas dela. Lorenzo a tratou como uma puta e a família dele não foi muito receptiva à primeiro momento, se bem me lembro. Leônidas vivia seu drama particular com a ex sogra, fora seus surtos de ciúmes e Nina. Dora passou o inferno em todos esses meses, ficou internada, sofreu, teve dois filhos e muita, muita coisa aconteceu aqui enquanto eu estive grávida, lá fora. — Falo como uma louca. Digo coisas que nem sabia lembrar. — E para completar a caixa de Pandora, como se já não o suficiente, um louco resolve se apaixonar pelo meu cunhado, tenta matar a minha irmã e morre, deixando todos sob suspeita por meses. Esqueci alguma coisa?

— Mana, eu sinto muito. Eu não deveria ter te julgado dessa forma, mas pensar que você tirou um filho acabou comigo. Desculpe. — Dora me abraça. Devo estar horrível.

— Eu entendo o seu lado, Dora. Só preciso que tentem me entender também. Não foi um mar de rosas para mim.

Um limpar de garganta faz meu corpo gelar por dentro. Papai, que esteve calado até agora, esfrega a mão pelos cabelos e olha para a minha mãe por alguns instantes. Ninguém diz uma única palavra. Nós três observamos a troca de olhares entre eles, sem ter a audácia de abrir a boca para interromper, jamais faríamos isso. Minha mãe é uma mulher justa e amorosa, sempre foi. Não tiro sua razão em estar magoada e ferida neste momento.

— Ouvi vocês até agora, sem dizer nada. O almoço de ontem, me fez recordar dores que prefiro esquecer e não irei passar por isso novamente, espero que nunca mais passe. — Faz uma pausa e caminha até mim. Olhos nos olhos. — Estou profundamente decepcionado com a sua atitude, nunca imaginei que fosse capaz de esconder algo tão importante de nós, sua família. Acreditei que poderia confiar na minha própria filha, mas não foi bem assim.

— Eu não...

— Calada! — O comando bateu como um tapa. — Infelizmente, o que aconteceu não pode ser mudado por ninguém aqui, nem mesmo por você. Mas há um erro que precisa ser corrigido o mais rápido possível. Onde está o meu neto?

Por algumas horas contei toda a verdade para eles, relatei a tragédia que se abateu sobre a família de Clare, contei como vivíamos, detalhes da vida e personalidade de Tony e suas gracinhas. Expliquei o porquê de aparecer sem ele e que o veriam em breve.

Todos estão animados para conhecer o mais novo membro da família. Papai pediu que fôssemos passar algumas semanas no sítio, para ele conhecer o neto e mostrar como é ser um Barcellos, colhendo e comendo morangos aos pés da Pedra Azul.

Por fim, foi doloroso, mas necessário. A primeira etapa está cumprida e graças a Deus, ainda tenho o amor da minha família, por mais que eu saiba que as mágoas demorarão a sumir. Mamãe ficou realmente triste e isso me machuca como nunca.

— Liguei para a Clare, ela deve chegar logo. Eles trarão Tony para ficar comigo, aqui.

— Ah que bom! Estou ansiosa para conhecer meu neto. Filha, ainda falta uma coisa nisso tudo.

Sarah está absorvendo a falta de senso do marido, pois o comentário a seguir foi digno de Leônidas.

— Falta saber quem é o pai. Você sabe quem é ele?

Nossa! A pessoa não abre a boca, mas quando abre é para acabar com a minha vida.

A minha feição com certeza atraiu a atenção de todos, já que voltei a ser o centro dos olhares apreensivos, famintos por respostas. Para quem já chegou até aqui, mais alguns passos não vão me matar.

— Sim, Sarah, eu sei quem é o pai do meu filho. — Cruzo os braços sob os seios, sabendo que a surpresa será enorme. — Terminamos muito mal, brigamos, ele me traiu e eu vi. Quando ficamos juntos antes da minha viagem, não deu certo, brigamos pelo mesmo motivo e isso nos afastou novamente. Nunca contei sobre o Tony, mas agora... será impossível esconder.

— Filha, independente do que ele tenha feito, ele é o pai. Você não pode tentar esconder.

— Eu sei, mãe. Não conseguiria nem se tentasse. Mais cedo ou mais tarde ele saberá. Se não por mim, por um de vocês.

— Por que diz isso, Safira? — Dessa vez é meu pai quem pergunta.

— Antes de dizer, quero que saibam que não foi nada planejado. Simplesmente aconteceu de ficarmos juntos e foi muito antes de vocês sonharem em se envolver com um Malamam, foi antes de qualquer coisa dessas acontecer. Eu tentei evitar, mas acabei me apaixonando e quando dei por mim já sofria escondida.

Sarah e Dora estão completamente chocadas e atentas a mim. Ouvir o sobrenome dos maridos as fez saltar.

— Malamam? — A voz de Sarah quase não sai. Dora logo completa a pergunta.

— Qual Malamam, Safira?

— Não precisam olhar assim para mim. — Chega a ser engraçado, se eu não estivesse tremendo — Bento é o pai do Tony. Foi com ele que me envolvi e foi ele quem me traiu, por isso não o suporto.

— Por isso estavam se alfinetando no almoço. — Mamãe pensa em voz alta.

— Você notou, mãe? — Ironizo.

— Todos notaram, minha filha. Acho que até as crianças. Safira, pelo amor do santo Deus, como será daqui para a frente? Você pensou nisso? Ele é cunhado das suas irmãs, somos praticamente uma única família.

— E os pais dele, o que vão pensar? São pessoas maravilhosas, nos recebem bem em sua casa, sempre que viemos aqui. Será que você não pensou no tamanho desse problema? Mentiras não duram para sempre e isso só piora tudo. — Diz meu pai alterado.

— Eu pensei pai, acredite, eu pensei nisso todos os dias desde que soube que estava grávida. Mas a mágoa não me deixou pensar com clareza e quando ela já não importava mais, era tarde.

— Você não pode esconder isso, nem mais um dia. — Papai é enfático

— Pai, as coisas não são assim. Preciso de tempo, pensar em algumas coisas e...

— Sabe quem fez o parto das suas irmãs? Ele. Sabe quem esteve com a Dora, zelando por ela durante toda a gravidez complicada? Esse rapaz, que me pareceu um excelente homem todas as vezes que estivemos aqui. O que acha que ele vai sentir, quando descobrir que não pôde trazer o próprio filho ao mundo? E você quer esperar...

— Eu não sei como vou contar a ele, ainda. Só estou pedindo em tempo para respirar, eu vou contar.

Graças a Deus, a campainha tocou, e antes mesmo de abrir a porta as risadas de Tony eram ouvidas.

Depois das devidas apresentações, a festa estava formada e o clima tenso de antes parecia nunca ter existido. Meu filho fez o que sabe fazer de melhor, conquistar as pessoas a sua volta com sorrisos e muita gracinha. Devo reconhecer que seu jeito é totalmente herdado do pai, assim como a aparência. Sarah ficou impressionada com a semelhança de Tony com Bento, e Dora citava a todo momento os traços da família Malamam presentes em meu filho. Não há como negar que de mim ele não tem grande coisa.

Matteo, que dormiu e acordou várias vezes enquanto conversávamos, foi o grande passa tempo de Tony, que estava impressionado com o neném menos neném do que ele, e com os sons que ele emitia.

Pode ser precipitado dizer, mas acho que tudo encontrará o seu lugar e logo poderei respirar aliviada. Só preciso encontrar a melhor forma de contar a verdade para Bento, e torcer para ser compreendida.

Capítulo Onze

Por Safira

Acho que Deus se compadeceu de mim e decidiu que é hora de uma pausa para repor as energias. Já estava prevendo o momento que meu pai tomaria as rédeas da situação e contaria ele mesmo ao Bento sobre Tony. Infelizmente, a forma que tudo aconteceu não foi das melhores, mas entre mortos e feridos salvaram-se todos.

Benício teve um mal-estar e precisou ser internado às pressas, o coração do papai Malamam já não é mais o mesmo e tudo indica que ele esteja sobre forte estresse, mas ninguém soube dizer porque exatamente. Para todos os efeitos, tudo vai muito bem na vida pessoal e profissional dele, mas quem sou eu para julgá-lo se houver algum segredo.

A família Malamam está em polvorosa, praticamente acampados dentro daquele hospital, realizando exames e zelando pela sua saúde. Até mesmo meus pais decidiram continuar em São Paulo por mais tempo, tanto para acompanhar a situação de Benício, quanto para mostrar seu apoio a mim nesse momento de transição e conviver com o neto.

Clare e Antony alteraram algumas coisas no planejamento de sua viagem, tendo em vista que meus pais estão curtindo o neto ao máximo, não o deixam nem um segundo. O casal que tanto me ajudou e merece o seu momento de lazer, decidiu viver uma lua de mel, algo que nunca fizeram, mas ainda tinham vontade. Para a minha total surpresa, eles decidiram viajar pelo litoral brasileiro, conhecer nossas praias de ponta à ponta, do Amapá ao Rio Grande do Sul. Dei todo o meu apoio, da mesma forma que sempre recebi deles, os dois merecem um tempo de luz e felicidade.

Lorenzo seria o meu grande problema, tive muito medo que ele visse Tony e comentasse com o irmão. De alguma forma, Bento

poderia ligar as peças, mas isso não aconteceu. Meu cunhado, como um cardiologista e filho dedicado, permaneceu no hospital ao lado do pai. Dora optou por ficar na casa de sua sogra e Sarah voltou para sua casa e seus filhos. O acordo final era que todos guardariam o meu segredo, até que a situação de Benício estivesse mais controlada, desde que isso seja logo.



Por sorte, meu filho é uma criança muito tranquila e fácil de se apegar as pessoas, qualidades que ele não herdou de mim, com toda a certeza do mundo, isso é coisa do pai dele. Tenho aproveitado estes dias para distribuir alguns currículos nas clínicas e hospitais mais conceituados da cidade. Claro que eu poderia tentar uma oportunidade no Malamam Apart Hospital, no entanto, nunca foi meu objetivo. Prefiro galgar a estrada que eu mesma tracei para mim, sem influências externas.

— Estou impressionada com o seu currículo. É realmente muito bom! Inglês fluente, formação em Londres, experiência pratica no dia a dia de um hospital, como técnica e instrumentadora. A única coisa que deixa a desejar é nunca ter trabalhado na área administrativa antes. A prática é um pouco diferente da teoria, e estágios não exigem tanto primor.

Já estamos conversando há mais de uma hora e sei que, se ela não estivesse interessada no meu trabalho, já teria me dispensado. A clínica está em fase de expansão e eu trouxe uma proposta inovadora que agradou a proprietária.

Cláudia é uma famosa cirurgiã plástica, dona de uma clínica comentadíssima no meio médico e, com um desejo enorme de atingir mais e mais clientes. Para isso, ela precisa deixar a administração hospitalar por conta de outra pessoa, e só assim conseguir se dedicar a imagem e crescimento do empreendimento.

— Como viu, sou recém-formada em Gestão Hospitalar, mas fui a melhor aluna da minha turma, sou aplicada e desejo crescer profissionalmente. Garanto a você que a minha garra e determinação superam a experiência e os vícios adquiridos em empregos anteriores. Tudo tem o seu lado positivo. — Sorrio com

simpatia ao notar que ela concorda comigo. Estamos falando a mesma língua.

— É verdade. Você tem problemas com horários, viagens ou mudanças de turno.

Oh droga! Preciso deixar claro a minha responsabilidade como mãe. Meu medo é perder essa oportunidade caso ela entenda que não serei capaz de conciliar as coisas.

— Eu tenho um filho pequeno. Não acredito que ele traga qualquer problema, mas não poderei lhe afirmar que estarei 100% disponível para qualquer eventualidade.

— Entendo. Seu marido trabalha...

— Não sou casada.

— Oh, desculpe.

— Não se desculpe. Isso não é um problema.

Passado o momento constrangedor, ela resolve encerrar a entrevista. Sinceramente, não sei o que esperar, ou se devo esperar algo.



Três dias vivendo com Tony, papai e mamãe, no antigo apartamento onde eu e minhas irmãs morávamos. A rotina não me surpreendeu em muita coisa, desconsiderando é claro, o fato de papai acordar todos os dias às quatro da manhã e minha mãe colocar defeito em tudo que eu faço com relação ao meu filho. Se depender deles, serei Amélia, batendo bolo e lavando roupa na mão, mas infelizmente não sou dada a dotes domésticos, ele terá que se contentar com uma mãe que chegue do trabalho à noite e compre comida congelada.

O meu castigo diário tem sido escutar meus pais e suas repreensões, conviver com a mágoa que deixei em minha mãe e, principalmente, os ouvir conversando sobre como poderia ter sido. Dia após dia, sou lembrada e relembrada pelo meu erro.

Papai passou a manhã com Benício, no hospital, os dois tem muita afinidade apesar de todas as diferenças óbvias entre o neurocirurgião e o agricultor analfabeto. Sintonia é algo estranho de prever, quando ela acontece é da forma mais surpreendente possível. Com os dois é assim.

Por algumas horas precisei escutá-lo dizer o quanto Bento é um bom filho e tocar na minha ferida ainda aberta com suposições e acusações camufladas de conselhos, como se eu pudesse simplesmente ligar e dizer: Passa aqui mais tarde para conhecer o filho que fizemos há dois anos atrás. Por mais que as coisas estejam mais calmas, sei que tudo será remexido, assim que a realidade vier à tona para aqueles que ainda não sabem. Mas não tenho muito o que fazer sobre isso. Os Malamans podem aceitar meu filho de braços abertos, dar a ele todo o amor do mundo e torná-lo um dos seus, ou não. Eles podem duvidar da veracidade da minha história, contestar os fatos, ou algo assim. Bento pode ser tomado pela raiva, principalmente porque eu sei o quão enfurecido ele estará, ao descobrir que escondi algo tão sério, sabendo do seu prazer em trazer vidas ao mundo.



Dias depois...

Por Bento

Estar do outro lado da moeda não é uma experiência das mais agradáveis que já senti na vida, muito pelo contrário. O sentimento de impotência é desolador quando a vida de alguém que se ama está em jogo, dependendo de muito pouco para deixar de existir e virar apenas lembranças, uma saudade. Fiz o meu melhor, mantive a postura e as aparências de como sempre fui, evitei derramar minhas lágrimas na frente do homem que me vê como o filho alegre e piadista, afinal, não é necessário abrir para ele o quanto estou frustrado em não poder ajudá-lo. É o primeiro momento da minha vida que sinto arrependimento por ter escolhido minha especialidade.

Lorenzo e toda a equipe da cardiologia trabalharam algumas horas na cirurgia. Agora meu velho virou o homem de ferro e

carrega um marca-passo dentro do peito. Depois de duas horas no centro cirúrgico, dois dias de internação e muito reclamar, ele está em casa. Finalmente. Poder olhar para ele e velar seu sono é tranquilizador.

— Vai ficar aí me olhando? Não morri ainda, seu moleque frouxo. — Ele me pega de surpresa, acreditei que estivesse dormindo sob o efeito dos remédios.

— O senhor nos deu um belo susto, hein? E não sou frouxo, foi um cisco que entrou aqui no meu olho. — Brinco enquanto escondo o choro e volto a mim.

— Sei. Acha mesmo que vou partir sem te ver casado e cheio de filhos? Sem chance, garoto. Só termino minha missão aqui quando os três tiverem o que eu tenho: uma família para onde voltar, depois de um dia de trabalho digno e vidas salvas. Uma esposa com qualidades que se encaixam em seus defeitos e paz. Um homem só tem paz quando tem um lar.

Esse é o doutor Benício. O homem mais caseiro, amoroso e pai dedicado que já conheci. Sempre tirando lições do bolso com a facilidade que se respira.

— Às vezes, acho que encontrei a mulher certa, mas ela sempre faz questão de me mostrar que estou errado. Nem todos têm uma Magda em sua vida, não é? Devo me contentar com a paz, o trabalho e quem sabe uns filhinhos espalhados por aí.

Ele torce o nariz para minhas palavras. Sabia que o faria.

— Anime o dia de convalescente, desse velho em fim de carreira.

— Não exagera, pai. Foi só um marca-passo, logo estará com a vida normal

— Pode ser. Mas tenho uma pergunta e exijo resposta sincera, nunca tivemos segredos. — Bufo, mas sedo ao seu desejo. Quero saber o que vem pela frente. — Até aonde foi com a filha do Antônio, a irmã gêmea da sua cunhada?

Uau! Rodeios para que, não é mesmo?

— Nunca saímos de São Paulo. Por que? — Mantenho o sarcasmo em alta. Isso sempre ajuda.

— Bento?

— Ok! — Ajeito-me na beira da cama antes de responder. — Saímos juntos algumas vezes e foi muito bacana, mas a vida mudou e cada um seguiu seu caminho. Só isso.

— Só isso? Nada que eu deva saber?

Há algo? Não, acho que não.

— Só isso. Apenas o básico entre dois adultos pensantes, livres, dispostos. Sabe como é!

— Uhum.

É, não o convenci, mas ele também não insistiu com as perguntas sobre Safira. Logo minha mãe retornou do banho e eu deixei os dois a sós.

Quando decido buscar algo na geladeira, ouço a voz de Dora ao telefone, parece tentar disfarçar algo ou esconder sobre o que está falando. Minha curiosidade inflama quando a vejo abrir a porta da sala e caminhar em direção ao jardim. Já é tarde. Lorenzo deve estar dormindo, depois de um dia tomado pela alta de papai e seu acolhimento em casa.

Mesmo errado, decido segui-la para entender o porquê de tanto mistério.

Qual a necessidade de caminhar pelo jardim em uma noite fria?

— Você pediu um tempo para as coisas se acalmarem e meu sogro se recuperou, está em casa e fora de perigo. Pediu alguns dias. — Ela escuta e parece discordar da pessoa do outro lado da linha. Sacode a cabeça e alisa o rosto nervosamente. Tensa — Não posso continuar escondendo isso do meu marido, estou me afundando junto com você nessa confusão. Lorenzo já percebeu que estou escorregadia e não vai engolir mais desculpas esfarrapadas. Chegou a questionar se estou arrependida de ter engravidado

novamente. Ele deve pensar que estou o evitando pelo que aconteceu no passado.

Com quem será que ela está falando? Por que está tão nervosa?

— Acha que com a Sarah será diferente? Pois eu acho que será muito pior. Leônidas não é tão compassivo quanto o meu marido, não mesmo. No momento que descobrir que ela escondeu algo assim, meu Deus. Não quero nem imaginar as consequências. — Uma pausa breve. — Você precisa por um ponto final nessa mentira. — A pessoa parece dizer algumas coisas, pois Dora se cala, respira fundo e fecha os olhos antes de continuar. — Ok, tudo bem. Olha só. Me desculpe por te pressionar, mas não dá para continuar.

Minhas duas cunhadas envolvidas em alguma mentira que pode deixar meus irmãos muito putos. Dora completamente desestabilizada ao telefone. Mil coisas rondam a minha cabeça, mas nada faz sentido.

— Safira, Bento tem o direito de saber da verdade. Papai e mamãe pararam a vida deles para ficar e te apoiar, Sarah e eu estamos arriscando a paz de nossos casamentos, guardando o seu segredo. Apenas diga a ele: “Nós tivemos um bebê”. O resto não importa mais. Bento é o pai do seu filho.

Nós tivemos um bebê. Nós tivemos um bebê... nós... tivemos...

O ar é incapaz de penetrar em meus pulmões, não mexo um músculo do meu corpo. Permaneço estático, escondido na penumbra das árvores que ornaram a entrada na casa. Dora passa por mim calmamente após deligar o telefonema, entra e fecha a porta. Ela não notou que eu escutava a conversa e muito menos que sei... que “nós tivemos um bebê.”

Que caralho de notícia é essa?

Eu a busquei no aeroporto, estive com ela a sós e não desconfiei de nada. Nunca pensei sobre isso, nem mesmo nos dias que seguiram sua partida. Não é possível! Quando nos falamos ao

telefone e eu propus ir ao seu encontro, ela não disse nada. Ou melhor, disse que estava seguindo em frente.

Vou enlouquecer se continuar apenas supondo coisas. Preciso de respostas concretas. Preciso que ela me fale a verdade.

Corto as ruas madrugada a dentro. Ela já esperou demais, agora quem toma as decisões sou eu.

Capítulo Doze

Por Bento

Já passa das duas da manhã, no entanto, não consegui evitar dirigir até aqui, buscar respostas por algo que não sei exatamente ser verdade ou mera ilusão da minha mente doentia, por mais uma chance com ela. Saudade e culpa fazem coisas com a sanidade de um homem. No momento em que vi as chaves de Lorenzo sobre o aparador da sala, tive certeza do que deveria fazer, e cá estou, rumo a entrar sorrateiramente no apartamento dela.

Se nós realmente tivemos um filho, onde ele está? Por que raio de motivo essa maluca não me contou?

É quase impossível acreditar que ela seria capaz de esconder uma gravidez de mim, por tanto tempo. Ainda mais difícil acreditar que Dora e Sarah esconderiam isso de mim por dois anos, dois anos em que estive muito presente em suas vidas, acompanhei suas gestações e trouxe seus filhos ao mundo. Nos tornamos mais que cunhados, somos praticamente irmãos e coisas assim não são escondidas.

— Inferno!

O pior que pode acontecer é descobrir que, de alguma forma, entendi tudo errado e sou o maluco que atormenta pessoas às duas da madrugada, em suas casas.

— Não. É impossível ter entendido errado, Dora disse com todas as letras. Não há outra forma de interpretar aquelas palavras.

Ela estava na Europa, pode ter interrompido a gravidez e ninguém saberia nada sobre isso. Pode ter entregue para doação. Não. Quem faria isso? Talvez ela fizesse. São infinitas possibilidades e só crescem à medida que penso mais.

A rua é bem iluminada, postes trazem um tom amarelado a noite negra que mesmo adiantada, não está calada. São Paulo nunca se cala, nunca dorme, sempre há uma alma perdida vagando

entre as diversas opções de lazer noturno. Passei por muitos bares até chegar aqui, e o que vi foi o resumo da minha vida sem Safira, da minha vida de sempre. Grupos de homens conversando, muitas risadas, bebidas, música e flerte, a tão famosa guerra dos sexos, que na noite acontece mais em um campo de “quem sede” do que de “quem ganha”, mas elas sempre sedem.

O elevador parece funcionar normalmente, entretanto vou de escada, buscando mais tempo para reanalisar as palavras de Dora e tentar, quem sabe, provar para mim mesmo o mal-entendido. Por mais que eu não queira acreditar, a verdade está há alguns andares de distância, dormindo, linda e má. Ela sabe ser má quando quer. Algumas maldades são imperdoáveis, até para quem não leva a vida muito a sério.

Silêncio e breu me recebem. Todos dormindo.

Busco fazer o mínimo de barulho possível, mas poucos passos antes do sofá piso em algo macio que assovia alto. Grita. Há muito tempo não me assustava tanto.

— Merda! — Praguejo baixo, o mais baixo que consigo.

Uma baleia de borracha quase foi responsável pelo meu infarto precoce, ou pelo menos uma perna quebrada. Depois do susto, percebo as respostas surgindo. Uma baleia de borracha não costuma ser artigo de decoração em um apartamento de uma mulher solteira e sem filhos. Talvez seja de Milena, ela esteve aqui com a mãe, pode ter esquecido.

Aos poucos, meus olhos se acostumam com o breu e começo a enxergar as coisas a minha volta. Um movimento chama minha atenção, mas antes que eu possa abrir a boca, ele fala.

— O que faz aqui no meio da madrugada, Bento? Como entrou? Espero que Benício esteja bem. — Reconheço a voz do senhor Antônio. E percebo que não está nada feliz.

A luz, acesa de repente, cega meus olhos por alguns instantes, o suficiente para não conseguir vê-lo se mover, até estar na minha frente. O homem já idoso é alto e aparenta mais vigor físico que muitos dos meus amigos na casa dos trinta.

— Boa noite, senhor Antônio. — Esfrego os olhos antes de focar em seu rosto — Desculpe acordá-lo dessa forma, mas meu irmão tem as chaves e eu precisava vir. — Calo-me.

A claridade me permite constatar o que meu pé já havia descoberto acidentalmente, a sala está abarrotada de itens infantis, todos em tons de azul, verde ou laranja. Um carrinho de bebê atravanca o caminho entre a televisão e a janela. Duas fraldas e uma pomada chamam a minha atenção para a mesa de jantar, junto com elas vejo um frasco de descongestionante nasal.

Isso só pode ser piada.

Não me lembro de já ter estado tão angustiado em toda a minha vida. É como se meu coração estivesse batendo preso em uma caixa muito pequena, enclausurado e pedindo por ar, por espaço. Sinto frio em meus ossos, não só neles, mas em todo o meu corpo que treme por dentro e por fora, com as ideias malucas que transitam desordenadas por mim.

— Precisa se acalmar, rapaz. — Por mais calmo que ele tenha parecido, vejo que não está. Seu olhar direcionado a mim é assustado, atento e apreensivo. Como se esperasse o pior. Explosão. Devo estar visivelmente alterado, mas não me importo com isso.

— Pareço nervoso? — Cuspo. — Acho que tenho meus motivos para estar, no mínimo, descontrolado.

Até minha respiração treme, posso sentir.

— Bento, imagino porque está aqui. Tenho certeza. Não sei como soube, mas posso garantir que tudo tem dois lados para serem vistos. Não chegue aqui com pedras nas mãos, elas podem destruir muita coisa, ou o pouco que ainda resta entre vocês.

— Não me venha com essa. Onde ela está? Safira!!!

— Estão dormindo. São duas da manhã. Fale baixo!

Não quero falar baixo. Quero gritar até ela aparecer e por fim nessa agonia dentro de mim.

— Quero falar com ela, agora. Agora! Acho que já esperei tempo demais, mesmo sem saber disso, não é mesmo?

Passo por ele sem pedir permissão. Ninguém pode exigir de mim educação ou discernimento em uma hora como essa. Nem ao menos me lembro de como cheguei aqui ou como estou de pé, são. Mas antes que eu chegue a porta que me separa de Safira, senhor Antônio segura meu ombro com firmeza.

— Lembre-se que tem uma criança aí dentro. Seu filho. Lembre-se que Safira é minha filha e independente do que tenha feito, do erro que tenha cometido, eu estarei aqui para defendê-la. Já abandonei uma e não repetirei o erro. Não posso exigir calma, mas não esqueça que ela é a mãe do seu filho.

Meu filho. Isso só pode ser um pesadelo. Como posso ter um filho que nunca vi?

— Me solta. E não se intrometa, isso é entre eu e ela. — Olho-o com raiva. — Se o senhor não deu a surra que ela mereceu, não serei eu a fazer isso. Não sou covarde, só estou em busca de respostas e irei arrancá-las se preciso for.

Supreendentemente, uso o pouco de delicadeza que me resta para abrir a porta sem fazer nenhum barulho. A pouca luz que atravessa a cortina é suficiente para cortar a penumbra e me permitir enxergar todo o quarto, uma tela longa sobre a cama e o corpo curvilíneo de Safira, deitada de lado com as costas voltadas para a porta e para mim. Um pé chama a minha atenção, ele é mínimo.

Nada disso parece real.

Esticado ocupando quase toda a cama há uma criança. Um menino. Gordo e quase sem cabelos, o pouco que tem parece ser bem claro e liso, como os meus. Sua barriguinha sobe e desce rapidamente, as pálpebras tremem como se estive sonhando com algo agitado, talvez seja um pesadelo. Sinto vontade de acordá-lo, tomá-lo em meus braços e mostrar que tudo não passa de um sonho ruim, mas me contenho. E como se percebesse, Safira estende a mão girando o corpinho roliço e o colando ao seu. Num

passa de mágica, o garotinho está dormindo tranquilamente encaixado a mãe, como se nada pudesse o atingir ali.

“Não posso exigir calma, mas não esqueça que ela é a mãe do seu filho.”

As palavras de Antônio martelam na minha cabeça. Nossa história vai e vem, ainda não consigo entender, acho que nunca entenderei aonde eu estava que não vi. Tudo que perdi, tudo que ela me tirou e ainda tira. Meus erros não podem servir de justificativa para algo tão grandioso.



O sol nasce lentamente e com ele o rostinho do meu filho é revelado a mim pela primeira vez, com riqueza de detalhes. Imagino que todos se sintam exatamente como me sinto agora, pareço o conhecer desde sempre, sinto isso. Há uma enxurrada de sentimentos afogando tudo que senti até agora, só posso ver amor, só sinto amor.

Safira ainda dorme enquanto o pequeno começa a percorrer a cama com os olhos fechados, vira de um lado para o outro, eleva o bumbum e vejo uma grande mancha sobre o colchão. Alguém fez xixi na cama. Logo ele senta com o rostinho amassado, boca inchada e roupa molhada. O primeiro olhar é dirigido a mãe, mas logo começa a explorar o quarto já claro, até chegar em mim. Estou sentado em uma cadeira ao pé da cama, bem próximo a ele.

Meu filho!

— Óh! — Balbucia ao me olhar.

Estou tão espantando com seus traços, ou melhor, meus traços nele, que não consigo parar de olhar. O cortinado branco impede que eu o veja mais nitidamente, mas não é preciso, o que vejo é o suficiente para encher meu coração e meu rosto com um sorriso largo ao pequeno eu.

Ajoelho-me a sua frente e levanto parte do véu, apenas para que ele consiga passar, e para a minha surpresa ele vem. Vira o bumbum molhado, coberto por uma fralda já cheia, e escorrega pela

abertura que fiz, confiando que irei segurá-lo. Nunca me viu e me recebe como se fôssemos íntimos, se minha mãe visse isso diria: “Você era exatamente assim”.

— Oi! — Sussurro baixinho para não acordar Safira, que dorme como se nada estivesse acontecendo a sua volta. Não passa das 6h. Nossa conversa pode esperar, agora só quero conhecer esse mijãozinho. — Fez xixi?

Ele apenas sorri mostrando seus dentinhos e jogando na minha cara o bafinho mais gostoso que já senti, nunca imaginei que pensaria isso, mas bafo de bebê não é ruim. O do meu bebê é melhor ainda. Aconchego-me melhor no chão, com as pernas cruzadas e ele faz o mesmo na minha frente, mãos coçando os olhos e pés descalços sobre as coxas. Tão pequeno.

— Axim?

— Assim. Isso mesmo. Qual o seu nome? — Pergunto com o rosto bem próximo ao seu e voz baixa.

— Tomi. — Carrega no I.

— Tomi? Esse é o seu nome?

Com a cabecinha ele nega e repete a mesma coisa, mas eu erro novamente. Tentamos mais algumas vezes até que associo seu nome a tatuagem de Safira, Antony, é isso. Quando o chamo de Tony ele bate palminhas e grita feliz com o meu sucesso. Acho que estou apaixonado pelo meu filho! Simplesmente não consigo deixar de olhar, de sorrir e de agradecer a Deus por ter me dado algo assim tão incrível.

Não demora para que ele se interessar pelo meu relógio e começar a apertar todos os botões, logo entrego o celular e as chaves do carro. Dou tudo que ele pode estragar e me custar uma fortuna, mas não ligo. Seguro o queixo, que já está caído, derrubado, e sigo contemplando os gestos imprecisos, cada movimento feito por ele é novidade absoluta para mim.

Algo chama a minha atenção, algo não, alguém. Fixo o olhar na cama. Safira estende a mão à procura do nosso filho e ao não o

encontrar senta afobada, olha no canto acreditando ter o deixado cair, mas logo nota a minha presença. Pela expressão em seu rosto percebo que demora a acreditar, até ver Tony junto comigo brincando distraidamente.

— Meu Deus...

Pode começar a rezar

— Deus será um bom começo, mas não creio que Ele esteja a seu favor nesse momento. — Faço questão de demonstrar todo o meu mal humor. — Bom dia, Safira.

— Como... Como entrou aqui? — Gagueja.

— Quer mesmo falar sobre isso? Acho que temos coisas mais importantes a conversar como... — Estalo os dedos no ar — Um filho! Não acha?

Confesso que não sei como agir agora, com ela olhando diretamente para mim, transparecendo toda a sua surpresa e aflição. A vontade imediata é de gritar, quebrar tudo a minha volta e exigir respostas. Mas não só isso. Desejo confrontá-la e compreender os motivos ou justificativas para algo dessa grandeza ser escondido por tanto tempo.

O silêncio só não é completo, porque Tony brinca animado com meu aparelho de telefone. Em outra atmosfera, estamos nós dois, como um leão e uma gazela, presos em poucos metros quadrados. Um sabe que é o caçador e o outro teme, por encontrar-se na posição de caça. Grandes olhos chocolate vidrados em mim, pedantes como eu nunca vi antes, a boca carnuda não brilha, está seca.

— Por favor, saia do meu quarto. Preciso me vestir, preciso de alguns minutos.

Meus olhos escorregam por seus ombros, passeiam em zigzag até chegar as cochas expostas em um conjunto cinza, de algodão. A ausência do sutiã é facilmente notada, consigo ver seus mamilos e isso só melhora com a respiração rápida. É tão linda!

Mire nos olhos, apenas nos olhos.

— Para inventar mentiras? Mais?

— Eu não menti para você. — Suas palavras não têm firmeza, parece amedrontada. Os olhos vão de mim para Tony a todo momento.

— Claro que não. Você omitiu, certo? Omitiu que estava grávida, omitiu o nascimento do meu filho e seguiu com sua omissão por mais e mais tempo até aqui. Realmente, isso redime muito o seu ato. — Sorrio com os lábios entre os dentes. — Desculpe o equívoco.

— Pode sair, por favor?

Fico de pé, mas antes de qualquer coisa pego Tony nos braços, ele é mais pesado do que imaginei. Sua fralda molha minha roupa, um detalhe totalmente sem importância para mim. Ao me ver caminhar com nosso filho nos braços, Safira desvencilha-se do cortinado e para na frente da porta, cheia de coragem. Ali está outra mulher.

— Deixe meu filho aqui. Não vai levá-lo a lugar algum.

Sorrio com deboche. De certa forma quero assustá-la. Seu medo me toca de alguma forma, mas isso não precisa ser externado.

— Por que está tão nervosa? Acha que vou tirá-lo de você pelos próximos dois anos, viver feliz e retornar como se nada tivesse acontecido? — Ela abre a boca para responder, só que não dou o tempo necessário. — Não sou você.

— Bento, por favor...

— Vista-se. Vou levá-lo para os seus pais e volto em cinco minutos para a nossa conversa.

Saio orgulhoso da minha postura, feliz por ter meu filho nos braços, mas triste. O suplício desenhado nos olhos escuros, cheios de lágrimas contidas não é prazeroso para mim, não gosto de vê-la sofrer. Por mais que ela mereça.

Antônio e Amita estão na sala, à espera do desenrolar de nossa conversa. Acredito que estejam aqui desde a hora que

cheguei, pelas caras exaustas não há dúvidas. A mulher aflita estende as mãos para pegar o neto, mas ele agarra meu pescoço e brinca de esconder. O pequeno não tem a menor noção da guerra instaurada, sua inocência é linda de se ver.

— Vem, Tony. Vovó vai trocar sua fraldinha, vamos tomar dedê quentinha, ãh? — Ele nega com a cabeça voltada para trás. Ainda está brincando com meu celular.

— Dona Amita, eu troco a falda dele enquanto a senhora faz o leite. Pode deixar comigo.

— Já trocou alguma fralda antes, rapaz?

— A essa altura eu já deveria ter trocado milhares, mas fui impedido de cumprir o meu papel. — Os dois ficam constrangidos com a minha resposta e logo me arrependo. — Troquei muitas fraldas de Nina, acho que ainda me lembro como se faz.

Capítulo Treze

Por Safira

Se não é um pesadelo, Bento acabou de deixar o quarto carregando meu filho e não consegui impedir.

Diferente de tudo o que já vivemos, Bento estava armado contra mim, a raiva brilhava em seus olhos azuis, como lava derretida, algo que não estou acostumada a ver nele, um homem humorado e leve. De todas as vezes que imaginei esse momento, em nenhuma delas seu olhar estava tão carregado quanto hoje. A postura agressiva, maxilar marcado, testa enrugada e aura escura não se encaixam com ele, mas estão ali.

Ele me odeia.

Sem aviso, a porta é aberta e ele retorna com os mesmos olhos, porém, a figura parece mais branda.

— Quer conversar aqui ou prefere ir para outro lugar? — Pergunta sério com os braços cruzados sobre o peito, pernas separadas. Parece um militar.

— Estou bem aqui.

— A última coisa que você parece, é bem. Mas vamos lá. — Após arrastar a cadeira para mais próximo da cama, senta-se e esfrega as mãos com os olhos vagantes pelo quarto ainda bagunçado. — Temos um filho que já fala, anda e ... Deus, ele tem mais de um ano. Pode me esclarecer?

A última frase sai carregada de ansiedade. Seus olhos estão vermelhos, assim como o pescoço.

— Eu... Não sei bem por onde começar. As coisas não foram da forma que você pensa. — Antes que eu tenha a chance de formular a frase e escolher melhor as palavras, ele me corta.

— Não estou pensando de forma alguma. Tudo o que sei é que o garoto é meu filho. É evidente. Fora isso, espero que você dê conta

de explicar. Tente começar pelo começo, costuma funcionar.

— Talvez se você me deixar falar, as coisas serão mais simples para mim. Não pense que estou feliz com essa situação.

— Nem eu.

— Então, fique quieto. — Ele apenas assente com a cabeça, dando-me condições de continuar. — Eu engravidei na nossa última vez, acreditava que o meu anticoncepcional estivesse funcionando, mas ele falhou. Quando descobri, estava em Londres.

— Por que não me ligou? Por que não contou quando eu te liguei? Poderia ter feito isso, teve a chance. Que merda, Safira! — Assustou-me com sua voz alta. Estou completamente trêmula.

Sim, eu tive.

— Eu havia acabado de descobrir que estava grávida, mil coisas povoavam a minha cabeça e ainda tinha a grande possibilidade de perder a chance da minha vida, era muita coisa para mim. As coisas foram complicadas no início. — Pela primeira vez, desde que chegou, vejo preocupação em seu rosto.

— Complicadas com a gestação, aconteceu alguma coisa? Sua saúde ou a dele? — Aflição escorre em suas palavras.

— Acho que era mais emocional ou mental, do que físico. Não aceitei bem o fato de estar esperando um filho... Humm...

— Meu? O problema era eu ser o pai.

Não, não vamos por esse caminho. Toda essa merda já foi superada e não precisa voltar agora para me atormentar.

— Olha... nos primeiros meses sim, não vou mentir. As coisas ainda estavam muito recentes e eu não tive maturidade para lidar com isso. Só que depois eu coloquei minha mágoa por você em um cantinho escondido da minha mente e foquei apenas nos meus estudos e no meu filho. Frequentei grupos de apoio e ajuda para mães solteiras ou com problemas, isso me ajudou muito.

— Nosso filho, ele já foi seu por tempo demais, tente se lembrar que Tony é nosso.

— Desculpe, é habito.

— Péssimo habito.

É uma droga estar errada e saber que devo ouvir e entender sua raiva. Quando estamos errados perdemos a capacidade de resposta.

— Tive medo de contar para as pessoas, vergonha. Além disso, as coisas aqui não estavam nada boas, Sarah sofria com a ex sogra de Leônidas, Dora viveu um inferno com Lorenzo e para piorar tudo, meu pai a rechaçou. Na minha cabeça, comigo seria muito pior. Você não faz ideia de como eu estava por dentro.

De pé ele caminha até a cômoda e remexe na caixinha de remédio de Tony, olhas os rótulos sem dizer nada. Duas receitas estão sobre o móvel, em uma delas consta o nome dele, o meu, e o espaço “pai” está com um traço.

Por que eu não guardei isso ontem?

— Eu estaria ao seu lado. Você me conhece melhor do que ninguém. Jamais te abandonaria.

— Depois do que Lorenzo fez com a Dora...

— EU NÃO SOU ELE!!!!

— Oh. — Começo a chorar.

Ele não faz diferente, mas suas lágrimas são de ódio.

— Tem ideia do quão egoísta isso é? Foi cruel comigo e com ele, não só me puniu, mas a todos de nossas famílias. — De forma bruta, Bento vira a receita para mim. — É isso o que eu sou, um risco? Fui literalmente riscado da vida dele, impedido de agir ou intervir em minha defesa. Está feliz agora? Seu julgamento me tirou coisas que jamais poderei recuperar.

— Não foi intencional, Bento. — Me debulho em lágrimas.

Meu Deus, como estou arrependida, mas não posso mudar o passado.

— Ah não!? Foi sem querer que você escondeu nove meses de gestação, um parto e todas as primeiras lembranças do meu filho? Sem querer, UM ACIDENTE, SAFIRA.

Seu grito ao final da frase, faz com que eu me encolha assustada. Nunca o vi assim. O rosto que eu conheço vivia decorado com sorrisos e caretas alegres.

— Não grite, nosso filho está na sala. — Imploro. Isso parece acalmá-lo de alguma forma, ou pelo menos o trouxe de volta a si. A possibilidade de ser agredida por ele chegou a passar por minha cabeça

— E depois que ele nasceu? Depois que as coisas aqui estavam mais calmas? Você teve um ano de paz para tomar uma atitude e não fez nada. Manteve-me no escuro.

— O que quer que eu diga, Bento? Não tem conserto, está feito. Eu errei, errei feio e não espero que me perdoe por isso. Não posso voltar no tempo e fazer o certo, mas estou aqui e a verdade está dita. Droga!

— Não por você. Se eu não tivesse escutado a Dora ao telefone, nunca saberia. — Estamos cara a cara. Eu sentada e ele curvado em minha direção. — E ainda envolveu todos na sua teia de mentiras.

Então foi isso. Ele ouviu minha conversa com a Dora durante a noite. Agora entendo.

— Sinto muito. Sinto ter escondido nosso filho de você. Sinto ter omitido tantas coisas, mas não posso voltar no tempo. Se você quiser ter contato com ele, tudo bem.

A resposta vem com uma gargalhada de deboche que ecoa pelo quarto. Sua mão apertando forte meu braço, colocando-me de pé junto a ele. E as palavras são ditas com toda a sua convicção.

— Se eu quiser? Você só pode estar brincando comigo! Ele é meu filho, infelizmente a mãe não foi escolha, mas ele é meu filho e não há o que você possa fazer para me afastar dele, depois de hoje. Se

um dia eu te decepcionei, te feri, pode ter certeza que não foi um décimo do que você fez comigo.

— Me solta, está me machucando. — Realmente está. Seus dedos estão fundos na minha carne.

Na mesma hora ele solta meu braço, esfrega a testa irritado mais consigo mesmo do que comigo.

— Sabe o que eu fiz enquanto você esteve fora?

— Não é da minha conta.

Faça-me o favor! Não estou aqui para escutar as aventuras sexuais de Bento Malamam.

— Perdi tempo. — Cospe com desdém.

— Isso não é novidade para mim.

— Perdi tempo te esperando. Contando os dias para a sua volta. Torcendo para ter alguma chance de acertar todos os erros que cometi. — Fico imóvel quando sua mão acaricia minha bochecha. Estamos tão próximos. — Perdi tempo imaginando as loucuras que faria para ter você de volta, para derreter essa pedra de gelo que prendeu seu coração.

As batidas do meu coração perdem totalmente o compasso. Sinto uma gota de suor escorregar em minhas costas.

— Devo acreditar que esteve sentado, me esperando? — Bem que eu gostaria, mas o conheço bem demais para isso. Não vou e não quero alimentar um sentimento morto e enterrado dentro de mim.

— Como sempre você, escuta o que quer ouvir e não o que eu digo. Eu não sentei e joguei cartas por dois anos, Safira. Mas eu garanto que nada do que eu fiz foi relevante para nada, além de passar tempo à sua espera.

Quanto mais eu tento abafar as lembranças e sentimentos dentro de mim, mais elas sobem a superfície e tentam me ludibriar, nublar minha mente para o que realmente está acontecendo. Não estamos aqui para falar de nós, não existe um “nós”.

— Quero que uma coisa fique clara. Temos um filho, mas não somos e nunca seremos nada, além de pai e mãe do Tony. Tenho um namorado, sou feliz com ele e exijo que você respeite isso.

Mantenho a postura, estou fazendo o meu melhor para demonstrar total indiferença a ele, falar de Joshua foi a forma que encontrei para levantar uma barreira entre nós. Depois de tudo o que já vivemos, não há mais espaço para um relacionamento amoroso e minha cota de trouxa para essa vida já foi usada.

— Seu namorado mora em Londres, suponho.

— Sim, ele mora.

— Espero que não pense em voltar para lá.

— Não penso, não agora. Pode ser que as coisas mudem, mas isso não está nos meus planos.

— Meu filho não vai morar em outro continente, Safira. Isso é sério.

Não quero mais brigar, estou cansada disso.

— Bento, pelo amor de Deus. Já temos problemas o suficiente pelo próximo milênio, não vamos buscar por um que ainda não existe, por favor. — Ele apenas assente, mas não se dá por vencido, posso ver em seus olhos.

O clima é pesado, nossos ânimos estão inflamados e qualquer palavra é a faísca necessária para uma explosão. Bento não veio disposto a relevar os acontecimentos ou me dar crédito, veio armado para a guerra. Procuro entender o seu lado, mas não tenho sangue de barata e as discussões são inevitáveis.

Como última tentativa de paz, peço que ele se sente na cama, ele concorda e começo a contar sobre minha gravidez, pego exames, fotografias e filmagens que tenho guardadas. Faço o meu melhor para provar que estou disposta a viver bem, em prol do nosso filho. Ele se perde nos exames, olha cada detalhe, analisa profissionalmente o relatório de nascimento de Tony e me cobre com mil perguntas. Sua animação e envolvimento, me fazem lembrar de um homem que-conheci há cinco anos atrás, um homem

alegre, amoroso e amigo. O mesmo que destruiu todo o castelo que eu havia construído a sua volta.

— Tem vídeo do parto, você chegou a gravar? — Já mais calmo, mas mantendo total distância, ele inicia uma conversa enquanto estamos sentados.

— Filmagem não. Tenho alguns vídeos curtos, dos momentos dele. Guardo em uma nuvem na internet. Se você quiser posso te enviar.

— Quero sim.

— Tá legal!

Estou apenas de espectadora, enquanto ele se nutre de informações sobre o filho. Ao passar pelas fotos da maternidade, não é capaz de esconder a emoção e algumas lágrimas escapam travessas. Não sei porque, mas resolvi limpar seu rosto com o polegar, um gesto de carinho, no entanto não consegui concluir. Bento segurou meu punho antes que pudesse tocá-lo.

— Esse seu namorado...

— O que tem ele?

— Ele entende que teremos uma relação muito próxima daqui para frente? Porque isso será inevitável.

Não devia ter falado do Joshua. Droga!

— Joshua não será problema, Bento. Ainda vamos acertar a nossa situação, não esquite com isso. Sua relação será com Tony e não comigo, temos alguns termos para acertar e o resto se ajeita com o tempo.

A expressão de curiosidade toma conta do seu rosto.

— Que termos quer acertar? — Pergunta com um certo desdém, parece cansado de uma conversa que nem começamos.

— Visitas, horários, pensão, documentos. Essas coisas. Vou procurar uma creche de confiança para ele. Estou fazendo entrevistas de emprego também.

Sinto-me um pouco mercenária ao falar sobre pensão, mas é a realidade. Viverei sozinha aqui e pelo pouco que olhei de creche, já vi que será complicado fazer tudo sozinha. Se ele pode ajudar, será o melhor.

— Vai estipular dias e horários para eu ver meu filho? É sério isso?

— Sorri nervosamente. É nítido que ele não gostou dos meus termos.

— É o certo a se fazer.

— Safira, você não fez o certo até agora, vai começar podando meu tempo com ele? Coloca a mão na consciência e veja se é justo determinar, quando eu posso ou não, estar com o meu filho. Filho esse que conheci hoje.

Senhor das mãos encrencadas, dai-me paciência.

— Será que um dia vai parar de esfregar o passado na minha cara? Precisamos superar e olhar para frente.

— Um dia vou parar, mas não será agora. Por acaso, o seu passado é o MEU presente. Tudo que para você já aconteceu, para mim está acontecendo e isso não vai sarar em algumas horas. Então, aguenta calada!

Não paramos por aí, a conversa sobre “os meus termos” se arrastou e arrastou até que eu aceitei tudo, tudo que ele pediu... Impôs.

— Ficamos assim? — Agora ele parece mais feliz do que antes.

— Não tenho muitas opções aqui.

— Fico feliz que tenha entendido os “meus termos”. — Sorrindo com deboche, ele faz aspas com os dedos no ar e acena. — Vou conversar com os meus pais e amanhã você leva o Tony para conhecê-los, junto com meus irmãos, assim fazemos as apresentações de uma só vez. Fico com ele quando chegar do trabalho, até que durma todos os dias.

— Isso é um exagero. Poderia vir aos finais de semana e as quartas.

— Deixe ele comigo e faça isso você.

— Sou a mãe dele, Bento.

— Ótimo, eu sou o pai!

— Não vou discutir com você. Está certo, vamos ver até quando aguenta.

De alguma forma, o meu desafio soou interessante para ele, mas duvido que aguarde. Logo as noitadas vão chamar, a graça vai acabar e tudo será como eu sugeri. Tenho certeza.

— Preciso ir agora. Meu pai ainda está se recuperando da cirurgia, gosto de estar perto.

— Mande um abraço para ele. Fiquei muito feliz que deu tudo certo.

Permanecemos de pé, próximos a porta do quarto. É um momento constrangedor, às vezes ficamos sem ter o que falar, apenas olhando no fundo dos olhos um do outro e eu não consigo continuar. Sempre perco essa batalha e termino olhando para as unhas.

Surpreendo-me com seus dedos tocando meu queixo, obrigando-me a olhar diretamente para ele, como fazíamos antes. São poucos os segundos que fico entregue ao azul intenso do seu olhar, derretendo com o simples toque carinhoso que a tanto tempo não acontecia. Tempo demais.

— Quero fazer dar certo, Safira. Nosso filho merece o nosso melhor.

— Uhum! — O que posso dizer com ele sussurrando assim, há poucos centímetros do meu rosto. Quase não consigo pensar, só nado no azul e percebo o mover dos lábios.

— Acho que quero mais do que isso, mas ainda me enfureço ao lembrar do que fez.

Oh! Não podemos querer nada além do que temos. Já cai nesse mar e quase me afoguei, por pouco não me perdi.

— Está na sua hora.

Caminho com Bento até a sala, por alguns minutos ele brinca com Tony enquanto responde algumas perguntas ao meu pai. Parece certo de suas responsabilidades, feliz com a novidade e ainda muito, muito magoado comigo. As poucas vezes que dirigiu o olhar para mim, estava nitidamente contrariado.

— Está gostando, né? Gosta de uma farra. Garoto esperto! — Tony sorri tanto que chega a soluçar. — Amanhã vamos brincar na piscina da vovó Magda, você vai adorar.

Vê-lo brincar com o filho no tapete da sala, é estranho e delicioso. Sinto tudo tão natural e real, chego a temer que seja mentira, um sonho do qual vou acordar ao cair da cama, mas não é. Ele está aqui, deitado no meio da sala com meu filho sobre os pés e mãos brincando de aviãozinho, enquanto isso é metralhado por baba e risadas do filho. Nosso filho.

O pensamento de “como teria sido” faz morada em minha mente, mas não quero mais pensar. Só preciso viver o agora e deixar que tudo tome o seu lugar. Meu filho está feliz, eu estou feliz.

Capítulo Quatorze

Junho 2016.

Por Bento

Abro todas as janelas, quero luz e vida aqui.

Ainda sob o efeito das últimas semanas de mudanças radicais, e decisões que surpreenderam até a mim mesmo, quase não me reconheço. A chegada de Tony foi o ponta pé inicial para todas elas. Todas as vezes que penso nele, surpreendo-me com o afeto, carinhos, amor e alegria capazes de brotar de um ser tão pequeno. Esse imóvel será mais um passo no longo caminho que desejo seguir a partir de agora.

O choque inicial foi inevitável, todos ficaram surpresos com a notícia de um Malamam a mais para completar o time dos sacudos. Já estamos torcendo para o bebê de Dora ser menino, assim a festa será garantida, o mundo ficará pequeno para tanto reprodutor de qualidade.

As coisas estão complicadas com o relacionamento entre Safira e minha mãe. As duas discutiram feio, minha mãe fez acusações inflamadas, Safira se defendeu com as armas que teve e por fim pegou nosso filho nos braços e saiu feito louca. Por sorte consegui alcançá-la na rua e, praticamente, jogá-la dentro do carro.

Ir atrás de Safira deixou minha mãe ainda mais irada, segundo ela, eu preciso ser mais duro para mostrar que não vou cair novamente em seus braços. O grande problema é, eu quero isso, cada dia vejo que quero mais. Estar todos os dias com ela e nosso filho tem mexido muito com a minha cabeça, além do esperado, além do saudável.

Resumo da ópera: As duas cortaram relações e eu passei a não me sentir tão confortável na casa dos meus pais.

Chegou a hora de voar.

— Doutor Bento, a posse já foi dada, a documentação está em andamento, mas legalmente este imóvel já é seu. Se precisar de ajuda com a decoração, temos um ótimo escritório a indicar.

Passei tanto tempo refletindo enquanto admirava a paisagem e as paredes brancas, que esqueci do corretor. Há uma semana terminei minha busca e encontrei o lugar perfeito para mim.

— Obrigado, mas não será necessário. Quero decorar sozinho, mesmo. — Ele concorda e faz mais alguns comentários. Sorrio, interajo, mas tudo o que desejo é que ele vá embora logo. Estou contando as horas para mostrar a novidade para quem realmente interessa.

Safira conseguiu um emprego em uma clínica de cirurgia plástica, onde para a surpresa dela, a dona é minha paciente e amiga. A partir daí todas as minhas decisões foram tomadas, tudo na intenção de conciliar o dia a dia de Tony com o meu e conseguir passar o máximo de tempo possível com ele.

Visitamos algumas creches e escolhemos a que mais nos agradou. Fica próximo ao trabalho dela, que por sua vez não é longe do hospital e de meu novo apartamento. A logística já começou facilitada, mas o problema foram os horários. Muita discussão e desentendimento até que, Safira aceitou me dar a cópia das chaves do seu apartamento, dessa forma eu posso pegar o Tony na creche e levá-lo para casa até ela chegar.

Dizer que Safira está esgotando sua paciência comigo, é muito singelo. Reconheço que tenho pegado um pouco pesado nas últimas semanas, lembrando seus atos e impondo exigências, mas faço isso para que ela entenda o quanto errou comigo. E devo admitir, é muito bom deixá-la irritada, pois fica ainda mais linda. Desde que seus pais foram embora, faço questão de estar ainda mais presente, passar o máximo de tempo junto com meu filho, formar laços e lembranças. Preciso que ele me conheça e goste de mim.

Como em todos os dias, pego Tony na creche, mas ao invés de ir para o apartamento de Safira, vamos à clínica. Quero que os

dois sejam os primeiros a conhecer a novidade. Espero por meia hora em uma pracinha quase em frente, aproveito para brincar com meu pequeno e apresentar para eles as maravilhas do carrinho de algodão doce.

É impressionante como as pessoas olham para um homem com um bebê, mulheres principalmente, todas elas. Algumas são mais audaciosas e puxam assunto com perguntas relacionadas ao pequeno, quando na verdade só estão com os olhos maliciosos focados em mim. Não é pretensão, é visão, vejo a forma “sutil” que se oferecem para ajudar se necessário.

— Falo sério. Se precisar de alguma coisa é só me ligar. — A loira que passeava com seu cachorrinho, já está conversando comigo há um tempo e não sei se tem algum tique nervoso, ou pensa que sacudir o cabelo enquanto fala é sexy.

— Valeu! — Pego o papel com seu número por educação, não pretendo sair com o *Primo Itt*.

— Quer me passar o seu telefone?

— Pode passar para mim se quiser. Tem uma caneta, querida? — Safira chega com cara de poucos amigos e fogo nas ventas. Preciso me segurar para não rir. Tony é arrancado dos meus braços — Vem, meu filho!

— Estávamos te esperando.

— Recebi sua mensagem. Onde está o carro? — Aponto para onde o veículo está estacionado. — Pode terminar de agendar a trepada da semana, já estava demorando mesmo. Te esperamos lá.

Essa foi a cena mais estranha que já vivi. A pobre menina, vermelha feito um pimentão, deve estar pensando que minha esposa acabou de me mandar trepar com ela e deu as costas. Puta. Carregando nosso bebê.

— Olha... desculpe. Ela está na tpm. — Justifico humorado.

Isso foi ciúmes? Porque se não foi, pareceu muito.

O caminho é feito em silêncio, interrompido apenas por algumas palavras de Tony, sentado no banco de trás assistindo alguns desenhos no dvd que mandei instalar para ele. Isso sim foi um excelente investimento. Meu carro é plenamente capaz de matar a fome de uma família por dias, considerando a quantidade de biscoitos, bolachas e balas que encontro nos mais diversos lugares.

— Para onde estamos indo? — Sem olhar para mim, ela questiona.

— Dei um passo importante e quero compartilhar com vocês. Estamos quase chegando.

Não demora até chegarmos ao prédio e desde o estacionamento, ela me enche de perguntas sobre a compra e o porquê dá decisão. Acreditei que nunca mais escutaria palavras de incentivo vindo dessa mulher, mas ela realmente gostou da ideia de não precisar cruzar com minha mãe todas as vezes que tiver que pegar ou levar Tony para mim. Fazer com que a dona Magda e Safira se entendam não será uma tarefa simples, mas é algo necessário, já que não posso administrar as duas mulheres mais presentes na minha vida, em guerra constante.

O espelho do elevador reflete uma imagem engraçada, algo que nunca sonhei antes de se tornar realidade.

Eu recém-saído do trabalho, ainda vestido de branco, Tony nos braços trabalhados em sujeira e suco de uva sobre o uniforme, carinha sonolenta, enquanto Safira responde alguma mensagem no celular e carrega a mochilinha do nosso filho. Ela parece irritada com a mensagem, mas desvia o olhar para nossa imagem projetada no vidro e seu semblante muda. O reflexo quase sempre é a realidade, mas aqui não, é apenas uma leitura malfeita do que poderíamos ter sido.

O apartamento não é muito grande, nada comparado com a casa dos meus pais ou irmãos, está mais para uma versão sofisticada do apartamento que Safira mora hoje. Três quartos, sendo duas suítes, uma sala em L com o piso em madeira, uma cozinha, lavabo e banheiro social. A varanda é a parte mais interessante da casa. Enorme. Pretendo usá-la para brincar com

meu filho sempre que possível. Quem sabe até colocar alguns brinquedos de parquinho.

— É todo branco. Tem muito trabalho pela frente para deixá-lo com a sua cara. — Comenta ela.

— Vou mexendo aos poucos. Só preciso de uma cama e ar condicionado, por enquanto. Acho que o resto pode esperar. Quero me mudar amanhã mesmo.

— Precisa de tela para as janelas, isso é urgente. — Claro que ela encontraria um defeito, mas eu vim preparado.

— Os caras vêm amanhã cedo, deixarei a chave com o porteiro. Vou instalar os protetores de tomada, quinas e tudo o que precisar. Lorenzo e Leônidas são mestres nisso, não deve ser complicado.

Tony explora o novo apartamento, mexe nos armários da cozinha e na privada. Enquanto isso, comento com Safira sobre minhas ideias, planos de comprar um outro imóvel para eles dois e dar mais segurança a ela, acredito que seria bom não se preocupar com o aluguel. Ela não rejeita, mas não parece muito entusiasmada com a ideia. O melhor seria conseguir algo aqui neste prédio ou nos vizinhos.

— O valor que combinamos já cobre todos os custos do Tony, você sabe bem disso. Ele está na melhor creche, tem um bom plano de saúde, roupas e não falta nada. Posso arcar com o aluguel. Eu trabalho, sabia?

— Não estou dizendo que não é capaz, Safira. Quero ter a certeza que vocês estarão bem e seguros. Nunca tive um pinto para dar água, mas agora que tenho quero fazer o melhor.

— Preocupe-se com o Tony, de mim cuido eu.

Que criatura orgulhosa!

Juro que tento uma boa convivência, mas as vezes ela me tira do sério. No momento em que seu celular volta a vibrar ela tenta se afastar para responder, perco a paciência. Eu vou enlouquecer se não souber com quem ela tanto fala. Indo contra a minha postura comum, tomo o aparelho das suas mãos.

— Vai falar comigo ou com essa merda de telefone?

— Você ficou maluco? Me devolve isso, Bento Malamam!

Antes que ela consiga chegar a mim, viro de costas. Passo as mensagens e com a outra mão a impeço de se aproximar mais. Os textos estão em inglês, mas basicamente era o tal namorado fantasma dizendo que precisavam conversar, que estava com saudades dela e as noites frias estavam ainda mais frias.

Que gay esse cara. Idiota. Meloso...

— Noites frias? É sério que você dava para esse idiota?

— Isso não é da sua conta. Me devolve meu telefone agora, Bento.

— Faço o que ela me pede, mas não sem olhar bem para a fotografia do sujeito.

Cara de maluco da porra.

No meio dessa cena esquecemos a única coisa que jamais poderíamos ter esquecido... Tony.

Varremos o apartamento e nada de encontrar o pequeno, parecia ter evaporado. Safira se desespera e grita o nome do nosso filho até nos corredores do prédio, mas nada de resposta.

— A porta da varanda estava aberta, Bento. Ele pode ter caído. Oh meu Deus! Ajude-me a encontrar meu filho.

— Fique calma. Ele deve estar pensando que é brincadeira. — Preciso acreditar nisso. — Ele não caiu. Ele não caiu, tenho certeza.

Já estou a ponto de enlouquecer com o desespero, porém algo chama a minha atenção. Do armário da cozinha escorre alguma coisa, parece água de algum vazamento, mas os registros estão desligados. Corro para abrir a porta e finalmente acalmo meu coração. O pequeno dorme tranquilamente como se o mundo não estivesse caindo a sua volta. Grito por Safira que chega imediatamente.

— Graças a Deus! — Suspira aliviada.

— Graças a Deus mesmo. Pestinha!

— Como o encontrou?

— Ele está sem frauda, fez xixi e escorreu. Preciso agradecer a professora por esquecer de vestir a frauda nele.

Briga idiota? Já nem consigo me lembrar o motivo, nada tem importância quando o seu filho de um ano e meio desaparece em um apartamento sem telas de proteção. Nada é grande o suficiente, perto da possibilidade de perder a parte mais importante da sua vida, hoje eu sei disso e tudo o que consigo lembrar é do olhar que recebi da Dora, no dia que nos despedimos de Natan. Por alguns segundos temi passar pelo mesmo.



Tony dorme tranquilamente em seu quarto, Safira foi tomar banho e eu estou aqui, sentado no chão velando o sono do pestinha que me levou dez anos hoje, com sua primeira peripécia. Acho que o dia de hoje foi cheio demais para ele, para todos nós na verdade. Tentei me desculpar pelo mal comportamento, mas o assunto não foi bem aceito e deixei para lá, não era mesmo uma boa hora.

— Bento? — Chama em voz baixa

— Oi!

— Já pode ir, se quiser. Ele não acorda mais hoje, está tarde e amanhã todos temos que acordar cedo.

Em todas essas semanas, Safira tem mantido uma distância segura de mim e eu procuro fazer o mesmo. Como ela me disse recentemente, e eu concordo, nós somos opostos demais para dar certo. Tenho que admitir, as vezes ela está certa.

Fico de pé e dou de cara com ela em um visual pós banho, linda. Cabelos lavados, rosto limpo e roupa de dormir. Nunca esperei que moletom e regata ficassem tão bem em uma mulher, muito menos que os seios desta mulher estivessem tão apetitosos sob a blusa fina.

Que delícia!

— E se eu não quiser ir? Posso ficar? — Chego mais perto. Ela está recostada na porta, mas logo se afasta até bater contra a parede do corredor.

— Claro que não... ah...

Mentira deslavada. Mente com a boca e me devora com os olhos.

— Era para eu acreditar?

A resposta não sai. A posição que sua cabeça precisa ficar para olhar em meus olhos deixa seu pescoço completamente exposto. Nessas horas agradeço pelos 1,88m de altura, pois seus 1,60m não tem vantagem nenhuma aqui. Chego ainda mais perto, colo nossos corpos completamente e tão rápido quanto uma flecha, beijo-a sem pedir permissão.

Ela não quer, finge não querer. Briga. Empurra meu peito, mas geme completamente entregue. Luta apenas pelo desejo de ser conquistada, mas se entrega. Bandeira branca. Catraca livre. Agarra meu pescoço, chupa minha língua com malícia e desejo, sinto seu centro latejando. Queremos o mesmo e ainda mais do que antes, é quase impossível respirar, tamanha a fome acumulada.

As roupas não são empecilhos suficientes para me deter, uma a uma são deixadas pelo corredor. Quando a lanço sobre a cama só resta uma calcinha já embolada na virilha, expondo suas carnes inchadas de tanto que a estimulei. As pontas dos meus dedos estão brancas e enrugadas pela umidade e calor da sua vagina, ela não está excitada, está enlouquecida, faminta. Posso dizer o mesmo de mim, duro no corredor há minutos atrás, agora estou com os ovos a ponto de necrosar, meu pau se move sozinho, quase pede por ela.

— Tem camisinha?

— Não.

— Eu não estou usando anticoncepcional.

— Tá de sacanagem?!

Como assim? Não levo camisinhas para buscar meu filho na escola, caralho. Isso não está acontecendo. Acho que tenho no

porta-luvas do carro, mas está na rua. Cacete!

— Não... é sério, muito sério.

Discernimento é a última coisa que se exige de um homem de pau duro, com uma mulher nua deitada na cama, pronta para ser devorada com maestria. Então posso me incluir na lista dos homens normais, porque eu não vou parar.

Subo na cama deixando um rastro dos meus dentes por toda a pele branca das pernas dela, lambidas e mordidas. Não preciso pedir que se abra, ela sabe como deve fazer para ser chupada até a mais alta potência, a memória corporal está em plena forma, melhor do que nunca. Ela rebola o quadril no mesmo ritmo que lambo suas dobras, esfrega-se contra o meu rosto, pede mais e geme enquanto é satisfeita por mim. Ser o objeto do seu desejo me deixa ainda mais desesperado por ela.

— Oh, Bento! Isso! Me chupa, vai!

Meus dedos trabalham dentro dela, mas a boca está ocupada com os seios, meus dentes querem morder a carne macia e deixar marcas permanentes, para que outro não possa tomar o que sempre foi meu. Seus gemidos aumentam e aumentam, suas unhas agarram o lençol quando o prazer se torna grande demais para conter e ela goza, com os olhos fechados e a boca aberta. A pele vermelha e os cabelos completamente bagunçados não escondem o momento de pura luxúria.

— Como isso é bom! Ah, Deus, que saudade!

— Estou louco para me sentir assim também, mas no momento só sinto um tesão desgraçado. — Pela primeira vez em muito tempo a ouço gargalhar. Chego a perder a noção do tempo em seu sorriso.
— Junte os peitos, quero gozar neles.

Subo por seu corpo até estar montado em suas costelas e com o pau na altura dos seus seios. Toda essa fartura tem que ter uma utilidade perversa, ou seria um desperdício imperdoável.

— Vai transar com meus seios.

— E com sua boca também.

— Uau!

Aproveito a oportunidade para segurar em sua nunga e trazer a boca esperta para mais perto de mim. Enquanto ela chupa a ponta, o restante do meu membro super ereto está preso entre suas mamas, que são esmagadas pelas mãos adornadas com enormes unhas negras.

Isso é tão excitante que não duro muito. São poucas investidas até esporrar em sua garganta, tão intensamente que a faço engasgar.

— Oh! Arh, porra! Muito bom. Engole tudo, Sa.

Capítulo Quinze

Por Bento

Quase duas semanas se passaram desde a noite em que me deixei levar pelo desejo e acabei em uma cama com o Safira. Não vou ser hipócrita e dizer que ela me seduziu ou que não tive vontade, não sonhei com aquilo por noites e noites. O grande problema é saber lidar com isso de lá para cá. Depois de suados e satisfeitos não sabíamos como agir, o clima ficou constrangedor demais para tentar um diálogo. Em um momento estávamos gemendo, no outro a ouvi dizer que era melhor eu ir embora, pois havíamos ido longe demais.

Dois sentimentos brigam dentro de mim: Primeiro o desejo de estar com ela e construir uma vida ao seu lado. Mas em segundo, a culpa que insisto em jogar nela, ao me lembrar de tudo o que me foi tirado.

Não sei qual deles escutar.



Este é o primeiro fim de semana que Tony dorme no meu apartamento, na verdade será a minha primeira noite lá também. Comprei alguns móveis e eletrodomésticos, apenas para poder sobreviver, e resolvi me mudar logo. Meus pais ainda estão sob o efeito da notícia, afinal, foram mais de trinta anos morando com eles, dependendo deles como o menino da casa e agora resolvi bater asas, subitamente. Aos olhos deles, isso é coisas da Safira, mas a bem da verdade é que ela nunca me sugeriu nada parecido, no entanto, se eu for sincero comigo mesmo, direi que ela tem sim uma parte nisso tudo. A quero por perto e com essa guerra entre ela e doutora Magda, não dá.

— Tony, sua mãe já ligou cinco vezes e eu disse que você estava dormindo. Se a gente não desligar essa tv e correr para a cama, ela nunca mais confiará em mim.

O quartinho dele ainda não está pronto, vamos dividir a mesma cama e isso me parece divertido.

Parecia...

Acordei às 04h da manhã todo molhado. Da cama não salvou nada, lençol, edredom, colchão e travesseiros, tudo completamente ensopado. É quase inacreditável que essa pequena criatura tenha tanto líquido armazenado dentro de si.

Onde fica o compartimento de carga?

— Caramba, filho, como você conseguir mijar tanto assim? Precisamos treinar sua bexiga para ontem, ou desse jeito não teremos cama por muito tempo. Essa anaconda serve para comer meninas e não destruir camas.

— Cume tudu. — Enfatiza com a voz alta e imitando super-herói.

— Esquece isso, filhote, esquece. Sua mãe me mata.

Bom, o domingo começou cedo, não é mesmo?

O jeito foi levantar e buscar uma forma de entreter o moleque, coisa que não foi tão difícil assim. Passeamos de bicicleta, fizemos um “quase piquenique” no parque e chegamos a soltar pipa. Tony está tão feliz, sorri de forma aberta e sem convenções, que chego a sentir inveja da sua liberdade, da infinidade de possibilidades que se abrem diante de um pequeno homem, pronto para traçar seus próprios caminhos, livre e feliz.

Durante o dia, me peguei relembrando o momento no corredor, com Safira. A conquista, as mãos indo e vindo a todo momento como, forma de reconhecimento de território, explorando o ponto de prazer no outro. Os sons, os cheiros, nosso cheiro... tudo tão nosso, especial como já foi um dia, mas depois de tudo, do que foi mostrado e do que foi escondido, pareceu não existir mais um futuro. Enquanto eu deveria estar na defensiva, é ela quem me rejeita.

— É seu filho ou seu irmão?

O senhor, por volta dos setenta anos, preparando a pipoca para Tony, puxa conversa. Parece ativo, saudável e cheio de vontade de interagir com os clientes.

— É meu filho, meu moleque. — Respondi cheio de orgulho. De certa forma me senti envergonhado, poderia ter falado mais normal, estou parecendo esses pais que usam o filho de vitrine.

— Ele parece muito com você, só a boca que não. — *Verdade. Essa boca é da mãe, não tem como duvidar.* Prefiro apenas sorrir. — Pai de final de semana?

Oi? Pai de final de semana, ele está me criticando ou deduzindo mesmo?

— Pareço um “pai de final de semana”? Não entendi. — Mantenho o sorriso por educação, mas não sou tão receptivo quando antes. Sinceramente, achei essa observação muito malfeita.

— Normalmente os caras que vêm aqui aos domingos, com criança no braço, deixando-as brincar à vontade e sem nenhuma aliança, são os pais de final de semana, entende? Pegam de quinze em quinze dias e levam para tomar um sorvete, fazem todas as vontades e depois voltam para casa com um presentinho.

Se ele queria me aborrecer, fez um serviço de mestre. Meu sorriso desaparece em alguns segundos, o olho com raiva, mas vejo que não falou por mal. Parece o típico senhor que gosta de dar pitacos na vida alheia.

— Definitivamente, não me encaixo nessa descrição. Sou pai em tempo integral, Tony hoje é minha vida, nada vem a frente dele. Não o vejo de quinze em quinze dias, mas sim diariamente, faço questão. Sobre a aliança, o senhor está certo, não sou casado com a mãe dele, ainda.

Ainda? De onde tirei isso?

— Caso raro. Parabéns então, meu jovem. Já fui o “pai de fim de semana”, mas não durou muito, quando dei por mim, meus filhos já eram estranhos, os quinze dias tornaram-se dois meses e em cinco

anos o convidado para os eventos da escola era o padrasto. Alguém que deu valor ao que eu não dei. Vigia, o sábio sempre vigia.

As palavras daquele homem martelaram na minha cabeça por horas, sua última frase chegou a ecoar dentro de mim, refletindo sobre as escolhas que estava fazendo e principalmente, a importância que estava dando a um passado que não volta mais. As vezes não estamos errados, mas precisamos dar o primeiro passo, e se ela é a cabeça dura da relação, eu preciso me mover, ou não chegaremos a lugar algum.



O combinado era levar o Tony direto para a escola amanhã, mas depois da minha crise de consciência durante a tarde, resolvi levar meu filho e a mãe dele para comer fora, afinal, somos uma família e merecemos uma luz no fim do túnel. Nos gostamos, eu tenho certeza dos meus sentimentos por ela e me sinto no dever de fazer alguma coisa por nós.

Desde o primeiro dia, das primeiras palavras que trocamos, eu soube que ela seria importante para mim. Na época, não tive maturidade emocional para entender o sentimento que crescia dentro do mim, mas hoje tenho e sei exatamente o que preciso para ser feliz. Preciso dela ao meu lado.

Com meu filho devidamente arrumado e penteado em um braço, e as chaves na outra mão, destranco a porta do apartamento de Safira, ainda tenho as chaves e isso é perfeito, em um momento como este. As reservas já foram feitas, tudo está devidamente preparado para uma noite inesquecível e para o primeiro passo em direção a minha meta: Safira.

— Mamãe, chegamos mais cedo! — Grito brincando com o nariz de Tony. — Safira? Está em casa?

Não demora até que ela apareça, estava na cozinha lavando a louça, parece muito surpresa com a nossa chegada. Na verdade, parece nervosa.

— O que fazem aqui? Achei o só os veria amanhã.

— Viemos convidar a mamãe para um jantar em família. O que acha? Já estamos prontos, só falta a nossa dama.

— *Is there anybody there?* — Ouço uma voz masculina vindo do banheiro.

Em uma olhada rápida consigo pegar a respiração profunda de Safira, como se ali começasse um grande problema. No momento que olho para o corredor, um homem alto e barbudo aparece de toalha e com o corpo ainda molhado.

Que caralho esse homem faz aqui? Pelado, com ela sozinha?

— Algo que eu deva saber? — Questiono-a visivelmente irritado.

Fala sério! Estou no meu direito de ficar puto.

— Ah... Bento, esse é o Joshua, de Londres. *Joshua, this is Bento, the daddy of my kid.*

Pai do meu filho. Só isso?

É evidente que eu não era esperado aqui, mas a situação me parece mais constrangedora para ela do que para ele. Minha malícia me diz que esse sujeito ficou muito animado com o “flagrante”, seu semi-sorriso não me engana.

Sou macaco velho, meu querido, saco vagabundo no ar.

Ainda nos meus braços, Tony reage e estica os bracinhos para o estranho inglês, que vem ao seu pedido e toma o pequeno para si. Por uma fração de segundos, pensei em puxá-lo de volta e dar um murro no otário, mas isso poderia soar ainda pior do que realmente é. Afinal, não é responsável entregar seu filho para um camarada com pinta de maluco, mas parece-me que a mãe o conhece.

— *I'll leave it alone.*

O papai Noel de heavy metal desaparece no corredor com meu filho. Dou dois passos de distância de Safira, por segurança. Minha vontade é gritar com ela para entender que merda está acontecendo aqui. O cara carregou meu filho e ela não disse uma palavra. Nada?

— Estou esperando. Só não posso dizer que é pacientemente.

— Não que isso seja da sua conta, coisa que não é. — *Filha da puta.* — Ele fez uma surpresa, ligou hoje e estava no aeroporto, fui buscá-lo e ele foi tomar banho. Ponto final., você chegou.

Vou fazer uma surpresa com meu bisturi na cara dele logo, logo.

— Ele vai ficar aqui? Com o meu filho?

— Não, até porque o nosso filho estava com você. Joshua deve partir em breve.

— O que é “em breve”? Defina-me em dias, horas. Segundos de preferência. — Acho que estou suando de raiva.

— Amanhã ou depois. Isso vai depender da companhia aérea, Bento, por favor, meu dia já está cheio demais.

Senhor, dai-me paciência, pois se me der força, irei lá dentro e esse sujeito vai voltar para Londres de sedex. De preferência em uma caixinha bem pequenininha.

— Fazer o que, não é? Ele é seu namorado. Não tenho nada a ver com a sua vida, Safira, mas não quero o meu filho perto dele. Você deveria escolher melhor para quem abre as pernas.

Boca maldita. Droga!

— Escute aqui! — Se exalta. — Veja bem como fala comigo. Você foi a primeira das minhas péssimas escolhas. Saiba disso.

— Não foi o que pareceu enquanto eu te chupava.

Ah não, cara!

De todas as merdas que eu poderia ter dito, escolhi a pior delas. Ela me estressa, me leva ao limite, parece saber exatamente onde ir para acionar todos os meus detonadores.

A tristeza fica estampada em seu rosto, um misto de vergonha e arrependimento que não era nem de longe a minha intenção, mas aconteceu. Simplesmente saiu e não sei o que dizer para consertar.

— Mais uma péssima escolha minha.

Antes que eu diga outra besteira ou que ela me ponha porta a fora, escutamos o choro de Tony, que parece ter se ferido, o choro é sofrido e alto. Corremos os dois em sua direção e encontramos o pequeno sentado no chão ao lado da cama, o inglês agachado a seu lado tentando acalmá-lo.

— O que aconteceu? — Pergunto para o cara, mas ele parece não entender minha língua. Safira faz o mesmo, em inglês, e por fim ele diz ter deixado Tony na cama enquanto trocava de roupa e meu filho acabou caindo. A história é bem simples, mas tem algo nele que não me desce.

Convencê-la a me deixar levar nosso filho para ficar comigo, foi mais simples do que esperei, ela não parece confortável com esse cara, parece angustiada. Mas pelo amor de Deus, o infeliz tem cara de terrorista suicida, desses que explodem bares e escolas. Não posso dizer que não é boa pinta, mas é maluco de carteirinha, aposto.

Já na porta, volto a insistir.

— Tem certeza que vai ficar bem com ele? Poderia vir comigo ou eu posso levá-lo a um hotel, ao aeroporto. — Pisco. — Para o necrotério, talvez? — Pergunto em voz baixa.

— Bento, ele é uma excelente pessoa. Me ajudou muito enquanto estive fora. Não o julgue pelo seu ciúme. Está perecendo o seu irmão.

— Eu teria ajudado se tivesse me dado a chance. — Digo chateado.

— Vamos voltar a essa discussão sem fim? — Parece exausta, e está certa. Já estamos há mais de um mês remoendo coisas que não têm volta.

— Não vou negar o ciúme. — Chego ainda mais perto. Tony está quase dormindo com a cabeça em meu ombro. Acaricio seu rosto deixando que o polegar deslize por seus lábios, isso tem o efeito esperado nela. — Sou homem e desejo você. Temos uma história e ela claramente não teve um fim, mas sim uma pausa.

— Vamos esquecer isso, por favor.

Por que tenta negar o que está tão evidente?

— Não, não vamos. Se precisar me, liga que chego em dois minutos.

— Não vou precisar.

— É sério! Não confio nesse cara. Vou ficar acordado até mais tarde, espero uma mensagem sua dizendo que está tudo bem.

É estranho estar tão preocupado com ela, deveria estar com raiva, magoado. Puto, na verdade. Mas isso foi tão à primeiro momento, que passou.

Aos poucos, os sentimentos ruins foram substituídos por bons. A cada sorriso que vi no rosto do nosso filho, cada gracinha feita por ele, cada conquista. Mas depois de um mês e meio, posso dizer que o conquistei, me fez presente, praticamente impus a minha presença e sei que conquistei aquele pequeno coração. Passei dias repetindo “papai”, cheio de esperança que um dia ele simplesmente me surpreendesse com a palavra mágica. E assim aconteceu, um dia ele disse e não parou mais.

A verdade é que hoje só consigo associar coisas boas a Safira, o passado ficou no passado. Ela me tirou muito, no entanto, o que me deu é tão maior, tão grandioso que simplesmente anula o que me tomou.

Todo esse tempo que passei esfregando seu grande erro dia após dia, não me fizeram bem, muito pelo contrário. Só percebi o quanto gosto de estar com ela depois que transamos, e não exatamente pela transa, mas sim pelos dias posteriores, onde ela fugia e eu ainda assim estava lá, buscando sua atenção. Foi ali que parei, parei completamente com as piadinhas, as acusações e as lembranças dos erros do passado. Não quero mais isso.

Já perdi dois anos. Não quero perder mais nem um segundo.

Capítulo Dezesseis

Por Safira

Em um determinado momento, as coisas parecem ir por um caminho, de repente tudo muda e quando olhamos em volta, o cenário e os atores já não tem a mesma sintonia.

A primeira coisa que fiz após a minha “escorregada” com Bento, foi ligar para Joshua e pôr fim ao que já havia terminado, em minha cabeça e coração. Conversamos muito e ele pareceu entender que meu lugar é aqui, perto da minha família e dos meus amigos, que o lugar do meu filho é próximo a família dele e que eu não poderia continuar com um relacionamento sem amor e sem futuro. Deixei claro o quanto ele foi importante para mim, mas que o sentimento era apenas de gratidão e amizade, como disse desde o princípio.

A inercia de Joshua não durou muito. Na noite de domingo ele ligou e disse que estava no aeroporto, enfatizei que ele não poderia embarcar, que para nós não havia esperanças, mas meu desespero só veio realmente quando ele disse que estava em São Paulo e não em Londres, como eu supus. Não havia outro jeito, precisei buscá-lo, pois não poderia simplesmente desligar o celular e deixar que ele se virasse em um país estranho e encontrasse uma forma de retornar.



Recosto-me na porta, após me despedir de Bento e Tony, não tive tempo de conversar com Joshua, tudo aconteceu muito rápido, uma coisa em cima da outra. Mas preciso encarar a situação.

Ainda sem camisa, Joshua aparece no corredor. Parece tenso. — Achei que já havíamos nos entendido. Não há motivos para você estar aqui, Joshua. O que foi isso? Que ideia maluca foi essa, de entrar em um avião e vir parar aqui? — Engatamos a conversa em inglês.

— Eu tentei digerir tudo o que você me falou, tentei desistir de você, mas não consigo. Precisava conversar, olho no olho.

Ele chega mais perto.

— Eu não vou voltar para Londres, será que não entende? Quero viver aqui. — Ênfase.

— A distância é o problema? Podemos resolver isso. Eu posso vir para cá, trabalhar na minha área, vendo meu apartamento e compro um aqui para nós três. Será maravilhoso!

— Não será.

— Você não quer ao menos tentar. Só eu estou lutando aqui.

— Meu Deus! Essa é a questão: eu não quero lutar. Não quero tentar. NÃO QUERO! — Não deveria, mas perdi completamente a compostura, exaltei o tom de voz, gesticulei de forma exagerada e sai completamente de mim. A situação está insustentável, não dei esperanças a ele, nunca prometi nada, mas ele insiste.

Talvez minha ação tenha sido demasiada, mas a reação dele foi truculenta, muito além do que esperava do homem gentil, dedicado e carinhoso que deixei em Londres. Joshua agarrou meu braço com extrema força, pude sentir seus longos dedos afundando em minha carne e a ardência deixou claro que as marcas seriam intensas na manhã seguinte. A cada palavra dita, meu corpo era sacodido para frente e para trás, com violência.

— Você foi para cama com ele, posso sentir a posse dele sobre o seu corpo. Ainda somos um casal e você permitiu que ele a tocasse. ESTOU ENGANADO? — Minha garganta está fechada, as palavras não saem apenas permanecem em minha mente.

O medo congela minhas reações, permaneço apenas escutando em silêncio, tentando enxergar em meio as lágrimas que escorrem sem cessar por todo o meu rosto e colo. Isso é tão inesperado, tão chocante. Em minha mente, ele jamais faria algo assim comigo ou com alguém. Joshua é um homem educado, estudado e sempre se portou como um lorde ao meu lado.

— Está me machucando. — Tento me fazer entender, mas os soluços são mais altos que a voz.

— RESPONDE! Transou com ele? Era isso o que tanto queria, não era?

Já não entendo mais sua língua. Meu cérebro é incapaz de fazer a tradução das palavras e só consigo chorar e me encolher, tamanha a violência do seu ato. Estou descalça, o topo da minha cabeça não chega ao seu ombro, a barba fechada e os olhos, agora vermelhos, deixam suas feições ainda mais apavorante.

Graças a Deus meu filho não está aqui!

Meu rosto é preso entre seus dedos, obrigando-me a olhar diretamente em seus olhos. Minha boca é aberta pela força que ele exerce contra minha mandíbula. Estou em choque. No momento que sua boca toca a minha, tento empurrá-lo, fechar os lábios, mas ele não permite. Seus dentes mordem partes do meu rosto, minha boca e queixo. Sinto nojo da língua que passa pela minha pele e deixa um rastro de saliva quente. Começo a gritar por ajuda.

— SOCORRO!!! Me larga, Joshua. Por favor!

— É assim que ele te toca? Por que comigo tem que ser diferente?

— Por favor...

— Conta para mim como ele te fode? Gosta de ser a cadelinha do brasileiro? Ahm, fala. — Sussurra de forma assustadora com a boca grudada em mim.

Batidas impetuosas na porta de entrada, despertam a atenção do homem descontrolado a minha frente. Do outro, ouço alguém dizer que é da polícia e está armado. Duas ordens para abrir a porta e logo começa uma contagem regressiva, mas Joshua me solta e corro para abrir a porta. Reconheço a pessoa parada no corredor em posição de defesa, arma em punho e olhos fixos na sala atrás de mim.

— Saia do apartamento, senhora. — Diz meu vizinho, que nunca perguntei o nome, mas lembro que é policial realmente.

— Obrigada!

Sua esposa chama minha atenção por uma fresta na porta do apartamento ao lado. Sigo sua orientação e escondo-me com ela. Acho que nunca estive tão nervosa na vida, minhas pernas tremem e não tenho nenhum controle sobre as lágrimas persistentes. Não sei se sinto mais vergonha ou medo, talvez o puro arrependimento de ter permitido que aquele homem entrasse em minha vida.

O relógio é um mistério para mim, se alguém me perguntar há quanto tempo estou aqui, não sei dizer, mas na televisão percebo pela programação que já é madrugada. Carla, a vizinha que nunca troquei mais que um “bom dia”, serve-me o que acredito ser a quarta caneca de chá. Ela também parece preocupada com a demora do marido e o silêncio instaurado, mas logo a porta é aberta.

— O que aconteceu? — Ela pergunta.

— O deixei no aeroporto, ele vai retornar para o buraco de onde saiu. O fiz entender que seria muito pior lidar com a polícia federal.

Nunca estive tão aliviada.

— Obrigada! De verdade, muito obrigada, não sei o que teria acontecido se você não batesse naquela porta. — Digo nervosamente.

— Ele disse que é seu namorado e tiveram uma briga de rotina. Não tenho nada a ver com a sua vida, mas tenho cruzado com o pai do seu menino no elevador, todas as tardes neste último mês, e nunca vi o gringo por aqui. Pedi o passaporte e vi que havia chegado hoje. Você pareceu não desejar sua presença. Achei melhor dar duas opções a ele.

— Opções?

— Voltar para o quinto dos infernos, ou cana. Ele foi inteligente.

Claro que foi.



Trabalhar é sempre uma boa distração, mas hoje nem isso é capaz de apagar a cena assustadora gravada em minha memória. A força das mãos dele em mim, o chacoalhar do meu corpo, a voz alta e grosseira, gritando no meu rosto enquanto uma chuva de saliva batia contra minha pele.

Como nunca percebi? Santo Deus!

Bento vai comigo buscar Clare e Antony no aeroporto, os dois curtiram uma longa viagem e agora passarão alguns dias comigo e Tony, antes de retornar à Londres. Estou muito triste pela distância, mas feliz por perceber que a felicidade mora novamente no lar de pessoas tão maravilhosas. Os dois se inscreveram para receber mais um jovem estrangeiro em busca do seu diploma, tenho certeza que farão parte de mais uma história, assim como fizeram da minha e do meu filho.

Precisei fugir das ligações e mensagens de Bento. Ele parece preocupado com a presença de Joshua, mas mal sabe que isso já faz parte do passado. Graças a Deus e ao meu vizinho.

Estamos no carro a caminho do aeroporto.

— Acho que vamos chegar atrasados, o trânsito não anda. — Digo sentada no banco de trás, enquanto dou pedacinhos de melancia a Tony, que está bem acomodado em sua cadeirinha.

— Fica tranquila, liguei para o aeroporto e o voo deles nem havia saído de Curitiba, por causa do mal tempo. Acho que nós vamos mofar naquele saguão.

— De barriguinha cheia Tony não amola. Não é, filho?

Nos olhamos pelo espelho retrovisor. Bento não consegue esconder a inquietação e eu muito menos.

— Seu namorado foi mesmo embora? Assim tão rápido?

Eu disse isso a ele por mensagem, ontem. Não dei maiores explicações.

— Não temos mais nada, Bento. Joshua veio, conversamos e ele foi embora. Acho que precisávamos esclarecer as coisas, só isso.

A mentira não convenceu nem a mim mesma, quem dirá ao Bento, que insiste em me olhar pelo retrovisor, com as sobancelhas arqueadas.

— Quer que eu acredite que o cara atravessou o oceano, para ouvir um “não” e foi embora feliz e contente com a resposta? Quanta ingenuidade, Safira. Eu esperava mais de alguém tão inteligente como você.

— Como está seu pai? — Mudo descaradamente de assunto.

— Se recuperando.

— Só isso?

— Se você quer se enganar, fique à vontade, mas não me faça de idiota. Quando quiser me contar, estarei aqui. — Dito isso, volta sua atenção para o trânsito e o clima segue pesado até o nosso destino.



Só tive coragem de contar o ocorrido para Clare, na quarta-feira, depois que ela insistiu bastante. Sua reação foi de completo choque, assim como a minha ou a de qualquer outra pessoa que conhecesse Joshua como nós. Antony não se mostrou surpreso, mas sim indignado, por ele o caso deveria ter sido levado as autoridades, para garantir a minha segurança. Concordo, mas agora as coisas estão mais calmas e prefiro deixar como está, esqueço dele e ele me esquece.

— O Joshua entrou em contato com você, desde que chegou em Londres? — Antony pergunta.

— Não, por quê?

— Nada, apenas para saber se ele está tentando contato. Isso pode ser considerado assédio. Deveria falar com o pai do Tony.

Sim, eu deveria, mas não quero. É triste admitir que ele estava certo e eu, mais uma vez, errada. Não quero relembrar aquela maldita noite. Joshua morreu para mim e fim.

— Antony, esse assunto morreu. E além do mais, não tenho nada que ficar passando relatório para o Bento. Nós não temos uma

relação ou nada do tipo, somos pais de uma criança e é somente sobre ela que vamos conversar.

— Se prefere assim...

— Prefiro. Vamos jantar?

— Ok.

Passar estes últimos dias com Antony e Clare foi maravilhoso, um privilégio conhecer pessoas assim. Tanto eu quanto Tony aproveitamos ao máximo os últimos dias de férias do casal, em solo brasileiro. Algumas pessoas entram nas nossas vidas e com elas vêm uma carga tão grande de amor e aprendizado que não sabemos nem administrar tantos sentimentos. Se aprendi algo em Londres, foi a amar com mais verdade e menos rótulos.

Capítulo Dezessete

Por Safira

Os dias que Bento não pode levar Tony à creche são sempre complicados para mim. A bem da verdade, é que já estou acostumada com nossa rotina atual, onde ele vem cedinho e pega o nosso pequeno, o deixa na creche, busca no meio tarde e fica com ele até que eu saia do trabalho. Estamos assim desde que ele soube do filho e eu comecei a trabalhar.

Já a situação entre nós dois é muito mais complicada, muito mais.

Ontem aconteceu de novo. Ele foi me entregar o Tony, depois de passar a tarde com ele na casa dos avós paternos, mas o pequeno já estava exausto e chegou dormindo. Bento o colocou na cama, eu me abaixei para organizar as cobertas e roupinhas, quando senti o calor da sua mão acariciando meu quadril e sua pélvis encaixada em mim, tive certeza que não poderia resistir à tentação.

— Está cada dia mais complicado para mim. — Disse baixinho e continuei divagando com as cobertas, aproveitando o contato e a posição sugestiva.

— Para mim também. — Admiti.

— Eu quero você, mas não quero como antes. Quero que seja minha, de verdade.

— Eu era sua. Você era do mundo.

— Agora meu mundo são vocês dois. Pare de criar motivos para não ir em frente, já estamos andando em círculos há meses. Me dê uma chance... nos dê uma chance.

Ele tinha toda razão. Estamos jogando esse joguinho de pais separados que fingem se dar bem, enquanto tentam esconder o desejo que têm um pelo outro, sem sucesso. Sou completamente

apaixonada por esse homem, amo cada minutinho que podemos passar juntos, mas mesmo assim, tento me manter distante.

Já deu essa luta para mim. Perdi.

— Dorme comigo hoje?

A resposta veio com o famoso sorriso de menino travesso, feliz por conseguir o que tanto queria. E eu mais feliz ainda, por estar deixando cair por terra os medos, as barreiras e tudo o que me manteve longe do homem que eu amo.

Pena que não conseguimos realizar a parte de “dormir”. Quando saímos do banho, depois da segunda rodada, o celular de Bento começou a tocar e por alguns segundos revivi o dia em que um telefonema mudou o curso da nossa história, o rumo das nossas vidas. Dessa vez não, foi o marido de uma paciente de risco, desesperado depois que a esposa sofreu um escorregão no banheiro e estava sangrando muito. Bento foi totalmente profissional e acalmou o sujeito enquanto se trocava apressado, procurava pelas chaves e se despedia de Tony. Em menos de dez minutos eu estava sozinha, nua e satisfeita, pois sabia que ele retornaria assim que pudesse.

Agora estou aqui feito uma maluca, correndo para não me atrasar ainda mais para o trabalho. Preciso me organizar o quanto antes e comprar um carro, viver de ônibus e lotação não está funcionando muito bem, para uma mãe solteira recém contratada.

Chego a clínica esbaforida.

Do senhor responsável pelo estacionamento aos demais funcionários e médicos, percebo olhares demasiadamente estranhos em minha direção. Checo minhas roupas, maquiagem e cabelos no espelho do elevador, por sorte estou sozinha, não pereço tão mal assim para ser objeto de curiosidade de tantas pessoas. Sou nova na empresa, mas nem tanto.

— Tem alguma coisa de errada comigo, Fabiola? — Pergunto a secretária do meu setor, ela foi outra a me dirigir o olhar estranho, mas como estamos sozinhas em minha sala, posso perguntar.

— Oh... Não...

— Fiz algo errado? Todos estão me olhando de forma muito suspeita e ainda não descobri o motivo. Gostaria que me esclarecesse. Pode ser loucura minha, mas sinto conversinhas ao meu redor.

Antes de abrir a boca, ela parece terrivelmente desconfortável, esfrega as mãos, mexe nos cabelos e pisca rapidamente.

— Olha, dona Safira, eu nem como dizer, nos conhecemos a pouco e a senhora é muito reservada. Existem umas fotos correndo por mensagem nos grupos da empresa, e acredito que agora, em outros grupos também. Não sei de onde veio, mas parece muito com a senhora, muito mesmo.

Fotos minhas? Mas que fotos?

— Mande para mim, quero ver todas. — Ela nega com a cabeça, parece horrorizada com a ideia e isso está começando a me assustar. — Por favor, me envie essas fotos agora mesmo.

A medida que os *downloads* vão carregando, meu coração começa a se descontrolar, minhas mãos soam frio e parece que um grande abismo se abriu embaixo de mim. Reconheço o lugar, a cama, os lençóis e até mesmo a situação, consigo lembrar o dia que essa foto foi tirada, mas não permiti isso. Nem mesmo posso dizer se são fotos ou imagens congeladas de um vídeo, é essa possibilidade me arrepiava.

Na primeira imagem, apareço de costas e ajoelhada diante de um homem que só aparece do tronco para baixo, no entanto, não preciso de legendas para saber de quem se trata. Em outra estou de quatro, pareço sentir prazer enquanto o homem sem rosto investe em mim, suas mãos estão para trás. Joshua nunca foi de pegar com vontade ou fazer grande uso das mãos. Para piorar e arrastar minha dignidade, vem uma sequência de fotos onde estou completamente aberta, percebesse o homem de costas com um cigarro, pareço oferecer-me para ele, quando na verdade, fingia ter o melhor orgasmo de todos os tempos. Sempre esperava que terminasse

logo, não por ser ruim, mas por não ser nada, nem prazer nem vontade.

— Dona Safira. Eu sinto muito.

— Quem enviou isso? Quem? — Minha voz sai esganiçada. O desespero toma conta do meu corpo.

— Eu não sei, juro. Pelo que entendi já está na internet há dias, mas chegou a alguém da empresa, aí... Virou uma praga.

Não pode ser! Meu Deus não pode ser verdade, não pode. Ele não faria algo tão sujo comigo. Ele... Claro que faria.

Sem nenhuma reação, só faço chorar e me exasperar com a possibilidade dessas fotos chegarem ao MAH, à minha família, meus amigos ou pior, meu pais. Os outros membros da administração da clínica, os meus vizinhos e cliente que me conhecem. A internet é uma terra sem fronteiras e com toda certeza, as malditas imagens já correram mais lugares do que posso contar.

Incapaz de raciocinar sobre qualquer coisa, minha única atitude é correr, sair desesperada pelos corredores sem pensar em tomar o elevador. Alcançar a rua o mais rápido que posso e pegar o primeiro taxi para conseguir esconder-me do mundo, de todos. Não é o ato, mas a forma como ele foi exposto, pareço tão vulgar e suja por aquela ótica, as feições e intimidade devassada de forma irreparável, o respeito levado juntamente com a vergonha. É como se eu andasse nua pela Avenida Paulista e todos me olhassem, soubessem de tudo. Sinto-me uma estrela pornô com fotos espalhadas por os *outdoors* da cidade.

Chego em casa destruída.

Arranco as roupas como se elas estivessem infestadas de formigas saúvas. Minha pele queima. Meu rosto inflama e a respiração é impossível, o ar não faz o seu papel. A água escorre fria por todo o meu corpo sem deixar nada livre do seu contato, os jatos fortes parecem ser capazes de arrancar a vergonha que me consome. Sem perceber, estou tombada sobre o piso frio e molhado. O som da água descendo pelo ralo parece tão longe, não sei dizer de onde vem, mas está aqui.

— Vem aqui, vem.

Bento...

Protesto ao ser envolvida por braços fortes.

— Xiii! Fica calma, sou eu. Segura em mim, Sa. Por favor, me ajude a te ajudar.

O chão parece escorregadio para ele, percebo que derrapa um pouco comigo nos braços. Estou nua, mas ele não se importa ou se aproveita do meu corpo, apenas carrega-me para o quarto, fecha as cortinas e cobre-me com uma manta seca. Meus cabelos ainda escorrem, Bento se apressa em secá-los.

O que está acontecendo comigo?

— Be...

— Fica quietinha. Vou cuidar de você.

— Uhum.



Por Bento

No exato momento que eu pus os olhos naquele sujeito, soube que ele não prestava e ainda seria fonte de grandes problemas. Pena que não pude mensurar o tamanho do problema, mas agora vejo, é enorme.

Safira é o tipo de mulher frágil que se esconde em uma forte e lustrosa carapaça de *Bad Woman*, na esperança de afastar os perigos. Alguns homens tem o dom de usar estas fragilidades para entrar e destruir tudo que podem, outros só descobrem sua fragilidade quando as destroem, mas aí já é tarde... Ou não.

Eu estava pronto para almoçar, depois de uma madrugada e manhã cheias de trabalho, quando meu celular vibrou, eram mensagem de um grupo de amigos da faculdade, no aplicativo, onde basicamente trocamos putaria ou zoamos algum dos membros. Dessa vez, quase morri engasgado ao reconhecer a mulher nas fotos. Corri para a clínica, mas já era tarde, pelo que descobri, sua reação às imagens foi pior do que eu esperava. Não

sei como cheguei tão rápido à Vila Sônia, mas em dez minutos estava rompendo a porta do apartamento para encontrá-la encolhida embaixo do chuveiro, dedos enrugados, olhos fechados e pele fria. Vai saber há quanto tempo estava ali?

Seco seus cabelos e orelhas. Parece tão delicada sem toda aquela postura de mulher independente, parece a menina que conheci, anos atrás.

— Você é tão linda, malvadinha! Não faz assim. Dá um sorriso para mim, dá.

Ela funga limpando o nariz. Um fiozinho de lágrima ainda escorre pelo canto dos olhos.

— Você viu, não viu? — Pergunta baixinho, ainda com os olhos fechados.

— O que importa? Não estou te vendo nua agora? Desde quando nudez é vergonha, Sa?

As palavras não são totalmente verdadeiras. Saber que aquele merda esteve com ela é uma coisa, assistir ao ato é outra completamente diferente e odiosa. A única coisa que me consola é ter a certeza que ali, ela não era dele, não se entregava como faz quando está comigo, não sentia prazer. Pude comprovar isso pelas expressões em seu rosto. Safira entregue, plena e satisfeita não é como a que eu vi nas fotos. Sua pele branca, cabelos arrumados e seios apagados, comprovavam isso. Ela fica completamente selvagem nas minhas mãos, não daquele jeito.

— Todos verão. Quero sumir, Bento.

— Tudo que eu vejo ali é um belo corpo, nada mais. São fotos, não tem sentimento, emoção, gosto ou cheiro. Apenas imagens que logo serão apagadas.

Mesmo não concordando, faz que sim com a cabeça. Parece querer acreditar.

— Foi ele. Estão na internet, nunca vou conseguir destruí-las. Tenho certeza que foi ele. Não estive com mais ninguém. — Agora seus olhos estão nos meus.

— Eu sei que foi. Vou tomar algumas providencias, fique tranquila.

A quem estou querendo enganar? Ela não vai parar, não vai esquecer ou deixar que eu cuide de tudo. Talvez se fosse outra mulher. Ela jamais.

Tony passará a noite com meus pais, o garotinho parece aqueles bonequinhos que onde você coloca, fica. Não há tempo ruim com ele, se tiver comida e suco de uva, está tudo certo.

Safira dorme profundamente, parece exausta, destruída. O corpo encolhido na cama, denuncia toda a fragilidade do seu emocional neste momento. Em contrapartida, meu estado é como o de um vulcão em erupção, transbordando de vontade e necessidade de encontrar aquela merda de homem, e para mostrar a ele com quantos socos se destrói um viral de internet. Se ele pensou que minha gêmea do mal estaria desamparada e correria para os seus braços, está muito enganado. Ela tem a mim, e tirando os *Beatles*, não tenho grandes amores pela terra da rainha.

Capítulo Dezoito

Por Safira

Tony e eu estamos ficando temporariamente no apartamento de Bento.

A proximidade dele tem me feito muito bem nos últimos dias. Na verdade, não sei como conseguiria encarar as pessoas sem ele ao meu lado, sem suas tiradas humoradas e jeito leve de absorver os acontecimentos. Dia após dia, o entrosamento entre nós três é ainda mais acentuado, desde os horários, a rotina doméstica e até mesmo a vida sexual. Sim, estamos transando novamente.

Depois das malditas fotografias, comecei a receber cartas com as imagens impressas. Não só eu, mas também minha família e a família de Bento, nosso local de trabalho e até mesmo a escola do meu filho. Se Joshua pretende mexer com meu psicológico, está acertando em cheio. Bento tem feito o seu melhor para provar que ele está por trás disso, de onde vêm as cartas e principalmente: Onde está Joshua?

Tentei retornar ao trabalho, mas não fui capaz. Por dois longos dias obriguei-me a ir a clínica, cumprir minhas funções e fazer o que tanto batalhei para conseguir. Da entrada até chegar a minha sala os olhares e cochichos me seguiam, vozes baixas, pequenos deslizes que eu conseguia perceber, mesmo estando de costas ou óculos escuros. O tiro de misericórdia foi no final do segundo dia, quando um flanelinha gritou palavras sujas para mim e no final disse: Se eu te pego daquele jeito você não andava mais.

Pedi demissão na manhã seguinte. Não foi surpresa para ninguém, nem mesmo para a proprietária que, pelo visto, ficou aliviada com minha decisão.

Ouçó a porta abrir. Bento está chegando.

— Onde estão os moradores dessa casa? — Grita da entrada. Eu e Tony estamos na varanda, brincando com a mais nova surpresa.

— Estamos aqui fora. — Respondo.

Escuto sua chave ser jogada sobre o aparador e os sapatos serem lançados em um dos cantos, ele ainda não entendeu que precisa organizar suas próprias coisas. Assim que cruza a porta, gargalha com a imagem arrebatadora.

Nosso filho está deitado no chão, ainda de uniforme, sobre ele um pequeno cachorrinho que nos seguiu por todo o caminho da escola aqui, parecia faminto e Tony ficou tão animado com o bichinho que passamos na primeira *pet shop* que vi, e mandei dar um banho e vacinas. Não resisti!

— Safira! — Ao tentar me repreender, ele sorri. Quem não sorriria com uma imagem dessas?

— Não pude fazer nada sobre isso. Seu filho tem poder sobre mim.
— Sorrio.

— Papa!!!!

— Filho, você fez um amiguinho? Espero que ele fique pequeno assim para sempre.

Os dois engatam uma conversa super empolgada sobre o cachorrinho, Tony se atrapalha todo com as palavras. Por fim, estão os três brincando no chão da varanda enquanto vou preparar o jantar. Com a ajuda do pai, Tony escolheu o nome do mascote: Fusca.

Já passa das 22h quando Bento finalmente entra no quarto, estou deitada, vestindo um conjunto de baby-doll, nada sexy. Nunca fui adepta às camisolas sensuais ou coisas do tipo, prefiro o conforto e ele, me prefere nua.

— Acha mesmo que essa imagem de menina comportada, lendo Clarice Lispector, vai te salvar de uma noite quente, suja e suada?
— Brinca. — Quanta ingenuidade.

Sem a menor cerimônia, Bento abaixa a bermuda fina, que vestiu apenas para fazer Tony dormir, caso contrário estaria nu há muito tempo. O cóis da roupa passa com dificuldade pela ereção grandiosa. Ainda me assusto com a capacidade do meu corpo de abrigar tal coisa e ainda suportar movimentos tão brutos como os que ele faz e nós adoramos.

— Não estou tentando ser salva.

— Não?

— Estaria na caverna do lobo se desejasse escapar? Acho que desejo ser comida. Muito bem comida.

— Acho que posso fazer isso.

— Então vem!

Sou puxada pelos pés até que minha bunda esteja quase para fora da cama, ele segura com possessão e firmeza em minhas coxas e desliza até encontrar o fino tecido que cobre minha intimidade. Logo estou completamente nua, assim como ele. Permanecemos na mesma posição, agora com os calcanhares apoiados em seus ombros deixando uma abertura suficiente para que ele veja meus grandes lábios e trabalhe com os dedos para separá-los.

Um dedo já não me satisfaz.

Dois conseguem tirar minha sanidade.

Ah, sim! Três. É disso que preciso. Isso que quero agora.

O melhor de nós dois em uma cama, é que o prazer que ele parece sentir é o mesmo que eu sinto. Isso é tão excitante, saber que o outro sente tão, ou mais, satisfação que você. Temos isso, funciona bem para nós.

Uma gota brilha na ponta do seu pênis, mas teima em não cair, parece querer ficar ali. Esperta. Ele brinca com minha sensibilidade, pincela lentamente a glândula em meus lábios já inchados, ameaça penetrar-me e volta a circular minha vagina mais uma vez.

Instintivamente, começo a empurrar contra ele, que se esquiva e sorri maroto.

— Pare com isso, Bento.

— Peça, com todas as letras.

— Faz amor comigo? — Digo sem jeito. Desde que começamos a ensaiar essa reconciliação, não deixamos espaço para conversas ou palavras que remetam ao passado. Praticamente enterramos os acontecimentos e fingimos que nada aconteceu. Assim parece mais fácil. — Sinto falta de fazer amor com você. Sempre senti.

A mudança em sua expressão é imediata.

— Nunca fiz outra coisa com você, além de amor, Safira. Estou te amando agora. Te amei até mesmo sem perceber. Já te amo há cinco anos.

Ele disse que me ama? Oh meu Deus!

— Eu também te amo.

A cama é grande, vamos escorregando até o centro e com isso o lençol faz um ninho em volta do meu corpo, Bento balanceia seu peso entre movimentos circulatorios e uma penetração frenética. Entra, sai, entra... sai completamente e volta a penetrar com firmeza, ao compasso que meus gemidos aumentam e minhas unhas desenhavam marcas de prazer em suas costas e bunda. Com o calcanhar, tento puxá-lo ainda mais para cima, na ganância de tomar ainda mais dele dentro de mim. Como se coubesse algo, além do que já entra sem pedir licença.

— Sou mulher o suficiente para você? — Sussurro contra seu ouvido, no ritmo das investidas.

Ele não para, mas responde. Parece sincero.

— É a única que me satisfaz por completo. A única...

Pensei em retrucar, meu corpo não deixou. Quando seus dedos começaram a estimular delicadamente meu clitóris e as investidas continuaram a todo vapor, todas as terminações nervosas entraram em “soneca”, para deixar energia somente para aquela

área sensível. Sinto o nervo inchar, triplicar de tamanho e aquecer. Os dedos adestrados não sessam os movimentos nem por um segundo. Minhas pernas querem fechar. Sinto vontade de gritar. Sinto quase dor, mas não isso.... Algo que se aproxima de agonia.

— Ah, isso! Isso! — *Pelo amor de Deus, não para!* — Anh!!!

Ele não para. O suor escorre por sua testa, pinga em meus seios segue descendo, mas ele não para até que eu perca as forças. Exausta e devassada. No mesmo instante ele geme alto, retira-se de mim quase sem tempo, deixando o gozo cair sobre o colchão desprotegido.

Nossa!

Estou tremula dos pés à cabeça.

O sol já está alto. É sábado e não preciso levantar, sei que Bento está com Tony. A cama parece tão boa para ser desperdiçada. O ar condicionado gela a ponta do meu nariz e o edredom esconde todo o resto do meu corpo. Ainda estou nua. As dores físicas de uma noite de sexo, são as mais gostosas que pode existir.

— Parece que a cama devorou você. Só vejo os cabelos. — Diz Bento com o seu bom humor matinal.

— Não foi a cama que me devorou, foi alguém muito mais gostoso.

— Hum! Senhorita certinha me chamando de gostoso. Assim eu até acredito em você.

O ar frio gela meu bumbum quando ele se junta a mim, mas o seu calor aquece-me rapidamente. Sou informada que Sarah passou aqui e pegou Tony para desfrutar do sábado com os primos. Isso é bom!

Aproveitamos que estamos sozinhos, para mais momentos quentes e repletos de gemidos. Dessa vez, sou prensada contra a parede, literalmente fodida por um homem grosseiro, rude e cheio de tesão. Em outros tempos, se alguém me contasse isso, com certeza chamaria de louca a mulher que aceitasse se submeter a algo tão sujo. Hoje gozo, com ele e para ele.

— Ontem você me fez uma pergunta que está martelando na minha cabeça. Preciso... precisamos conversar sobre algumas coisas do passado. Estamos adiando pra cacete, eu mesmo evito o assunto, mas não dá.

Sei o que vai perguntar.

— Eu ouvi o que você disse a Patrícia, no dia do estacionamento. — Ele empalidece.

Bento sabia que eu estava lá, mas não o momento em que cheguei.

— O que acha que ouviu?

Acho?

Sento-me ao seu lado na cama, respiro profundamente. Não quero chorar. Não vou chorar. Meus seios, antes nus, agora estão sob a coberta. Escondo meu corpo.

— “Que estava com saudade de uma mulher de verdade.” Ou algo assim. — Essas palavras me acompanharam por tanto tempo, mexeram com a minha mente, com as minhas escolhas e principalmente, com o meu futuro. Fui falha nas escolhas que fiz, mas estava ferida e levava essa lembrança comigo.

— Safi...

— Bento, não tenta. Vai estragar um momento tão bom, não quero lembrar do que disse ou deixou de dizer. Está legal assim, desse jeito. Somos pais de um menino lindo, estamos nos curtindo, nos divertindo. Quando as cartas pararem de chegar e Joshua for localizado, a vida voltará ao normal. Eu mãe. Você pai. E quem sabe, de vez em quando, poderemos viver momentos assim, como hoje?

Ao invés de me responder, ele sorri. Não vejo humor no seu sorriso, mas sim tristeza.

— A falta que eu sentia, era do que ela não poderia me dar. Era da mulher de verdade que eu havia conhecido e me viciado. Você. Não

ela. Não mulheres como Patrícia, mas uma única mulher. Aquela que me ensinou a gostar e desejar ter sempre a mesma.

Não, não, não... Sem enrolação.

— Por favor, Bento.

— Por favor, o quê? — Ele parece exasperado ao meu lado. Estamos ambos sentados. — Você chegou, foi tomando seu espaço, mudando coisas dentro de mim e eu fui viciando, gostando e precisando cada vez mais daquilo. Mas precisar era o problema. Não queria depender de uma mulher e tomar no cu, como vi acontecer com meus irmãos.

— Ah claro! Então resolveu trepar com a piranha do hospital, para se curar?

Preciso falar mais baixo. Que merda!

Saio da cama arrastando, o lençol comigo. Desajeitada, cubro o que consigo do meu corpo, tropeço, mas fico de pé.

— Passamos uns dias separados e... — Ele recomeça, mas eu interrompo.

— Isso é brincadeira? Vai me dizer o quê? Não aguentou ficar sem sexo?

— Deixe eu falar, caralho! — Ele parece nervoso. Envergonhado, talvez. — Comecei a repensar tudo isso. Como me sentia em relação a você e aonde nosso caso daria, imaginei mil coisas. Silvia e Leônidas eram o exemplo mais claro de infelicidade que eu já havia conhecido. Lorenzo sofria com uma namorada problema também. Eu não queria ser o próximo a entrar na fila dos caras com relacionamentos malsucedidos. Os meus amigos casados sempre reclamavam das esposas. Os solteiros começavam e me sacanear por estar me prendendo a alguém.

— Quantos anos tinha? Mais de 15?

— Sei que parece ridículo, mas quando estamos chegando aos trinta, as coisas começam a mudar dentro de nós. Vocês mulheres estão prontas aos dezenove, vinte e um no máximo, nós não.

Homem é moleque até os vinte e cinco e depois disso parece estar em processo de transição.

— Francamente! — Desdenho.

— Vai entender quando Tony for adulto.

— Meu filho vai ser muito melhor que isso.

— Espero que sim, mas sinto dizer que não. Provavelmente, irá fumar maconha aos dezesseis, nos fundos da escola, espero que não goste da coisa ou teremos um problema para administrar. Juntará dinheiro para trepar com prostitutas, pois as espinhas e a vergonha não permitirão que ele chegue em meninas da sua idade. Gostará de garotas inalcançáveis. Será alto, magrelo e desengonçado até os dezenove, só então começará a pensar em desenvolver alguma sombra de músculo. E com sorte, muita sorte, não pegará gonorreia em algum carnaval ou micareta, depois de insistir em viajar com os amigos do pré-vestibular.

O quê?

— Você teve gonorreia? — Algo me diz que essa é parte da história dele.

— Essa não é a questão aqui.

— Sim ou não? — Insisto.

Seu constrangimento é hilário.

— Que droga, Safira. Eu tinha dezessete anos, era idiota e só queria saber de meter sem medir as consequências... Ou verificar a procedência do buraco.

Aff Maria!

— Procedência do buraco? Muito interessante.

— Podemos voltar ao nosso problema central?

— Podemos.

A conversa se estende pela tarde, ultrapassamos o almoço e quando menos esperamos, o barulho do meu estômago consegue sobressair entre nós dois. Fomos e voltamos neste assunto,

entramos em coisas completamente sem nexos e logo voltávamos para o mesmo lugar: a transa dele com Patrícia. Por fim entendi seu lado, mas não esqueci a traição. Isso foi superado, mas não esquecido. Ele relembrou e pareceu muito magoado ao falar do meu tratamento com ele após o ocorrido. Lembrou os meses que tentou algum contato e depois a ligação que fez para Londres, três anos depois do primeiro término. Nossa história é um emaranhado de problemas.

— Ainda tem uma coisa.

— Pode ser depois de comermos alguma coisa? Vou desmaiar se não comer logo.

— Pode. Dramática!

Não me esforcei muito, um simples frango com legumes atendeu ao mini dragão que estava dentro de mim. Bento se contentou com três sanduíches de atum com alface, tomate e o resto do meu frango. Parece um trator comendo.

Para onde vai isso tudo, gente?

— Vai ficar me olhando com essa cara, por quê? — Estou enlouquecendo com esse olhar de “precisamos conversar”.

— O que temos? — Pergunta com os cotovelos apoiados sobre a mesa e as mãos fechadas em punhos sob o queixo.

Boa pergunta. O que temos?

Temos um filho. Temos uma história complicada.

Temos tesão, muito tesão.

— Temos o Tony, Bento. Não é o bastante?

— É o suficiente para nos unir como pais, para a vida inteira. Quero saber o que temos como homem e mulher. O que eu sou para você? E não diga que sou o pai do seu filho, por favor. Sei disso desde que troquei a fralda dele, tem pau de Malamam.

Por alguns segundos, caímos na gargalhada. Ele sempre brinca com isso.

— Olha...

— Ainda não confia em mim, não é?

Como confiaria?

— Você me deu motivos para desconfiar da sua resistência à outras mulheres. Tem um péssimo histórico e não faz questão de esconder o garanhão que é.

— A última vez que estive com outra mulher, foi antes de você pisar no Brasil. Desde então, só você. Meus pensamentos, minha raiva, minha paixão, meu desejo e tudo o mais, só para você. Isso não parece um começo? São meses.

Saber que desde a minha chegada ele não esteve com mais ninguém, me alegra muito e me surpreende ainda mais. Bento Malamam não é o tipo de homem que se contenta em cuidar de criança e discutir relação. Por um longo tempo foi apenas isso o que fizemos.

— Parece um começo. — Comento, rendida.

— O que somos agora?

Eu não quero uma pergunta. Mas uma afirmação, algo mais efetivo. Estou perdida e em dúvida do que devo responder.

— O que você quer ser? De verdade, sem fantasias.

— Quero que more aqui comigo. Como namorados, pais do Tony. Quero manter o que estamos construindo essa semana, e quem sabe com o tempo, formalizar as coisas. Quero seguir o caminho certo, quero seguir com você. Mas não vou mentir, ok? Igreja, flores e padre ainda são uma meta... Bem distante para mim.

Claro que são. Para mim também.

— Tenho um plano.

— Aposto que sim. A senhorita certinha planeja tudo nos mínimos detalhes.

— Ficarei aqui. Se algo complicar ou essa convivência não der certo, volto para o meu apartamento.

— Parece um bom plano para mim, senhorita organizada.

— Ontem você disse...

— Que te amo. — Me calo. — E amo mesmo. Demorei a perceber e admitir que a mulher que quase me enlouqueceu, e recentemente me magoou muito, era a dona do meu coração. Mas meu pau foi convincente e agora posso dizer que te amo da cabeça aos pés.

— Ah, credo! Quanto romantismo.

Rapidamente, Bento contorna a mesa e me beija demoradamente. O beijo vai se prolongando, gostoso e molhado.

— Eu te amo, gêmea do mal.

— Eu te amo, palhaço.

Capítulo Dezenove

Por Bento

Saber que um ex namorado maluco da Safira está solto por aí, fazendo ameaças e ninguém saber seu paradeiro, tem mexido muito com a minha cabeça. Tenho a sensação de ser observado constantemente, principalmente no hospital os nas proximidades, como em um restaurante que gosto de frequentar ou na escola de Tony.

Alguém bate à porta

— Entre.

Um dos estagiários entra sem jeito, com os olhos para baixo, eles sempre ficam assim quando precisam falar com os médicos. São meninos e meninas entre dezesseis e dezoito anos, moradores de comunidades carentes e estudantes de rede pública. O hospital tem uma parceria com instituições de primeiro emprego.

— Doutor, chegou isso aqui na recepção. Um motoboy entregou e diz aí que é urgente. Me mandaram trazer.

— Obrigado... — Leio em seu crachá. — Lucas.

— Não é nada não, *dotô*.

— DOUTOR. Vamos melhorar esse jeito de falar hein, moleque. Como você pensa em comer alguém, se não consegue falar o português corretamente? — Falo em tom de brincadeira.

Acredito que ele tenha uns dezessete anos, o vejo aqui já faz um tempo. Quase da minha altura, magro feito uma tripa, negro e com o cabelo cortado de forma bem estilosa.

— Pode deixar. — Sai praticamente correndo.

O que temos aqui?

Rasgo o envelope de papel pardo, sem nenhum cuidado. Não é comum eu receber correspondências por entregador.

Normalmente são enviadas por e-mail ou para a caixa postal do hospital. Só isso já é o suficiente para me deixar em alerta.

Escorregam para fora do envelope, duas fotografias impressas em papel comum. Em uma delas eu estou com Tony nos braços e ele segura uma caixinha de suco. Neste dia, ele estava vestido com sua fantasia de Capitão América, nas sextas-feiras ele sempre vai assim. No verso dizia: “Aproveite enquanto pode. ”

A segunda imagem é de Safira, mas não como as anteriores. Nesta ela caminha desesperada, parece chorar muito. Sua mão está cobrindo a boca, a bolsa pendurada de qualquer forma sobre o ombro e os cabelos jogados pelo vento. Reconheço a região. A fotografia foi tirada no dia que ela soube que estava nua na internet.

Ele estava lá. Estava esperando por ela.

— Desgraçado!!!

Mais uma vez encontro um recado no verso do papel. E este diz: “Com você ela não fica. ”

O que esse infeliz está pensando afinal? São semanas sem nenhuma ação concreta, apenas enviando fotografias e distribuindo imagens dela na internet. O que ele pretende?

Ligo para Londres. Preciso falar com Antony. Há alguns dias pedi que ele pesquisasse sobre a vida desse sujeito e tentasse descobrir mais sobre Joshua. Por sorte, consegui algumas respostas, nada muito conclusivo sobre seu possível paradeiro, mas são informações importantes.

Joshua está afastado do trabalho, por desvio de recursos públicos. Aparentemente, ele faz parte da aba corrupta dos funcionários da prefeitura de Londres. Segundo Antony, tudo estava sob investigação até ontem pela manhã, quando um dos membros abriu todo o esquema e colocou Joshua como um dos principais responsáveis pelo desvio, e apresentou provas concretas. Ele tem um prazo de 48h para se apresentar, caso contrário, será considerado fugitivo.

Decido me reunir com meus irmãos para conversar sobre o que descobri. Eu e Leônidas estamos sentados na sala de conferencia e Lorenzo, em seu consultório no Rio.

— O que o doutor Júlio Delprame disse sobre isso? — Leônidas pergunta.

— Disse que não podemos provar nada contra ele ainda. Já registramos a ocorrência, mas as investigações não deram em muita coisa. Descobrimos apenas que os vídeos foram enviados a partir do IP de uma lan house no centro de São Paulo, e o compartilhamento correu sozinho, como toda pornografia. O local não tem câmeras, então morremos aí. As cartas têm chegado sem remetente e o pacote de hoje foi enviado por motoboy.

— Já prestou queixa pela ameaça de hoje, Bento? Isso foi mais grave que as simples imagens. — Lorenzo ficou muito preocupado com as frases por trás das fotografias.

— Chama de simples porque não era a sua mulher nas “simples imagens”.

— Quem garante? — Tanto eu quanto Lorenzo ficamos calados olhando para Leônidas, que parece se divertir com o comentário nada engraçado. — O quê? Elas são gêmeas idênticas, quem olhar pode julgar ser qualquer uma. Só nós sabemos de quem se trata ao certo.

Eu não tinha pensado por este lado. Pelo visto Lorenzo também não, já que descascou nosso irmão mais velho o repreendendo com as gracinhas.

— Está vendo, Lorenzo? Não é fácil para mim. Para Safira muito menos, ela mal sai de casa e quando sai, praticamente se disfarça com óculos e chapéu.

— Realmente não deve ser agradável assistir alguém com a sua mulher, mas vamos resolver. Então diga: fez a queixa?

— Fiz e deixei claro as minhas desconfianças. Júlio está com todos os dados do infeliz e um detetive também procura por ele. A polícia não tem feito muito. Tecnicamente, ele não fez nada. Ainda.

— Júlio Delprame é um excelente advogado, tem muitos conhecidos e vai resolver isso. Fique calmo. — Lorenzo. — Agora preciso ir. Minha Vida está me esperando e ainda preciso encontrar sorvete de café.

— Desejo? — Pergunto animado. Quase esquecendo dos meus problemas. — Queria ter passado por essa fase.

Seu olhar é compreensivo e mesmo por uma tela conseguimos nos entender e nos amparar muito bem.

— Se eu tive uma segunda chance, você também terá.

— Tomara, cara. Vou adorar ter outro filho. Quero trazê-lo ao mundo, retirá-lo com minhas mãos e ser o primeiro a olhar para ele. Sempre esperei por isso, mas não deu.

O clima fica um pouco melancólico, mas Leônidas não demora a acabar com tudo.

— Vamos parar com esse “mela cueca”, pelo amor de Deus! Já estou quase vomitando aqui.

Meu irmão não é a pessoa mais sensata que conheço, mas com certeza é um dos mais leais. Os dois são, cada um com as suas qualidades. O importante é que já consigo manter a calma, depois da maldita entrega.



Chego em casa mais tarde que o habitual.

A sala está escura, as portas da varanda fechadas. Apenas Fusca vem me receber na porta, com a sua carinha de vira-lata. Jogo as chaves no aparador, deixo os sapatos ao lado da porta e caminho silenciosamente até o quarto de Tony. Safira conseguiu, em poucos dias, montar um quartinho lindo para ele, nos dando mais privacidade e liberdade. O pequeno dorme todo esparramado na sua caminha de Fórmula 1. Ainda fico impressionado com a nossa semelhança. Minha mãe fez um apanhado de fotografias minha na infância e em alguns momentos fica complicado dizer quem é ele e quem sou eu.

Uma luz fraca sai da suíte em direção ao corredor. Tenho esperança de encontrá-la acordada, mas não. Safira dorme quase de bruços com um livro ao seu lado e uma taça de vinho vazia sobre o criado mudo. Ela tentou me esperar, mas não conseguiu. Tem hábitos mais diurnos que os meus.

A alça da blusa pende em seu ombro, deixando o mamilo escapar discretamente. Uma prenda para meus olhos. Seus seios não são tão empinados como antes, porém ainda são lindos e deliciosamente macios, femininos e muito excitantes. A posição deixa seu quadril em destaque e a calcinha boxer, que não deveria ser sexy, traz um erotismo velado capaz de inflamar meu sangue. Estou duro. Pronto para matar a fome de prazer que começou a crescer, no momento que deixei o seu interior ontem à noite. Neste momento estou em crise de abstinência.

— Tão gostosa!

Arranco minhas roupas rapidamente. Em poucos minutos estou de banho tomado e corpo ainda molhado, mas não me importo. Para que secar, se o suor logo estará escorrendo entre nós dois e meu pau se afogará em uma boceta pingando?

Esfrego minha barba por sua panturrilha e sinto o músculo tencionar ao meu toque simples, mas ela ainda dorme. Deixo um beijo molhado atrás do joelho, mais alguns espalhados pelas coxas até finalmente chegar a dobra da sua bunda. Linda. Pesada. Uma mordida forte a desperta do sono profundo.

— Ai!

— Delícia!

Separo as nádegas e também as pernas. Ela se contrai no mesmo instante, sabe o que vou fazer. Com a ponta da língua levemente enrijecida, brinco dando batidinhas em seu ânus, deixo a saliva escorrer e amaciar a entrada. Safira tenta mudar de posição, mas eu a impeço. Circulo o buraco, lambo desavergonhadamente, cuspo e volto a introduzir a língua. Meter. Focado em meu objetivo de tomar o que desejo. É meu e quero pegar.

— Bento, não.

— Sim! Sim para tudo.

Enfio toda a língua e posso senti-lo mais fácil.

— Aí não. Já estou molhadinha para você. Ah?!

Trapaceira. Tentando me comprar, mas não hoje.

— Se quando eu terminar aqui, você ainda disser não, eu paro. Prometo. — O consentimento vem com o silêncio prolongado. — Agora coloque as mãos para trás, abra essa bunda para mim. Quero ver esse cuzinho e enfiar minha língua nele até você não aguentar mais.

Com o corpo totalmente de bruços, faz o que peço. Negras unhas espalham as abas, deixando o visual ainda mais erótico e tentador. Ao mesmo tempo, tenta contrair a entrada que logo será devassada por mim. Seu corpo quer, mas a mente briga.

Quando minha boca já não tem mais dificuldades para explorar a área tão desejada, introduzo o primeiro dedo, fundo e lento. Ela geme. O vai e vem fica viciante e sem perceber, seu quadril faz o mesmo, ainda mais rápido. Dois dedos. O terceiro enfrenta uma breve resistência, mas não dura muito. Ela perde completamente a linha no momento que acaricio seu clitóris com o polegar, faço círculos lentos e curtos.

— Oh! Isso, isso!

Mais rápido. Mais forte. Mais fundo.

— Está gostando de dar o cu para mim, gostosa?

—S-sim...

— Deixa eu comer esse rabo com o meu pau, delícia? — Ela se empina. — Fica de quatro.

Não espero que obedeça. Ajoelho-me na cama e a trago para mim. A bunda empinada para cima, suas nádegas abertas. Fico de pé na cama, flexiono os joelhos e de forma animal espalmo minha mão enorme em seu rosto, pressionando o rosto ao colchão. Estou de cócoras, montado em seu corpo, meu pau encaixado onde precisa estar, mas não entro.

— Vai doer. — Não foi uma pergunta.

— Mas você quer mesmo assim. Sente! — Peço.

Empurro sem pressa, centímetro por centímetro até que minhas bolas se chocam com sua vagina. Congelo, aproveitando o momento, sentindo o corpo brigar comigo, tentar me expulsar. A vitória é minha e ele sede. Os movimentos começam lentos, curtos e rasos. Não quero que ela odeie isso. Quero repetir muito ainda. Comer esse cu é luxo!

Seus gemidos aumentam.

Pego uma de suas mãos e levo-a até o centro do seu corpo. Mostro como deve fazer, como eu faria e ela continua. Quando seu corpo dá os primeiros sinais de explosão, intensifico as investidas. Vou fundo. Forte, cada vez mais intenso. Em poucos minutos gozamos alto, escandalosos com o prazer destruidor que somos capazes de ter juntos.



Contei a Safira sobre a encomenda deixada no hospital, a investigação sobre o desvio de dinheiro na Inglaterra e as medidas de segurança que precisamos tomar. Ela já não consegue esconder o medo que sente, quase pânico. O problema é que não podemos deixar de viver porque um maluco resolveu se apaixonar por ela. Teremos cuidado, mas seguiremos com a nossa vida.

Passei o dia envolvido com consultas pré-natais e um parto de emergência no meio da tarde. Por mais que me incomode, pedi a Safira que buscasse Tony na creche. Primeiro liguei para meu irmão e minha mãe, mas nenhum deles poderia. Não houve outro jeito.

Às 16h, deixei o centro cirúrgico.

— Doutor Bento. — Minha secretária. — Ligaram de escola do seu filho. Disseram que o senhor esqueceu de pegar o Tony, mas que não há problema, pois ele está bem e pronto para quando o senhor poder ir buscá-lo.

Como?

— Expliquei que o senhor estava em uma cirurgia emergencial e ele entenderam perfeitamente. A escolinha funciona até às 19h. Se o senhor precisar, eu posso ir.

Minha mente ainda está na primeira frase. Eu não esqueci de pegar o Tony, Safira faria isso. Ela pode ter esquecido, mas...

— Me dê o telefone! — Peço afoito.

Disco para o telefone fixo do apartamento, tento o celular várias vezes, sem sucesso.

— Localize meus irmãos, o Júlio Delprame e minha mãe. É urgente!

Caminho feito louco para a minha sala, preciso da minha carteira, as chaves do carro e de casa. Enquanto isso, ligo para a creche no intuito de confirmar a versão da minha secretária, na melhor das hipóteses ela pode ter se confundido. Enquanto chego ao carro, recebo ligações dos meus irmãos, deixo todos avisados sobre o problema e minha desconfiança. Dirijo feito louco até meu apartamento.

— Onde você está? — Atendo Leônidas, no viva voz do carro.

— Chegando na minha rua. Vou ter que desligar.

— Ela pode estar dormindo. Pode ter esquecido. Sarah quando está de tpm perde a noção do tempo.

— Não. Tem alguma coisa errada. As cartas...

— Você está impressionado, só isso. Estamos indo para aí. Júlio já deixou o doutor Wagner de sobreaviso. Lembra dele?

— O delegado?

— Isso mesmo. Já nos encontramos.

— Está bem!

Me informo com o porteiro, que alega ter visto Safira sair antes das 14h, com uma blusa azul, calça jeans e óculos escuros. Subo, vasculho todo o apartamento a procura do celular, mas não o encontro. Tudo parece normal. Na cozinha, algo chama a minha atenção: há um pedaço de carne descongelando, alguns legumes e

temperos sobre o mármore. Ela não pretendia demorar, ou não teria deixado a carne fora da geladeira.

Leônidas chega acompanhado de Wagner e Júlio. Minha mãe foi buscar Tony na escolinha e o levará para sua casa, até que tudo esteja resolvido. Não consigo esconder meu nervosismo, a tensão transborda pelos meus poros.

Com alguma influência, Júlio faz o alerta do desaparecimento de Safira para todas as polícias. O homem não deixa o telefone nem por um minuto, pede favores, cobra outros e em duas horas temos todas as saídas da cidade cientes do desaparecimento de Safira. Wagner se encarrega de alertar o detetive e pedir que as buscas sejam direcionadas a minha mulher, não mais ao maluco inglês.

— Ela tem alguma amiga ou parente? Algum lugar que poderia ter ido e perdido a hora de voltar para casa? — O delegado senta-se ao meu lado.

— Não.

— Isso é mais comum do que se possa imaginar. As vezes...

— Já disse que não. Ela é extremamente responsável, principalmente com Tony. — Sou mais ríspido do que gostaria desta vez.

Ele não se intimida.

— Estou tentando te ajudar. Preciso perguntar. Sua mulher ainda tinha algum envolvimento amoroso ou sexual com o suspeito?

Como se lesse meus pensamentos, Leônidas senta entre o delegado e eu. Minha vontade é voar em cima dele e fazer com que engula cada palavra.

Inferno!

— Delegado, minha cunhada estava com medo deste homem. O envolvimento deles terminou há um tempo, mas parece que não foi bem aceito por parte dele. Como o senhor já sabe, Joshua veio de Londres sem avisar e começou a assediá-la.

— Entendo. Foi apenas formalidade. Peço desculpas por ofender sua senhora.

As horas passam e não temos nenhuma notícia. Nada. Foi preciso avisar a família de Safira, no Espírito Santo. Seus pais estão desesperados e aflitos por notícias. Aqui não estamos diferentes, na verdade, acredito que estamos ainda piores, já que víamos a pavor que Safira adquiriu por sair na rua, ser reconhecida pelas imagens ou até mesmo falar sobre o Joshua.

O porteiro avisa que um policial está subindo. Meu coração paralisa, meus pulmões gelam e não sei se estou disposto a ouvir o que ele tem a me falar.

O homem se identifica como Humberto, vizinho de porta de Safira. Um dos investigadores foi ao prédio, em busca de alguma informação relevante, e para a minha total surpresa, ele tem. Escuto cautelosamente tudo o que ele tem a dizer, todos os detalhes. Lembro-me perfeitamente desse dia e de como ela ficou depois. Cheguei a questioná-la enquanto íamos buscar Clare e Antony no aeroporto, mas não obtive resposta. Mais uma vez ela escondeu coisas de mim.

— Ele deu alguma ideia de para onde iria? Tem alguma noção do paradeiro dele?

— Infelizmente não. Ele garantiu que iria embora, disse que veio apenas para visitar a namorada, mas não permaneceria no Brasil. Deixei claro que o entregaria para a polícia federal. Não acreditei que ele continuaria aqui.

Eu deveria ter ficado naquele dia. Deveria tê-la trazido comigo. Droga!

— Ele bateu nela? — Só a possibilidade já leva meus batimentos cardíacos ao ápice.

— Bater, eu acredito que não. Consegui ouvir vozes muito altas, gritos e ela pediu por ajuda. Tinha uma marca vermelha no braço e no queixo, mas pareciam apertões e não pancadas realmente. Sinceramente? O cara tem jeito de maluco. Olhar de maluco, desses de pedra.

Onde ela pode estar? O que ele pretende?

— Acho que vou enlouquecer com essa espera.

— Calma. Ele vai entrar em contato. — Wagner parece otimista.

— E se não entrar? O cara já demonstrou que não quer dinheiro, ele quer a Safira.

— Vamos encontrá-la.

Quero acreditar. Preciso acreditar, mas a cada segundo o ar parece ter mais dificuldades para entrar em meus pulmões. Não sinto meu corpo, apenas a falta dela.

Deus me ajude!

Capítulo Vinte

Por Safira

Acho que vou vomitar. Sinto um balanço angustiante, meu corpo está reagindo a isso.

Por uma fresta, que é o máximo que consigo abrir os olhos, vejo uma pequena janela quadrada. Não consigo mover meus braços, eles estão presos, amarrados talvez. Falta-me forças para virar a cabeça e confirmar. Meus ouvidos estão zunindo, sinto dificuldade para respirar.

— Safira? *My love*.

Não é possível... Não!

— O que... O que você fez?

— Estamos juntos novamente, meu amor. Agora só nós dois. — Arregalo os olhos, deixo a claridade entrar. Minha cabeça dói. — Não se preocupe, logo teremos um bebê. Quero muitos. — Ele sorri diabolicamente.

Algo retarda minha mente, levo um tempo para entender o que diz. Mas logo respondo também em inglês.

— Joshua, pelo amor de Deus. O que você está fazendo é sequestro, é crime. Pelo... Pelo amor de Deus!

— Esse não será meu primeiro crime. Se preciso desaparecer, que seja com você ao meu lado. Vamos sumir no mapa, temos dinheiro para isso. Temos tempo e temos um ao outro. Você vai me amar, querida.

Ele só pode estar louco.

Começo a olhar em volta, sondar o lugar. Estou presa a uma poltrona, um cinto afivela meu corpo e fitas adesivas prendem meus braços nos apoios. Estou literalmente amarrada e não consigo mover as pernas. Estamos em um avião pequeno, são poucos lugares, mas apenas nós como passageiros.

Olho em direção ao piloto que está atento a sua tarefa.

— Moço isso é um sequestro. Socorro!!! Por fav... — Um tapa e o gosto de sangue enche minha boca. Não tenho coragem de voltar o rosto para ele.

— Guarde suas garras, gatinha. E lembre-se, todos tem um preço. O piloto nos levará aonde eu desejo e o que eu fizer com você até chegarmos lá, não é problema dele. Ele não se importa. Portanto, comporte-se.

Não digo nada. Sua mão imunda agarra meu queixo e obriga-me a olha-lo nos olhos. O homem que vejo é completamente diferente do que conheci há algum tempo. Não tem nenhuma delicadeza, educação ou cavalheirismo. Apenas perversão, violência e ironia. Joshua me causa medo, muito medo.

— Por favor, estou implorando. Meu filho precisa de mim. — Peço aos prantos.

— Eu te dei várias chances. Me ofereci para ser pai daquela criança, e você? Não aceitou. Preferiu correr para os braços do doutor brasileiro, preferiu arreganhar as pernas para ele, mesmo sendo minha. Agora ficará sem os dois. Tem a mim.

— SEU PORCO!!!! — Grito.

Outro tapa, ainda mais forte que o primeiro, e novamente o gosto de sangue vem a minha boca.

Não consigo lembrar de muita coisa, apenas de parar para dar informação a um entregador e depois acordar aqui. Eu ia buscar Tony na escola, mas no meio do caminho tudo mudou.

Como estará meu filho? Meu Deus! Minha família e Bento devem estar loucos. Nem ao menos sei a quanto tempo estou aqui.

Acordo pela terceira vez. Acredito que esteja drogada de alguma forma, meu corpo não responde aos meus comandos. Joshua está sentado ao meu lado, usa o cinto e parece concentrado em alguma coisa. Percebo que estamos pousando e o céu está escuro.

- Onde estamos?
- Lar doce lar. Nossa nova morada.
- Não vejo nada lá em baixo.

Parece deserto. Não vejo iluminação de casas ou prédios, apenas escuridão. Depois de alguns minutos, consigo avistar uma pista de pouso, parece ser uma fazenda. Não muito longe dela, há uma construção iluminada, mas não consigo identificar o que é.

Estou tão angustiada, desesperada que simplesmente sou incapaz de conter os tremores pelo meu corpo. Busco com os olhos alguma escapatória, alguma forma de conseguir liberdade, mas não encontro nada. Preciso estar sã, pensar no meu filho, em Bento e na minha família. Não posso desistir ou fraquejar.



Por Bento

Já são dois dias sem notícias. Tony não é mais o menino que aceita estar com qualquer pessoa, ele pede pela mãe, pede por mim. Tento fazer o meu melhor, mas o meu emocional não é o mesmo, estou partido, quebrado ao meio e sinto-me incapaz de ser coerente agora. Até o momento, nenhum telefonema, nenhum contato ou sinal de Safira e do monstro que a levou de mim. Ninguém, nem polícia, nem detetives, conseguiram descobrir qualquer coisa.

Brinco com Tony e Fusca na varanda. Graças a companhia do vira-lata, meu filho consegue esquecer por alguns instantes a ausência da mãe e se divertir na inocência que só as crianças têm. Vira e mexe, ele pergunta a que horas a mãe volta e eu enrolo, desconverso até que ele esqueça, mas algumas horas depois a pergunta aparece novamente.

Toda a família está completamente abalada, principalmente os pais de Safira. Minhas cunhadas partilham do mesmo sentimento que eu. É como se um pedaço de mim estivesse faltando. Vivo sem meu coração. Durante a noite, velo o sono de Tony, assim como ela costumava fazer, é uma forma de trazê-la para mais perto. A casa

perdeu a graça, minha cama está tão fria e desconfortável que tenho preferido dormir no sofá, distante das lembranças.

Meu celular chama. Número restrito.

— Alô!

— Gostaria de falar com o Sr. Bento Malamam, por gentileza. — Do outro lado da linha, alguém fala formalmente, o tom é sério e firme.

— Sou eu. Quem deseja.

— Aqui quem fala é Leal. Sou delegado da polícia federal, superintendente da regional de São Paulo. Gostaria de agendar um horário com o senhor. É sobre sua companheira.

Percebo que não estou respirando, todos os músculos do meu corpo estão parados, tensos, à espera de uma notícia ruim. Meu telefone apita, avisando segunda chamada e vejo que é Júlio, mas não atendo.

— Posso ir agora mesmo. Por favor, o que aconteceu? Me diga...

— Não se exalte, senhor Bento. Não tenho notícias ruins, ou pelo menos não o que pensa. Mas gostaria de conversar pessoalmente. Estou aguardando.

— Estarei aí em alguns minutos.

Ligo para Sarah e conto o pouco que sei, preciso que ela fique com Tony para eu poder conversar com o delegado Leal. Feito isso, corro o mais rápido que posso, para encontrar Júlio na porta da superintendência da polícia federal. Ele já foi informado, mas prefere que conversemos diretamente com o delegado.

Não demoro a ser atendido. O homem deve ter mais de cinquenta anos, cabelos grisalhos e olhos escuros. Veste um terno cinza claro, mas não usa gravata. Sua sala é mais moderna e confortável do que eu imaginava.

— Fico feliz que tenha vindo tão rapidamente. Sente-se.

— Sabe onde está minha mulher? — Pergunto ainda de pé. Estou desesperado por notícias.

— O ex-namorado da sua companheira é procurado pela polícia inglesa, considerado foragido. Souberam de sua estadia no Brasil, mas não foi registrada a saída, pelo menos não pelas vias legais.

— Disso eu já sei. Tem alguma informação nova? Até agora nenhuma autoridade pôde fazer nada por mim e pela minha família. Estão todos fazendo o máximo, mas não os vejo fazer nada. Enquanto isso, só Deus sabe o que esse psicopata fez com ela. — Cuspo as palavras sem freio. Estou farto de tanto esperar. Júlio está desconfortável ao meu lado e tenta me acalmar.

— Bento, eles estão tentando...

— Porra nenhuma.

— Senhor Bento Malamam, acalme-se. Sou um representante da lei. Vou relevar pelo seu desespero. — Respiro fundo e concordo. Logo ele continua. — O senhor Joshua Acker contratou um piloto clandestino para levá-lo à uma fazenda, na divisa do Mato Grosso do Sul com o Paraguai, ontem. Este homem foi preso enquanto retornava, transportando drogas, e revelou o motivo da sua ida. Cruzamos as informações e chegamos ao paradeiro dele. Porém, não sabemos se sua companheira está com o senhor Acker, e muito menos em quais condições está.

— Quando vamos buscá-la?

Ele e Júlio se entreolham.

— Já está acontecendo.

Levanto-me assustado. Não posso acreditar.

— Mas como? Eu deveria estar lá. Ela é minha mulher, precisa de mim.

— E você estará lá, Bento. Vamos fazer as coisas da forma certa.

— Júlio, você sabia disso? Sabia e não me disse nada!

Ele parece constrangido.

— Soube ontem da ação. Era necessário sigilo. Entenda a importância do que está acontecendo aqui. Ele é um foragido internacional. A Interpol está a sua procura. Não somos apenas nós

e graças a Deus por isso. Nunca o encontraríamos se não fosse pelo crime que já cometeu e pelo piloto.

Ele tem razão, mas não consigo simplesmente ficar parado, vendo as coisas acontecerem. Safira é a mulher que eu amo, a mãe do meu filho e tenho loucura por ela, cada vez mais.

Capítulo Vinte e Um

Por Safira

Não tenho nenhuma noção de hora, muito menos de quanto tempo estive apagada, desde a tarde que saí de casa até aqui. Fui praticamente arrastada, como uma vaca teimosa, até o interior da casa. É um típico imóvel de fazenda, no entanto, o interior é muito sofisticado e amplo. Não consigo dizer o quem tem na parte externa, a escuridão não me permite.

O piloto não se deu ao trabalho de desligar o pequeno avião, pegou o dinheiro e se mandou pelo ar. O escutei dizer que ainda pegaria uma encomenda na fronteira e abasteceria antes de retornar. Isso me dá uma ideia de onde possamos estar: fronteira.

Droga! O Brasil faz fronteira com quantos países, uns dez? Podemos estar em qualquer lugar do continente!

Grande evolução eu fiz.

Começo a pensar e refletir sobre o que ouvi. Montar possibilidades na minha cabeça. Com certeza, esse cara não é um profissional e não pertence a uma empresa séria. Ele disse que buscaria uma encomenda, provavelmente drogas a julgar pela sua índole aparente. Podemos estar na Colômbia, Paraguai... Bolívia. Todos têm um tráfico forte.

Ah! Vou enlouquecer.

Joshua me deixa com as mãos e pés amarrados, enquanto some em um corredor. Acende toda a casa, abre algumas janelas, todas com grade, e fecha a porta. Vejo que a chave fica em seu bolso.

— Preciso fazer xixi.

Ele me observa, mas logo concorda.

— Estamos em uma área de mata. Se tentar fugir, pode ser que escape de mim, mas não escapara dos animais da região. A casa

tem grades, você não tem como sair.

— Percebi. Onde estamos?

— Não importa. Você vai amar. Seremos muito felizes aqui, meu amor. E teremos privacidade, já que o nosso vizinho mais próximo está a dezenas de quilômetros de distância.

Muito animador.

Ele libera minhas mãos, mas antes prende meus pés com uma corrente, dando uma distância de um palmo entre eles. Por onde ando, o som da corrente me acompanha.

Estou exausta. Minha cabeça lateja dolosamente, meus olhos doem e ardem, costas e braços também. Isso tudo sem contar o ferimento no rosto, provocado pelos tapas fortes que levei. Infelizmente, nada disso se compara com a dor que dilacera meu coração e estraçalha minha alma.

Saudade.

Não consigo parar de pensar em Bento e Tony sozinhos. O rostinho do meu filho sorrindo, feliz e animado com o cachorrinho. Bento se esforçando para ser o melhor pai que consegue, dando o seu máximo. Sinto tanto.

— Vamos para a cama, Safira.

Arregalo os olhos para ele.

Isso não vai acontecer, não vai.

— Não toca em mim, Joshua. Não chegue perto de mim.

Ele caminha em minha direção com o olhar divertido, mas não é um divertimento engraçado e sim diabólico. Seus olhos estão tão vidrados em mim, as sobrancelhas parecem chifres. Tudo nele me assusta.

— Está com medo. Antes não era assim, minha querida.

O tom que ele usa é de puro sarcasmo.

— Eu não vou dormir com você. Estou falando sério, me deixe em paz. Quero voltar para casa.

— É mesmo? Ah, por que não disse antes?

— Joshua, o Bento deve estar procurando por mim. Minha família deve estar louca por notícias. Será que você não entende? Eu tenho um filho pequeno, ele precisa de mim. Pelo amor de Deus! Você adorava o Tony.

Sua gargalhada me faz saltar assustada.

— Primeiro: Seu doutorzinho é um merda. Nunca vai te encontrar aqui. Segundo: Sua família agora sou eu e os filhos que vou te dar. Serão muitos. Lindos como você. Terceiro: Eu realmente pensei em assumir o seu garoto, mas mudei de ideia. Não quero nada que me lembre o merda do pai dele.

— Eu confiei em você. O que mudou? — Tento me afastar. Aos poucos, contorno a mesa da sala.

— O que mudou? — Grita. — Tudo mudou, sua vadia! Você me deixou, me trocou por ele. Me traiu com ele. E você é minha. Minha!

Quanto mais alto ele fala, maior parece ficar. E mais minhas pernas tremem. Não estou bem. Meu corpo já não aguenta, é como se eu fosse desligar.



Acordo com a claridade em meu rosto.

Estou deitada, ainda vestida, em uma cama de casal. O quarto segue a mesma linha clássica e sofisticada do restante da casa. Meu pulso direito está acorrentado a cabeceira, impossibilitando-me de levantar ou pensar em fugir.

Verifico meu corpo em busca de sinais de abuso. A essa altura do campeonato, não duvido de mais nada que venha deste homem. Um desconhecido íntimo. Como pude ser tão idiota, para não enxergar sua verdadeira índole?

A porta se abre e um Joshua sorridente entra. Em outro momento, eu poderia dizer que este sim é o homem que conheci naquela festa em Londres.

— Dormiu bem? Preparei nosso café da manhã.

— Não tenho fome. — Mentira. Estou fraca, não sei a quanto tempo estou sem comer ou beber qualquer coisa.

— Tenho certeza que vai adorar tudo que fiz.

— Vou adorar ir embora, Joshua. Por favor, me tira daqui. Não vou falar nada sobre você, só quero voltar para casa.

Minhas palavras não surtem efeito. Ele as ignora completamente. Solta minha mão e caminha em direção a porta.

— Vamos, o café vai esfriar. — Vira e sai.

Permaneço na cela, disfarçada de quarto, por mais alguns instantes até que a fome e a sede falam mais alto. E se pretendo sair daqui, preciso estar forte. Sem contar que não quero que ele retorne e queira usar a cama para outras coisas.

Joshua está sentado na grande mesa de jantar. É uma bela mesa de madeira escura e sobre ela tem um pesado lustre com várias lâmpadas amarelas.

Sento-me o mais longe que consigo. Realmente têm muitas coisas para comer, tudo o que eu gosto.

— Coma, meu amor. Tudo aqui foi feito pensando na sua felicidade.

— Se quer mesmo me ver feliz, me liberte.

Mais uma vez sou ignorada. Ele simplesmente finge que não estou aqui contra a minha vontade.

— Mais tarde podemos passear a cavalo. Temos um pomar enorme e muito espaço para conhecer. Desde que comprei a propriedade, não tive tempo de conhecê-la. Podemos fazer isso juntos.

Não respondo.

Terminamos o café e sou obrigada a subir com ele em um cavalo. Tentei sugerir que fôssemos em animais diferentes, mas ele não aceitou a ideia, com certeza desconfiou que eu pretendia fugir.

Durante o “passeio”, pude concluir que Joshua é completamente louco. Dentro da sua cabeça, existem mil planos para o futuro, ideias montadas de como serão nossos próximos

anos juntos. Surreal. Fala sobre filhos e família, noites de amor a luz da lua e envelhecer juntos e felizes.

Santo Deus! Como irei me livrar desse homem?

— O que acha, meu amor? Pronta para ser feliz?

— Joshua, você sabe que isso não vai acontecer. Eu não quero estar aqui. Entenda.

— Pensei em pintar a casa de azul, o que acha? Com janelas brancas, talvez.

— Me escute! Ainda dá tempo de encontrar alguém especial, alguém que vai amar você e realizar todos os seus sonhos.

Estamos retornando para casa, mas ele finge não me escutar. Essa proximidade me enjoa, estou praticamente sobre ele e o trote do cavalo faz com que eu me sinta ainda mais unida a ele.

— Com o dinheiro que temos, poderemos mudar qualquer coisa que você não gostar nessa casa. Já pensou em algo? — Seu hálito aquece meu ouvido. Sinto nojo dele. Quero socá-lo.

— Joshua! — Grito — Pare de me ignorar. Isso não vai acontecer, nem hoje e nem nunca. Sinto nojo de você. Quero sair daqui. Pelo amor de Deus! — Empurro seu peito, começo a me debater na clausura de seus braços. — Me larga!

A força de seus braços não permite que eu saia. O cavalo se agita, mas mesmo assim, não paro de empurrá-lo. Ele me segura forte, tentando deitar-me em seu colo, mas não deixo. Percebo que não é tão simples para ele equilibrar nós dois sobre o animal agitado e tenho uma ideia.

Bato as pernas, sacudo o máximo que consigo. Começamos uma briga em cima do cavalo em movimento. Em um gesto rápido, ele segura meus dois punhos com uma só mão, mas mordo o braço que guia o cavalo, fazendo-o puxar a corda. Numa fração de segundos, o grande animal branco fica sobre as patas traseiras e nós dois caímos.

— Vadia!

Tento me arrastar, mas sou puxada pelos pés. Joshua monta sobre mim e desfere um soco forte em meu rosto, deixando-me completamente tonta.

Ele me carrega até a casa e quando dou por mim, sou jogada em um colchonete fino, no chão. O lugar não se parece em nada com a casa de antes. É frio, escuro e vazio. A única coisa que vejo é o colchonete e um pinico esmaltado, antigo.

— Que lugar é este? — Pergunto com dificuldade. Sinto minha boca machucada.

— Você não precisava conhecer o porão, mas a sua natureza é rebelde. Tenho certeza que logo estará calminha, calminha.

— Vai me deixar aqui?

Olhando-o do chão, com ele de pé a minha frente, sua imagem parece tão apavorante. Encolho-me, migrando entre as dores físicas e o desespero.

— Toda vez que você não for uma boa menina, virá para o castigo. Ficaré aqui no escuro, sem água ou comida. Vamos ver quanto tempo dura essa rebeldia toda.

— Joshua, isso é monstruoso. Como você pode?

— Quando estiver pronta para dormir na minha cama, satisfazer meus desejos de homem e ser uma boa esposa. Avise-me.

— Prefiro morrer.

Vejo o branco dos seus dentes em um sorriso frio.

— Não vai faltar espaço para enterrá-la. A escolha é sua.

Dito isso, ele sai. Fico sozinha, trêmula jogada neste chão frio e sujo. Não há janelas, o cheiro é de mofo. Sinto tanto medo.

Deus, eu errei muito, mas não é possível que eu mereça tamanho sofrimento. Tenha piedade de mim. Preciso sair daqui.

Capítulo Vinte e Dois

Por Bento

Fomos de avião até o Mato Grosso do Sul e de lá seguimos de carro. Já era noite quando entramos na propriedade.

Alguns policiais já haviam sondado o local e descoberto que Joshua não tem segurança ou comparsas, aparentemente. O grande problema é garantir que ele não faça nada contra Safira. Não sabemos até que ponto ele é capaz de ir.

Dois carros da polícia federal seguem a frente, ambos com quatro homens cada. Nosso carro está um pouco mais atrás e comigo está Leônidas. Meu irmão fez questão de estar ao meu lado, dando seu apoio e, furtivamente, me ajudando a não perder o controle.

— Vai dar tudo certo, Be. — Diz Leônidas.

Quero acreditar nisso. Quanto mais o tempo passa, mais tenso e temeroso fico. Estar aqui me faz pensar em muitas coisas ruins. O cara é completamente desequilibrado, um psicopata no alto das suas emoções. Safira está sozinha e indefesa, entregue ao bel prazer do homem que tanto a deseja. Não quero pensar, mas quando faço isso, minhas esperanças começar a escorrer por entre os dedos.

— E se ele a machucou? — Falo quase sem som.

— Ele é louco por ela, não irá machucá-la. É um idiota completamente apaixonado, que perdeu o juízo. Mas não irá machucá-la.

— Você realmente acredita no que está dizendo?

Leônidas não diz nada, estala os dedos e volta o rosto para a janela. Lá fora está escuro e silencioso, a calma não reflete o que realmente sinto por dentro.

Quando conseguimos avistar a casa, já estamos com os faróis apagados e em baixa velocidade. É uma grande construção, alta e imponente. As luzes de fora estão acesas, mas todas as janelas estão apagadas. Já passa das 22h, talvez o inglês durma cedo. Abandonamos os veículos e seguimos a pé.

O delegado responsável pede que nós mantenhamos distância, por questões de segurança. Não deveríamos nem estar aqui. O motivo da prisão é outro e Safira não passa de uma suspeita.

Observamos de longe os homens fardados cercarem a casa. Não consigo ouvir, mas vejo um deles tentar contato com quem está lá dentro, mas não obtém resposta. Alguns sinais são feitos e assim como nos filmes, um grupo entra rapidamente, enquanto o outro permanece vigiando os arredores.

Não consigo mais.

Corro na mesma direção. Quero encontrar minha mulher, tomá-la em meus braços e garantir que nada de mau aconteça com Safira. Dizer o quanto a amo, mostrar o quanto a amo e preciso dela.

— Você não vai. — Leônidas me agarra pela cintura. Usa toda a sua força para me conter. — Quer colocar a vida dela em risco? Se esse infeliz pôr os olhos em você, pode perder o resto de juízo que ainda tem, e matá-la.

Ele tem razão. Droga!

— Cinco minutos, Leônidas. Nem um minuto a mais.

As lembranças tomam minha mente. Momentos tão nossos, íntimos e felizes. Sentimentos puros e dignos, somente aos que amam de verdade.

Poucos dias antes do seu desaparecimento, cheguei em casa e encontrei meus dois amores, e Fusca, comendo macarronada enquanto assistiam desenho no sofá. A cena era tão pura, que escolhi ficar ali, parado, observando secretamente, o instante de amor entre mãe e filho.

— Vai ficar aí espiando, ou vem comer com a gente? Está uma delícia. — De alguma forma, ela soube que eu estava ali.

Tony, sempre traquina, comia um espague e dava outro na boca de Fusca, que se fartou. Os dois construíram uma amizade forte em poucos dias. No início achei loucura, mas logo percebi o quão acertada foi a ideia de adotar o vira-lata.

— Acho que vou aceitar essa farra italiana no meu sofá.

— Vem papa!!!! — Grita Tony, feliz com a minha chegada.

Há poucos meses, eu não tinha nenhum motivo para retornar a minha casa. Um simples telefonema, uma mensagem de amigos ou de qualquer mulher, era o suficiente para desviar meu caminho. Recentemente, tudo virou de cabeça para baixo e hoje, conto os minutos para passar por aquela porta.

Naquele dia, fizemos nossa primeira macha no sofá, uma grande mancha de molho de tomate, que nem as lambidas de Fusca foram capazes de remover. Safira ficou quase louca, reclamando que o sofá era branco e não teria como esconder aquilo. Saiu marchando para a cozinha, desesperada atrás de algo que resolvesse o problema.

— Xiii! — Tony arregalou os olhos para mim. Ele é esperto e sabe que a mãe é uma panela de pressão. — *Baba*.

— Ela está muito brava. Não liga não, isso passa. Sua mãe é amiga da Cuca.

— Cuca?

— É. São quase irmãs. — Caio na risada com a expressão que ele faz. Crianças são tão inocentes.

É sempre assim. Safira puxa e eu solto, funciona bem para nós e principalmente para Tony, que consegue um meio termo dos dois. Estamos sempre apontando onde o outro exagera.

Tantas lembranças boas, de todos estes dias, só me fazem enxergar o tempo que perdemos com brigas e desentendimentos. A raiva e o rancor não trouxeram nada de bom, muito pelo contrário.

Agora, os poucos dias dividindo o mesmo teto, foram tão gostosos e intensos. Não quero perder isso. Não quero perdê-la.

A cada segundo de angustia, tenho mais certeza do amor que sinto por essa mulher. A mais complicada, irritante e frustrante mulher de todas. A minha!

— Bento! Olha lá. — Meu irmão chama a minha atenção para os fundos da casa.

Dois homens saem arrastando Joshua algemado, com a cabeça baixa. Vamos até eles. Os carros já estão aqui, alguns policiais entram na casa, agora com todas as luzes acesas. Nenhum sinal de Safira. Minhas pernas começam a dar sinais de desespero.

A raiva cresce quando nos olhamos. A loucura está estampada em seu rosto, agora sujo de sangue.

— Onde está a minha mulher? — Pergunto em um inglês raivoso.

Caminho rapidamente em sua direção, passos largos e ritmados. Minhas pernas só não batem mais do que meu coração, esse está saltando para fora do peito. Só consigo pensar no infeliz com as mãos sobre ela, infringindo dor a ela.

— Sua? — Fala debochado. Um deboche escrachado e sujo. — Ela é minha. Estava até agora gemendo meu nome e pedindo mais. Bebendo minha porra até engasgar.

Não há homem nesse fim de mundo, com força o suficiente para me impedir. Leônidas tenta, mas não consegue. Avanço sobre Joshua, ele está com as mãos para trás, e a última coisa que me importa é se estou ou não sendo covarde. Dou três socos em seu queixo, ouço-o estalar. Esmurro seu nariz. Tudo em uma fração de segundos

Meu irmão e dois policiais me impedem de continuar a desfigurar esse psicopata.

— Bento, chega! — Tento me soltar de todas as formas. Possivelmente machuco alguém enquanto distribuo chutes e cotoveladas. — Porra!! Pare com isso. Vamos entrar e procurar por ela.

Safira.

Enquanto o filho da puta é colocado dentro de uma viatura, desvencilho-me daqueles que me seguravam e corro para a casa. Ela só pode estar lá dentro. Alguns policiais já fazem isso. Portas são abertas, cômodos revirados, mas não encontramos nada. Gritamos por ela, sem resposta. Não sei quanto tempo aguento essa tortura.

O delegado tenta forçar Joshua a dizer o paradeiro de Safira, dar alguma pista.

— Estou adorando tudo isso.

Sua gargalhada parece explodir na minha cabeça. Quero matar o sujeito a marretadas, tamanho o meu ódio.

Dou mais duas voltas pela casa, vasculho tudo que já foi vasculhado, grito por ela. Perco toda a minha compostura. E no momento que passo pelo longo corredor, um ranger de tabuas chama a minha atenção. Sob os meus pés há uma passadeira vermelha que ocupa todo o corredor.

Puxo o tapeta de uma vez e minhas esperanças crescem como fogo alimentado. É uma espécie de alçapão, uma porta que leva para baixo, no meio do piso de madeira. Tento abri-la, uso toda a força que possuo, mas não é o suficiente.

— AQUI!!!! Leônidas, corre aqui.

Alguns homens correm ao meu socorro, assim como Leônidas. A porta está trancada. De repente, mais homens surgem para ajudar e um deles traz um pé de cabra consigo. O corredor está tomado por policiais e a porta logo é arrancada do chão.

— Nós vamos primeiro. — Alguém diz.

Não tenho chance de impedir. Dois homens passam a minha frente.

Um dos policiais ilumina a decida escura, com uma lanterna muito forte, e conseguimos enxergar toda a escada de madeira. É bem íngreme e termina em uma parede de pedras.

— Tem outra parte aqui. — Fala um policial. — A casa é muito antiga, parece construída em cima de paredes de pedra.

Com um explosivo plástico, a segunda porta é aberta violentamente. Seguimos pela escada até o subsolo. Com a luz branca da lanterna, podemos ver uma espécie de porão vazio, sem janelas ou entrada de ar. O chão é de terra batida e o cheiro de mofo é quase insuportável.

Todas as lanternas são ligadas, para facilitar o reconhecimento da área. Não preciso de mais que cinco segundos para encontrar o que tanto procuro.

— Safira...

Voo até seu corpo caído no chão, imóvel. O cabelo cobre o rosto com um emaranhado de fios negros. Ajoelho-me abruptamente ao seu lado, tomo-a em meus braços enquanto tento trazê-la de volta a consciência, mas nada acontece. Está desmaiada, suja e visivelmente machucada, principalmente no rosto.

Nunca senti tanto medo, em toda a minha vida. Minhas mãos tremem, não só elas, mas minhas pernas também. O pensamento de que ela poderia morrer aqui e nunca mais ser encontrada, ronda minha mente o tempo inteiro. O sofrimento que deve ter passado, machuca minha carne.

Dediquei toda a minha atenção a ela, ao seu bem-estar e estabilidade. Prestei os primeiros-socorros, fiz curativos em suas feridas e acompanhei a remoção. Um helicóptero nos levou a um hospital. Ainda desacordada, Safira foi prontamente atendida, minuciosamente examinada, medicada e agora está em um dos quartos se recuperando. Dorme por efeito da medicação, não acreditamos que acorde nas próximas horas. Já é dia.

Leônidas acompanhou a prisão de Joshua, fazendo os meus olhos enquanto estive totalmente focado em Safira. Por ser estrangeiro, foi encaminhado para um presídio federal. Muitas coisas ainda irão acontecer, já que agora não é só à justiça da Inglaterra que quer ele, mas a daqui também.

— Como ela está? — Leônidas pergunta sério.

— Dopada. O corpo dela precisa descansar, se recompor. Estava desidratada.

— Nunca pensei que fosse viver para ver algo assim. Os ferimentos no rosto dela...

Fecho os olhos ao ouvir meu irmão, lembrando do estado que a encontrei.

— Desculpe, Bê.

— Uma costela quebrada, várias escoriações, arranhões e o rosto completamente desfigurado. Provavelmente por socos, socos fortes.

— Caralho! A gente devia ter matado aquele monstro! — Esbravejou Leônidas.

Sim, eu o faria. Sem remorso ou arrependimento. E pelo olhar de meu irmão, tenho certeza que ele também.

— E o maldito?

— Não se sabe como, quebrou as duas pernas. — Dá com os ombros. Inocente. Mas os olhos o entregam. — O trabalho que você fez no rosto dele ficou excelente, irreconhecível, e ainda perdeu três dentes. Gostei do que vi!

Nunca entendi as reações exageradas de Leônidas, até mesmo alguns surtos de violência, quando se trata de Sarah. Agora entendo e pior, agora concordo.

— Ligou para casa? Perdi meu celular em algum momento.

— Liguei. Expliquei tudo, ou pelo menos o mais importante. Nossos sogros estão vindo para cá. Lorenzo e a mulher também.

— Que bom! Elas vão gostar de estar juntas.

— Ele ficou com ela por dois dias. — Nossos olhos se encontram e pela sua expressão, sei exatamente o que quer dizer.

— Não. — Digo com convicção.

— Tem certeza? Ela ainda está desacordada e...

— Já disse que não. — Respiro profundamente. — Eu mesmo a examinei. Me apresentei como ginecologista, conversei com o médico responsável por ela. Será o nosso segredo.

— Um segredinho bem antiético. — Observou.

— Quase tão antiético quanto retirar o implante contraceptivo da esposa, sem que ela saiba. — Revido, sorrindo pela primeira vez em três dias.

— Você não aceitou. Lembra?

— Eu ainda era ético naquela época.

Estamos no corredor do hospital, cada um encostado em uma parede ao lado de fora do quarto onde Safira dorme.

Observo meus sapatos, estão sujos. Agora, depois de ter vivido o pior sentimento que existe — a perda — meu emocional começa a dar sinais de ter atingido seu limite. Como uma crise de síndrome do pânico. Um desespero interno, bagunça de sensações. Dor física. Só então me dou conta das lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto.

— Bê, chora, cara. Bota para fora essa merda toda.

Assim como quando éramos pequenos e ele me abraçava pela cabeça, fazemos agora. Choro como ainda não havia feito. Ensopo sua camisa com meu pranto sofrido, de quem ainda vive o medo, pois mesmo que tudo tenha se resolvido, ele ainda está aqui, bem vivo dentro de mim.

— Eu tive tanto medo. Por mim, pelo Tony, por ela. Medo de perder algo que estamos apenas começando. De não poder dizer tudo que sinto, mas guardei para mim. De acordar para sempre, sem aqueles cabelos roçando meu peito. Ela precisou de mim e eu não estava lá.

— A culpa não foi sua, moleque.

Continuamos abraçados.

— Eu deveria ter lutado mais. Ido para Londres ao invés de ligar. Arrastado aquela teimosa para casa, nem que fosse amarrada. Mas não fiz nada.

- Nessa história não há santos, Bento. Nem você e nem ela.
- Os erros já foram superados.
- Então comece sua vida a partir daqui. Faça valer cada segundo. Se você a ama...
- Amo muito mais do que imaginava.

Ele sorri para mim. Se afasta, segurando nos meus ombros.

- Então case com ela.

É mais fácil falar do que fazer. “Então case com ela.” Parece simples falando assim. Casar...

- É...

— Me responda uma coisa. — Ele muda completamente a postura. Cruza os braços, eleva o queixo e parece desconfiado. — Depois de tudo que ela foi capaz de tirar de você, e da mágoa que eu imagino que você tenha sentido, você a perdoou? Virou a página?

Não respondo imediatamente. Busco dentro de mim qualquer sinal de raiva, mágoa ou ressentimento, mas não há nada. Não esqueci o que aconteceu, claro que não. Mas posso dizer que hoje isso não afeta os meus sentimentos.

— Léo, eu não esqueci, mas superei. Não vou passar a vida remoendo coisas que não podem ser mudadas. Safira está aqui agora, e vou lutar para que ela fique comigo.

— Está amando mesmo. — Ganho um tapinha no ombro.

— Sempre amei. Sempre.

Capítulo Vinte e Três

Por Safira

Ah, como minha cabeça está pesada. Meus pés e dedos das mãos estão dormentes, como se estivesse parada há muito tempo na mesma posição. Abro os olhos bem devagar, o mais lento que consigo. A luz envia flechas diretamente para o fundo do meu crânio.

Estou em uma cama de hospital. Sozinha. O quarto parece vazio.

Como vim parar aqui?

A última imagem que me lembro é Joshua sumindo na escuridão daquele porão fedido, o mofo sufocando-me e o breu total. Lembro-me da dor, o gosto de sangue em minha boca e principalmente... do medo. Medo de morrer sozinha e nunca mais pôr os olhos em Tony. Medo de não ser capaz de pedir perdão ao Bento.

Olho para o teto branco, revivendo todos os momentos de horror que passei, nas mãos do homem que acreditei ser o mais correto e perfeito do mundo. Aquele a quem dei livre acesso ao meu corpo e ao meu filho. Expus a pessoa mais importante da minha vida a um louco, psicopata.

Deus, fui tão burra!

O ar entra e sai apressado, pelos meus lábios. Sinto o gosto salgado das lágrimas, que escorrem para a boca. Refletir sobre todas as escolhas que fiz, é tão doloroso quanto triste. Um erro sobre o outro, até chegar ao ponto de não saber mais como voltar. O amor que se transformou em raiva e levou-me a uma teia de mentiras.

No fim estou aqui, sozinha.

O homem que julguei ser o certo, quase me matou. Infringiu dores que nunca imaginei poder sentir. Tornou-se o meu pior

pesadelo. E aquele do qual fugi, neguei e tentei esquecer, era justamente o certo. Provou, dia após dia, ser um novo homem desde a minha volta.

Flashes passam por minha cabeça. Imagens lindas de Tony convivendo e conhecendo o pai. Aquela manhã em que abri os olhos e vi os dois, lado a lado, pai e filho finalmente juntos. A cena mais linda e mais assustadora que já presenciei. Linda pela pureza evidente no encontro dos dois. Assustadora até os meus ossos, pelo medo que senti da reação de Bento, em suas intenções e, principalmente, a possibilidade de perder meu filho para ele.

Mais uma vez fui burra. Julguei errado. Bento jamais faria algo assim comigo ou com o próprio filho. Muito pelo contrário.

Levo a mão e boca, chorando compulsivamente. Meu emocional está em frangalhos, moído. Os ferimentos do corpo doem, mas a mente e o coração parecem não ter esperança de melhora. Sinto-me tão sozinha.

Levanto o olhar no momento que ouço a porta abrir. Encontro Bento, visivelmente cansado. Roupa suja, olheiras e barba grande. Quando me vê, para assustado. Devo estar horrorosa, mas um pequeno sorriso brota por entre as lágrimas: ele está aqui.

— Safira. Está chorando. — Corre em minha direção. — Já acabou, Sa. Acabou tudo.

Se antes eu chorava, agora meu pranto é violento e incessante. Ele me abraça tentando não apertar muito, afaga meus cabelos carinhosamente e distribui beijos pelo meu rosto.

— Bento, me perdoe, por favor. — Imploro.

— Não faz assim, amor...

— Eu sei que errei muito com você. Talvez nunca tenha sido tão sincera, mas eu sei. Não mereço. Tirei muito de você, muito mais do que poderia tirar e sei que nunca vou...

— Chega, Safira. Não estou preocupado com isso agora. — Ele me repreende. Tenta segurar meu rosto e trazer-me para si, mas o impeço. Seguro seu peito e olho diretamente em seus olhos.

— Quando fui embora, sai daqui tão ferida, tão derrotada e humilhada. Sentia que mais uma vez não era capaz de ter você. Parecia que o meu amor era lixo e não valia a pena. Sai odiando você.

— Já passamos por isso.

— Não passamos. Enterramos, tentamos esquecer, mas não dá. Está tudo aqui e eu preciso dizer. Por favor, me escute.

— Tudo bem. Mas se acalme, não pode ficar assim. Vamos devagar.

Respiro, tentando acalmar meu choro. Bento diz que preciso passar pela avaliação médica e mesmo sob meus protestos, ele chama o doutor responsável. Sou avaliada, medicada e finalmente estamos sozinhos novamente.

— Pronto. Agora tenho certeza de que está bem. Estou louco para ir embora daqui. Quero ter você em casa, sã e salva.

— O que aconteceu? Como me encontraram?

Bento me explica todos os detalhes da ação policial, os crimes de Joshua e o estado em que me encontraram.

— Não faz ideia de como me senti impotente. Foram os piores dias da minha vida, e das próximas também. — Desabafa Bento.

— Eu só pensava em vocês. — Confesso. — Onde está Tony?

— Com nossos pais.

— Meus pais estão em São Paulo?

— Não faz ideia de como estávamos desesperados, Safira. Sua mãe só faz chorar e seu pai está aguentando calado, mas sofre. Conversamos muito por telefone.

— Oh meu Deus! — Ameaço voltar a chorar, mas ele me impede.

— Liguei para casa quando saí para comer. Está tudo bem agora. Todos estão loucos para a nossa volta. Leônidas foi para um hotel aqui do lado, precisa tomar banho.

Olho para ele de cima à baixo. Não é só Leônidas que precisa de banho.

— Por que não foi? Está imundo.

— Não tomo banho há dois dias. Tenho certeza que estou fedendo.

— Fala humorado enrugando o nariz e me abraça.

Minha comida chegou e me alimentei. Fiz novos exames e tomei outros remédios. Finalmente consegui falar com minha família por telefone. Não consegui conter as lágrimas ao ouvir a voz de Tony me chamando de “mamã”. Até mesmo com Magda, a mãe de Bento, eu falei, e ela pareceu muito preocupada comigo.

— Bento. — Ele está sentado no sofá com a cabeça para trás. — O que vai aconteceu com Joshua?

Tenho sua total atenção. Caminha até onde estou e apoia uma das pernas na lateral da cama.

— Ele está preso. Ainda não sei se será deportado para responder o crime que cometeu lá, ou se será jugado aqui por sequestro e os outros crimes que cometeu com você.

Mesmo calado, seu olhar parece querer dizer algo.

— Espero que fique preso o resto da vida.

— Talvez você fique chateada comigo, mas preciso falar. — Respira fundo e segura meus dedos, tudo sem olhar nos meus olhos. — Tive muito medo de tudo o que ele poderia ter feito com você. Quando você chegou aqui, estava muito machucada, ainda está. Mas como estava desmaiada, não sabíamos até onde ele havia ido. Por isso.... Eu.... Eu pedi para te examinar pessoalmente.

— Como assim?

— Sou ginecologista.

Sua rápida e breve resposta me faz entender o que quis dizer. Ele fez um exame ginecológico em mim enquanto eu estava desacordada.

— E a que conclusão chegou?

Seus olhos parecem confusos.

— Que nada aconteceu. Aconteceu?

Isso é tão constrangedor.

— Não. Pelo menos não enquanto eu estive consciente. O problema é que fui drogada na rua, apaguei. E quando estávamos naquela casa, depois que ele me bateu e me levou para o porão, desmaiei. Ele poderia...

— Ele não fez.

Sinto alívio.

— Quero um espelho.

Bento abre um armário branco, no canto do quarto, e retira um espelho redondo, relativamente grande. Antes de me entregar ele diz:

— Tudo isso vai sumir, está bem? É temporário.

Meu reflexo é assustador. O lado direito do meu rosto está completamente inchado, há manchas roxas por toda a parte e meu olho parece ter sido tomado por uma conjuntivite severa. O corte no lábio inferior justifica o gosto de sangue. Olhar para esses ferimentos me fazem lembrar do momento em que foram feitos. A mão pesada de Joshua se chocando com meu rosto, seus dedos fechados em meus pulsos. Tudo tão recente.

— Tony não pode me ver assim.

— Ele é pequeno, vai acreditar no que falarmos para ele.

— E o que pretende dizer?

— Eu falei com ele mais cedo, disse que você estava no médico, que tinha tropeçado e caído. Só isso.

Ele tem razão.

É noite quando dois policiais vêm ao meu quarto. Eles querem tomar meu depoimento sobre o sequestro, cárcere privado, agressões e ameaças. Conversamos por algumas horas, conto tudo, esclareço cada detalhe no intuito de manter aquele monstro preso por muito tempo. A médica plantonista pede que o procedimento seja interrompido, pois preciso descansar, mas, graças a Deus, tudo já foi dito.

Amanhã terei alta.

Capítulo Vinte e Quatro

Por Bento

Retornamos a São Paulo faz duas semanas. Tirei esse período de licença, muito bem compreendido por todos, inclusive minhas pacientes. O sequestro de Safira teve repercussão nacional, não só isso, mas também em alguns jornais do exterior. A Inglaterra tenta que Joshua seja entregue ao país de origem, mas isso ainda não foi definido e ele continua preso aqui mesmo no Brasil.

Toda a família nos esperava quando retornamos, tanto a minha quanto a dela, que agora é uma. Minha malvadinha recebeu o carinho e conforto de todos, sem exceção, até mesmo mamãe fez questão de demonstrar toda sua solidariedade e respeito.

Nosso reencontro com Tony foi regado a lágrimas, beijos e muito sorvete. Nosso filho, e Fusca, foram os primeiros a correr assim que passamos pela porta. Quase não pude contê-los, informando que mamãe estava com um dodói muito grande e não poderia ser apertada ou se abaixar.

Retornar ao trabalho hoje foi mais complicado do que esperava. Nunca me imaginei querendo abandonar um plantão e correr para casa, como estou hoje. Pensar em Safira sozinha em casa, mexe muito com meu psicológico, começo a reviver as emoções do maldito dia que a deixei partir. E com toda a certeza, não desejo passar por nada parecido, enquanto eu viver. Penso nisso todas as noites, quando ela acorda de seus pesadelos gritando por mim, pedindo que a ajude e não abandone Tony. As últimas quatro noites foram mais difíceis, a observei até que o sol estivesse alto, beijei suas feridas cicatrizadas tentei a todo custo controlar meus instintos lascivos, natos ao meu corpo.

São mais de duas semanas sem tocá-la de forma íntima, ou pelo menos tentando. Mais de duas semanas escondendo as súbitas ereções fora de hora. Tentando não deixar transparecer o

quão doente sou, já que meu corpo não compreende seu momento, e clama inflamado por ela.

— Já estou indo, Bê! — Leônidas coloca apenas a cabeça na minha sala. — Segunda deixo o pestinha direto na creche.

Como?

— Do que está falando?

— Sarah me pediu que pegasse o Tony na escola. Disse que Safira está ciente. Ele vai passar o fim de semana com a gente. Fica tranquilo, Sarah e Quinha darão conta deles. Nina está aos saltos em casa.

— Espera aí, deixa eu ligar para Safira. Não estou sabendo de nada, cara. Já estava arrumando minhas coisas para sair.

Ele bate continência e sai dizendo que não pode esperar.

O apartamento está na penumbra, uma música suave preenche todo o ambiente e apenas as cortinas finas estão fechadas, trazendo meia-luz. Deixo meus pertences como de costume, tiro os sapatos e caminho até a porta da cozinha. Pareço estar sozinho, até que ela aparece e anda lentamente até o sofá. Estamos um pouco distantes, mas isso não me impede de perceber como está ainda mais linda e diferente de como costumo encontrá-la.

Os pijamas e roupas despojadas foram substituídos por uma camisola de seda, onde seus seios parecem ainda mais cheios. Não sobra muito para a imaginação, mal cobre o início de suas coxas e a calcinha de tiras fica aparente sob o material transparente. Tão feminina. Cabelos soltos e lábios entreabertos, não passam despercebidos por mim.

— Se continuar parado aí, com esse olhar, vou correr e trocar de roupa. Devo parecer ridícula.

— É real? Quase não acredito. A minha malvadinha estaria com calças de algodão e regata.

Seu sorriso me distrai ainda mais. Está constrangida.

— Queria comemorar.

— Comemorar?

— Não sinto mais dores na costela. Estou muito bem e disposta.

— Uhum!

Ela caminha sem pressa, divertindo-me com a sua falta de jeito com a própria feminilidade. Como pode não perceber que está deslumbrante?

— Isso significa que teremos o final de semana inteiro sozinhos e que... — Abaixa a cabeça, mas logo volta a me olhar. Agora estou frente a frente com ela. — Sinto sua falta.

Tomo-a em meus braços como se não pesasse mais que uma pluma, com a facilidade e intensidade que somente os amantes conhecem. Antes que nossas bocas se separem, deposito seu corpo com cuidado sobre a cama. Está tão deliciosa com essa roupa que quero comê-la assim mesmo, sem desembulhar o presente. Sou um garoto afoito que quer andar de bicicleta, sem tirar o laço do natal, assim pode saborear melhor o gosto da vitória.

Seguro-a pelo pescoço, meus dedos apertam e puxam os fios de cabelo presos a nuca, até que ela expõe o pescoço para mim. Mordo, chupo forte e esqueço a delicadeza.

Safira geme cada vez mais manhosa. Entregue. Abre as pernas, esfregando a boceta em minha coxa ainda vestida.

— Fica assim. — Digo em seu ouvido.

Fico de pé. Ela deitada na cama com as pernas abertas, calcinha molhada e aquela expressão “me come”. Desfaço-me das roupas.

— Vem, amor... — Resmungo.

— Sou seu amor? — Provoco.

— Sempre foi meu amor. Desde o primeiro dia, esqueceu?

Aliso meu pau de cima para baixo, expondo cada vez mais sua glândula vermelha e inchada. Seus olhos perseguem o vai e vem da

minha mão. Ela sempre gostou de me observar. Adoro que me olhe!
— Não esquecei. Mas gosto de ouvir, minha gêmea do mal.

De joelhos no chão, peço que venha para a borda. Ela senta e eu apoio seus pés na ponta do colchão. Assim sua boceta está completamente aberta para mim. Uma lambida longa, por cima da calcinha, a faz fechar os olhos. Repito mais algumas vezes, até que ela tome a iniciativa e afaste o tecido que me impede. Arranco gemidos e súplicas desesperadas, as palavras deixam sua boca sem que eu perceba.

Quero resistir, fazer esse momento só nosso durar por horas sem fim, mas não consigo segurar o desejo acumulado, a saudade e ainda mais vontade de marcar o que já é meu.

A afobação é deixada em um cantinho provisório.

Deito-me sobre ela com calma, controlando meu peso. Nossas bocas unidas em um beijo profundo, onde duas línguas duelam e se enroscam continuamente. As mãos não conhecem fronteiras e se veem livres para explorar cada canto, cada centímetro de pele. Adoro a sintonia que temos.

— Ainda estão cobertos. — Sussurro em seu ouvido.

Abaixo as alças da camisola, deixando que os seios fartos saltem livres e pesados ao meu prazer. A textura é macia, aveludada e enche-me de luxúria. Tomo meu tempo em cada mamilo, até que meu pau encontra o aconchego da sua vagina quente e molhada, mais que molhada, chega a escorrer.

Penetro firme.

— Ähhh!!!

— Gostosa!

— Ah que delícia, Bento.

— Mais que isso. Muito mais.

O suor começa a brotar. Nosso fogo só aumenta e sei que hoje não vou parar. Estou recuperando o que é meu por direito: o prazer de estar com ela.

E foi assim a noite inteira.

Acordo cedo, compro nosso café da manhã e mais uma vez me deparo com uma capa de jornal, relatando o sequestro que estamos tentando esquecer. Desta vez a matéria informa que mais duas mulheres inglesas alegaram ter sofrido perseguição e violência nas mãos de Joshua. Com a divulgação do caso e a cara do infeliz estampada em todos os jornais, daqui e de lá, algumas vítimas tomaram coragem para falar.

Compro o jornal. Talvez não deveria, mas prefiro que ela saiba de coisas assim na minha frente, com o meu apoio. Safira está muito melhor fisicamente, no entanto o seu psicológico ainda sofre com as lembranças e os pesadelos.

— Fugiu de mim logo cedo. — Ela diz assim que passo pela porta. Está sentada no sofá com uma xicara de chá.

— Fui comprar o nosso café da manhã. Já que teremos o final de semana todo para nós, quero que esteja forte para aguentar o tranco.

— Quase modesto isso.

Pisco maroto.

— Apenas a verdade.

Deixo as coisas sobre a mesa, arremesso a chave ao aparador e vou até ela. O jornal está dobrado em minha mão e a matéria sobre o desgraçado é capa, com uma foto bem grande.

— Comprou jornal? Não costuma fazer isso.

— Tem razão. — Abro-o e coloco sobre as pernas dela. — Mas foi preciso.

Seus olhos quase saltam para fora de órbita quando se depara com a fotografia. Imediatamente se levanta e caminha em direção a varanda, mas não sai.

— Por que fez isso?

— Não foi só com você. Apareceram outras vítimas dele.

— Não quero saber, Bento. Era para ser um final de semana romântico e você estragou tudo. Como sempre faz.

Respiro profundamente para não perder a cabeça. Sua arma de defesa é o ataque, a velha carapaça.

— Não vai adiantar me atacar. Estou tentando te mostrar que...

— Que fui mais uma idiota nas mãos de um sádico, louco por aquilo que não pode ter? — Olha-me por cima do ombro. Seus olhos estão vermelhos.

— Não.

— Então por que trouxe o jornal?

— Prefere ficar nesse estado enquanto caminha com Tony na rua? Prefere não saber? Esse homem não sairá da cadeia nunca mais. Quero que leia a reportagem e se sinta mais segura para passar por aquela porta e saber que ele não é mais problema. Acabou!

Sei que está chorando. Chego perto, afago seus ombros até perceber que está mais calma. Envolver-a em meus braços, como um urso, quero mostrar que aqui está protegida e nunca mais precisará se esconder.

— Desculpe, Bê.

— Quero que leia a reportagem comigo. E... tem outra coisa. — Escolho as palavras com calma.

— O quê?

— Tudo o que você passou, é demais. Talvez seja a hora de procurar ajuda e começar a superar.

— Já superei o que aconteceu, só preciso de tempo para voltar ao que sempre fui. — Está ofendida. Imaginei que ficaria.

— Amor, você tem pesadelos todas as noites. Sofre com a ideia de sair à rua. Nem sequer mencionou voltar ao trabalho, lutou tanto por isso. Sofremos dois anos separados, tudo para você ter um diploma. E agora? Vai guardá-lo na gaveta?

— Te incomoda que eu fique em casa. — Afirma em voz baixa.

— Não. Me incomoda te ver apagada. Me incomoda te ver infeliz. Quero a minha mulher independente, valente e feroz novamente.

— Você não existe. — Sorri.

— Não pense que eu sou bonzinho. Estou aqui pensando em te comer com aquelas roupas formais que usava para trabalhar. Imaginando você me chupando no engarrafamento, enquanto voltamos para casa. Hum, delícia!

Esfrego minha ereção em sua bunda. O gemido seguido de uma risada é o meu prêmio.

— Acho que começo e ver os benefícios.

O café da manhã foi melhor do que imaginei. Depois da sua reação, esperei que o restante do dia estivesse perdido, mas estava errado. Ainda na mesa, ela lê a reportagem com os olhos focados e o semblante melancólico, parece querer chorar em vários momentos. Nas três páginas de matéria, entre fotos e casos, estão detalhados o perfil desequilibrado de Joshua e o sofrimento de suas vítimas.

— Aqui diz que ele será investigado por homicídio.

— Eu li. Tudo indica que foi ele quem atropelou e matou o namorado de uma das mulheres. O coitado foi pego em cima da calçada, há poucos metros de casa.

— Todas elas tiveram imagens íntimas divulgadas.

— Sim, amor.

O cara era pior do que imaginávamos. Atormentava as mulheres até que se cansasse delas e logo partia para uma nova presa. Sempre como o bom partido, perfeito e cordial. Infelizmente isso terminava quando era rejeitado.

— Como isso fica? Crimes aqui, crimes lá. E agora?

— Liguei para o delegado Leal, enquanto estava na rua. Já existe um pedido de extradição para que ele responda seus crimes no país de origem. De certa forma, até prefiro. Que fique do outro lado do oceano e morra por lá.

— Eu também.

Beijos sua boca chupando a língua com sabor de chá. Já perdemos muito tempo com esse sujeito. É hora de curtir o final de semana.

— Vamos voltar para aquele quarto?

— Só se me levar no colo.

Assim o faço.

Capítulo Vinte e Cinco

Dezembro.

Por Safira

— Onde devemos montar o pula-pula, senhora?

— Ao lado da piscina de bolinhas. Todos os brinquedos devem ficar juntos, por favor. Pelo amor de Deus, isso é óbvio. — Estou ficando louca — Já são mais de 14h. Se não terminarmos em quarenta minutos, os convidados vão chegar e estarei assim. — Aponto para minha imagem.

Nunca imaginei que fazer uma festinha para Tony, pudesse ser tão trabalhoso. Definitivamente, a partir de hoje contratarei quem o faça. Nunca mais passo por isso.

— Pelo amor de Deus!!! Onde está Bento com esse bolo? Foi colher o trigo? Não há outra explicação.

Apoio as mãos em meus joelhos, exausta, não aguento mais tanta confusão. Bento ficou de sair do hospital, onde visitaria uma paciente, passaria na boleira e correria para cá. O problema é que ele saiu do hospital há mais de duas horas e até agora nada, nenhum telefonema.

Só pode estar de sacanagem.

— Vai criar rugas. — Magda brota atrás de mim.

Graças a Deus, nossa relação melhorou muito durante esses poucos meses. Estamos mais próximas, mais íntimas e evitamos grandes atritos. O máximo que podemos. Quando o assunto é Bento, a coisa complica, já que ela esperava que o filho encontrasse uma esposa Amélia e eu... Bem, estou mais para um sargento.

— Seu filho tenta me enlouquecer. O bolo vai chegar na hora dos parabéns.

— É o que importa.

— Magda, por favor, não o defenda agora.

Ela sorri, e por alguns minutos vejo em seu rosto o mesmo semblante que Bento costuma ostentar. Está zombando de mim.

— Está certa. Vou ver se o vovô precisa de alguma coisa, ele está com Tony na sala de televisão, há horas. Assim não sobra nada para mim. — Sorri. — Fique tranquila, sei que meu filho terá uma boa explicação.

— Só se for o atestado de óbito. — Falo mais para mim do que para ela.

Eu e Dora decidimos fazer o aniversário das crianças no mesmo dia, aqui no jardim da casa de minha sogra. Dessa forma, conseguimos reunir toda a família e os amigos mais próximos de uma só vez. O grande problema apareceu quando descobriram uma inflamação no ouvidinho de Luca, meu mais novo sobrinho, filho de Dora e Lorenzo. A viagem deles precisou ser adiada de quinta para sábado. Acredito que cheguem em meia hora.

E cá estou eu. Enlouquecendo sozinha.

Os convidados começam a chegar. Alguns pais da creche e professores de Tony, dois amiguinhos do prédio e nossas famílias. Não demora para o jardim estar cheio de crianças correndo, mães gritando e balões estourando. Tudo o que consigo me perguntar é: onde está Bento?

— Mana, acho que seu namorado te passou a perna!

— Nem me fale. Já estou elaborando formas cruéis de matar aquele filho da puta. Que ódio!

— Ele não atende?

— Responde por mensagem. Disse que quando chegar explica, mas que o bolo está ótimo. Ah, Sarah! Estou meio maluca com essa confusão de fazer festa. Não sei como você aguenta.

— Eu adoro. Gosto de fazer tudo sozinha.

— Eu odeio. Desde que assumi meu cargo no hospital, não tenho tempo para nada. Inventei de fazer a festa por insistência da Dora, mas já me arrependi.

É a mais pura verdade. Há dois meses assumi um cargo na administração do Malamam Apart Hospital, por insistência de Benício, que prefere os comandos dentro da família. Me encontrei naquele lugar. Entro cedo, saio tarde e quando percebo, Bento está me ligando. Quero deixar tudo do meu jeito e isso leva tempo. Nunca imaginei estar tão realizada profissionalmente.

— Por falar em Dora. Mal consegui pegar o Luca nos braços. Todos o querem, ele está lindo demais. — Sarah reclama.

— Está sim. — Concordo. — Luca é tão Malamam e acabou de nascer. Olho para ele e vejo todos os traços.

— Oh sangue! — Minha irmã gargalha.

— Oh sangue mesmo!

Impossível não me distrair enquanto falamos dos nossos filhos e de suas proezas, características da família.

Finalmente Dora consegue se junta a nós, como nos velhos tempos. Sarah nos faz cair em gargalhadas com as loucuras de Leônidas e seu ciúme exagerado, atitudes extremas e falta de freio na língua. Dora reclama, mas gosta, do zelo de Lorenzo com os filhos e com ela. Se um homem ama uma mulher à máxima potência, este é Lorenzo com minha irmã.

— E vocês? — Pergunta Dora com as sobrancelhas levantadas e sorriso malicioso.

— O que é que tem?

— Como estão as coisas com Bento, Safira? A paz reina entre a água e o óleo? — Sarah brinca.

Permaneço calada por alguns segundos.

Como nós estamos?

— Estamos muito bem. Acho que desde que Joshua foi extraditado e eu comecei a trabalhar, nossa vida só tem melhorado, mais e mais

a cada dia. Cheguei a sugerir que eu voltasse para apartamento da Vila Sônia, mas no final das contas, nunca consigo concluir este assunto. Bento sempre encontra alguma forma de me distrair.

— Ah, sei. Leônidas também tem mil formas de me distrair. — Sarah fala sem conseguir conter a gargalhada. A frase de duplo sentido é perfeitamente compreendida por nós três, já que sabemos como é viver com um Malamam.

Dora toma um gole de suco antes de falar.

— Não acredito que ele te deixará voltar ao apartamento. Vocês vivem como um casal, são uma família formada. Para que você iria querer sair?

— Ah, não sei. Talvez, começar as coisas da forma certa. Engrenar um namoro por algum tempo, deixar as coisas acontecerem como deveria ter sido.

— Mana, esquece o que deveria ter sido e pensa só no que é. No hoje. Ele te ama e você não fica atrás. Vocês têm um filho lindo, saudável, alegre. O que precisa mudar?

Colocando as coisas assim, Dora tem razão. Nada precisa mudar. Acho que eu preciso mudar minha forma de agir.

— Tem razão.

De repente todos olham em direção a entrada e um burburinho crescente chega aos meus ouvidos. Olho curiosa, para encontrar Bento perfeitamente bem vestido e com um enorme buque de rosas colombianas, as mais lindas que já vi. A sua frente, Tony, carregando apenas uma rosa branca.

Todos riem e comentam a cena. Meu filho parece uma versão brinde do pai, até mesmo as roupas são iguais. Sem que eu perceba, Sarah e Dora se afastam e logo estou sozinha no centro da festa, que deveria ser de Tony e Milena, no entanto sou o centro de todos os olhares.

O loiro, alto, com olhos azuis e barba por fazer, chega diante de mim e se põe de joelhos, com uma das pernas apenas flexionada ao chão. Ele puxa nosso filho e o coloca sentado sobre esta perna.

— Demorei?

Com esse sorriso, já não sei mais.

— Começamos a festa sem bolo. — Repreendo-o sem conseguir esconder a emoção.

— O bolo já estava aqui. Eu só queria deixar seus nervos à flor da pele. Consegui?

— Na mosca.

Não sei se olho para ele, ou para o pequeno pestinha arrancando as pétalas das rosas colombianas que o pai segura. Estão lindos, a cada dia mais lindos.

— Primeiro quero que você receba essas flores. Um passarinho me contou que mulheres gostam de flores, e como não tenho experiência com o romantismo que o momento pede, acreditei.

Pego as flores. São de um vermelho forte, intenso e são enormes. Acho que estou ficando vermelha como as rosas.

— Obrigada! — Não sei o que dizer. Se é que conseguiria dizer alguma coisa. Minhas pernas estão moles.

Alguém grita: “Coragem homem!”

— Calma, gente. Estou sob pressão aqui. — Todos riem. — Safira, se estivéssemos na nossa cama, suados e satisfeitos, isso seria mais fácil. O problema é que preciso ser fofo e romântico, então serei. Você merece!

— Bento...

— Um dia conheci uma menina linda, quieta, simples, mas cheia de planos grandiosos e garra inigualável. Ela me inspirou a ser melhor, a ser o suficiente para manter alguém tão incrível ao meu lado. — Nos olhamos por poucos segundos, que parecem ser horas. — Eu fui o suficiente, só que não entendi as mudanças e meti os pés pelas mãos. Errei. É muito simples enxergar, corrigir e julgar os erros dos outros, mas os nossos sempre são mais complicados. Demorei a admitir que deveria correr atrás do que desejava e

esperei. Esperei que a vida te colocasse novamente em minha vida. Esperei demais.

Ele brinca com o cabelo de Tony, olha para o filho e a emoção fica tão evidente em seus olhos, que me fazem chorar.

— Ela me trouxe. — Consigo dizer.

— Sim, ela trouxe. Mas o preço foi alto demais. Perdi muito, sofremos calados com a distância e com o remorso pelos erros cometidos. Graças a Deus, a vida encontrou seu caminho. Caminhos complicados, dolorosos e cheios de curvas, mas estamos aqui. Estamos juntos, felizes e seguindo em frente.

— Eu te amo! — Pronuncio sem som. Minha garganta está fechada.

Nossos amigos e família estão concentrados em cada palavra, eu também estou. Tony acaba cansando e sai correndo em busca de diversão.

Crianças.

— Eu acreditei que a vida a dois fosse um castigo e que jamais conseguiria viver com uma mulher, se não fosse para diversão. Jamais imaginei que desejaria a rotina, a cafonisse e principalmente as brigas. Sexo depois da briga é a cereja do bolo. — Quase morro de vergonha. — Mas eu desejo tudo isso. Desejo você e desejo...

Ele retira uma caixinha com duas alianças enormes, do bolso. Pega a rosa branca que Tony deixou no chão e estica os braços com uma em cada mão.

— Se você escolher a flor, vou entender que deseja a paz e tranquilidade da vida que sempre planejou. Mas se escolher as alianças, saberei que deseja ser minha companheira para a vida, seja na rotina, nas brigas, nos problemas e na cama.

Ele fica de pé, com as duas mãos estendidas para mim. O semblante cheio de esperança, mas a ruga presente em sua testa denuncia a insegurança.

Pego a rosa branca, transformando sua expressão em derrota e fazendo que um sonoro “Ó” ecoasse entre os convidados. Nem

mesmo o som das crianças foi capaz de abafar. Mas antes que ele possa dizer qualquer coisa, joga a flor para trás e estendo a mão direita em sua direção.

— Eu escolho te amar e te odiar para sempre. Escolho acordar com você sobre o meu corpo. Escolho você!

Estabanado e moleque como sempre, Bento agarra meu corpo, lançando-me para o ar. Seu sorriso de criança me contagia e a todos que o cercam. Os olhos que sorriem, o rosto capaz de transmitir amizade, que só ele tem. Bento é um menino preso no corpo viril de um homem.

— Aceita se casar comigo? Ser minha gêmea do mal para sempre?

— Aceito, Dr. Bento Malamam.

Muitas palmas, lágrimas e felicitações nos cercam. Todos celebram nossa união. Afinal, depois de um caminho tão longo, depois de abirmos a ponte Barcellos&Malamam, finalmente estamos vivendo o nosso momento de graça.

O nosso felizes para sempre!

Fim.

Cinco anos depois...

Por Bento

Há cinco anos, tentamos fazer uma viagem de casais, mas a vida corrida, os filhos e a rotina não permitem. Quando não estou sobrecarregado de pacientes, é Safira que respira trabalho. Meus irmãos também não conseguiram encaixar uma viagem nas suas agendas, tudo é muito complicado e desencontrado para nós que somos médicos e temos filhos pequenos.

Agora, com as crianças mais crescidas, podemos voltar a curtir.

Nos reunimos para finalmente tirar do papel a tão sonhada viagem de casais. Leônidas conseguiu uma cabana, em Campos do Jordão. Pela fotografia, o lugar é lindíssimo, tomado por verde e zero vizinhança. Tudo o que precisamos. São quase duzentos metros quadrados construídos em madeira e pedras, a casa é duplex, lindíssima, sobre uma colina gramada, e ao fundo, mata fechada.

Chegamos na sexta-feira pela manhã, com o clima frio e uma leve neblina, que nos deixou apreensivos na estrada.

— O que acharam da casa? — Leônidas pergunta.

— Mandou bem, irmão. Acho que vou ficar por aqui mesmo.

— Não duvido nada, Bento. Resta saber se a sua esposa ficaria aqui com você.

Descendo as escadas, aparece Safira. Ela havia subido para tomar um banho e está com os cabelos unidos, presos em uma trança.

— Só se ele ficar sozinho. O lugar é incrível, mas eu amo meu apartamento, meu trabalho. Aqui é ótimo para final de semana, apenas!

Não presto muita atenção em suas palavras, mas sim no desenho dos seus seios sob a camisa que modela discretamente a fartura que estou acostumado a ter em casa.

Completamos quatro anos de casados e ainda assim, o fogo continua o mesmo. Brigamos, nos desentendemos por inúmeras coisas, mas na cama é sempre perfeito, quando a tenho nua embaixo de mim, não há discussão ou errado, eu faço e ela gosta. Entre quatro paredes, Safira é completamente entregue e obediente, a palavra “não” foi abolida da nossa intimidade, sendo trocada por gemidos e suplicas de prazer escaldante. O potencial lascivo dos nossos corpos torna-se infinito no momento em que nós nos tocamos.

— Olha que tenho minhas técnicas, hein? — Gracejo.

Ao invés de responder, ela acaba envergonhada pela presença de Leônidas e apenas sorri.

— Bom, vou caçar minha Ninfa que subiu para guardar suas coisas e ainda não apareceu.

Ficamos sozinhos. Dora e Lorenzo saíram assim que chegamos, resolveram caminhar para conhecer o extenso terreno. Leônidas não deve sair do quarto tão cedo. Em nossos papos de homem, sempre que saímos para tomar alguma coisa, é unanime que, para ter uma boa trepada, precisamos fazer malabarismo com as crianças. As vezes o dia tão exaustivo e nossos filhos exigem tanto, que uma rapidinha já é vitória.

Desde que Lorenzo voltou a morar em São Paulo, há um ano atrás, temos feito um revezamento. As vezes mando Tony para a casa dele, as vezes ele manda os pestinhas dele para a minha e por aí vai. Com Leônidas é mais complicado, já que lá são três, então quase sempre ele manda os dele para a casa dos nosso pais. Como fizemos hoje.

Safira caminha para a cozinha e faço o mesmo. Assim como todo o restante da casa, o cômodo é muito bem decorado, com armários planejados e várias janelas. Mais cedo conversamos e decidimos que não deixaremos a propriedade, nem mesmo para

comer ou se divertir. A ideia é curtir um tempo longe do mundo, interagir entre irmãos e exercer a liberdade... principalmente a sexual.

— A geladeira está cheia. O agente não nos enrolou. Estou pensando em fazer salmão para o almoço, o que acha?

Ela está do outro lado da ilha, com as unhas escuras tamborilando sobre o mármore. Recebo um olhar questionador, mas não consigo recordar qual era a pergunta.

— Está com muita fome?

— Agora não, mas logo todos estarão, Bento.

Sorri para as mil pornografias que meus irmãos já devem estar fazendo.

— Todos estão comendo, se lambuzando. Menos nós. — Começo a contornar a ilha no centro da cozinha.

As janelas não têm cortinas, mas também não temos vizinhos. Então, foda-se!

— Estou falando sério...

— Ah, eu também estou falando sério. — Aliso a frente do meu jeans já esticado. — Estou com fome. Morrendo de saudade de comer direto da cozinha.

Safira olha para a porta que dá acesso a sala. Parece assustada com a possibilidade de ser pega.

— Nem brinca com isso.

Há dois passos dela, abro o zíper e puxo o pau para fora. Estou duro, as veias estourando de tanto sangue. A respiração de Safira até muda ao perceber que não tem conversa, ela vai ceder. O corpo pede, a alma quer e a cabeça não comanda mais.

— Fique debruçada sobre a ilha. — Sorrio sem vergonha. — Se demorar alguém pode voltar.

A fricção discreta entre suas pernas poderia passar despercebida por qualquer outra pessoa, menos por mim, que já

conheço todos os seus sinais de desejo. Depois de uma última olhada para a porta, ela desiste e faz exatamente o que eu pedi.

Com meu pau pressionado em suas costas, envolvo-a como um polvo e abro os dois botões do seu jeans, desço o zíper e puxo de uma só vez, a peça para baixo. Junto com ela vem a calcinha, de algodão, verde escuro. De todas as mulheres que já tive, Safira é a menos vaidosa, mas ainda assim é a mais bonita e intrigante, tem uma beleza selvagem, feroz. Neste momento uma calcinha de renda, fio dental ou até mesmo comestível, não faria a menor diferença. O que me excita ao extremo é ela.

Prendo meu pau no vão de suas nádegas e empurro-a contra o balão de mármore frio e negro. Por vontade própria ela vai tombando até que esteja completamente deitada e seu corpo mais e mais aberto para mim. Estamos quase totalmente vestidos.

— Alguém pode nos pegar... Isso vai ser...

— Engraçado, excitante e épico. Vou adorar!

— Bento!

— Já está molhadinha ou quer uma chupada gostosa?

— Se for para ser pega, que seja gozando. Me chupa.

Isso! Gosto assim. Entregue e safada. Minha mulher de negócios sai de casa de terninho, séria, calada e sóbria. Mas quando chega em casa, mia feito uma gatinha e pede mais.

Ajoelho no chão de qualquer jeito, separo as bochechas da sua bunda redonda. Agradeço a Deus por ter me reservado uma mulher com quadril largo e gostoso de manusear. Respirar para quê, quando seu rosto está enterrado entre as pernas de uma mulher?

Afundo a língua dentro dela, testando sua umidade e sabor. Quanto mais pronta, mais saborosa ela fica. Quanto mais excitada, mais melada é sua boceta. Com os dedos, abro seus lábios, exponho o clitóris, deixando que ele receba o primeiro jato de ar frio do ambiente. Depois abocanho, aquecendo o nervo à máxima temperatura corporal. Um chupão forte para acender e depois lambidas continuas, lentas e molhadas.

Os gemidos abafados dão o sinal. Seus pés começam a flexionar expondo os tendões, a panturrilha contraída.

— Hum! — Geme baixinho. Controlada.

— Tão doce. Me dá mais, vai!

Esfrego a parta áspera da língua em todo o clitóris, dou leves batidinhas para aumentar a irrigação. Por fim, quando seu corpo estava no ápice, fiquei de pé meti tudo dentro do casulo mais aconchegante que eu poderia encontrar. Sem pausa ou chance, investi freneticamente, sentindo-me um coelho enlouquecido de tesão, no cio da fêmea. Dando o máximo, o melhor... Até não conseguir segurar o jato dolorido de prazer.



Por Leônidas

Subo a escada de três em três degraus. Tenho pressa para chegar até a minha Ninfa. Sair de São Paulo, nessa viagem entre irmãos, foi a melhor desculpa que encontrei para ter minha gostosa longe dos pequenos, toda safada para mim. Com três crianças em casa, fica quase impossível meter do jeito que eu gosto.

Abro a porta sorrateiramente.

Sarah está de toalha, passando um vestido para usar. Eu e Bento viemos no mesmo carro, com Sarah e Safira no banco de trás. Uma delas foi abrir um refrigerante a acabou derramando boa parte e sujando tudo. Assim que chegamos elas subiram para tomar banho.

— Que delícia! — Abraço-a por trás, segurando seus seios. Com algumas carícias já estou duro.

— Pare com isso, Leônidas. Nem comece, temos que descer. O que seus irmãos vão pensar? — Nega com as palavras, mas se curva para frente, esfregando a bunda no meu pau duro. Desliga o ferro da tomada.

— Que estou te comendo. — Mordo seu pescoço, deixando uma marca bem visível. — Além de pensar, vão ouvir.

Puxo-a para mim, fazendo o ferro cair no não. Caminho, rebocando-a até a cama. Minha Ninfa é tão pequena, que parece um brinquedo nas minhas mãos. Adoro brincar.

— Estou falando sério. Me solte! — É assim que eu gosto — Não faz assim, amor. Já está quase na hora do almoço, estamos em um lugar lindo. Vamos aproveitar.

Isso me dá ideias. A cabeça do meu pau é esmagada dentro da calça. Quero meter!

O quarto tem uma pequena varanda com vista para a mata fechada. Abro a porta. Minha Ninfa me olha e nega com a cabeça, mas conheço esse olha. Ela quer.

— Vem aqui minha gostosa. — Agarro-a pelos quadris, levantando seu corpo sem nenhuma dificuldade. A toalha ficou sobre a cama, seu corpo está nu. Abocanho seus seios e caminho para a varanda, intercalando entre os mamilos pontudos.

— Ah, amor!!!

Aproveito a posição das minhas mãos e começo a espalhar sua umidade da vagina para o cuzinho. Com essa posição ele está indefeso e sem escapatória. Sarah tenta resistir, se contrai.

— Deixe eu meter o dedo aqui, deixa. Para de contrair, Ninfa. Quero os dois ao mesmo tempo. Do jeito que você gosta.

Arranco o pau da prisão, minhas calças caem para o joelho, mas não estou nem aí. Quero foder.

Fico de pé na parte externa da varanda. Pássaros cantando, grilos e sapos. A natureza cheia de sons. Encaixo minha glândula na sua boceta, deixo só a pontinha, mas Sarah é gulosa e logo começa a quicar no meu colo, até entrar tudo. Dou o apoio que ela precisa nas coxas e deixo que se delicie. Me levando junto para um limbo de luxúria. Trazendo alívio para a minha necessidade.

Enquanto as árvores balançam com o vento frio, soco violento dentro da minha Ninfa. Sorrio com a sua tentativa frustrada de se conter, completamente malsucedida. Quando penetro dois dedos em seu ânus e continuo investindo na bocetinha, ela geme alto. Grita meu nome, com os braços amarrados em meu pescoço.

— Eu vou gozar. Mais Léo, mais!

Dou mais. Dou tudo.



Por Lorenzo

Retornamos conduzidos pelo cheiro de comida. Depois de tantas horas conhecendo a redondeza, estamos com fome. Dora inventou de caminhar e quando percebemos já era tarde.

Os quatro estavam comendo quando chegamos. O salmão não ficou dos melhores, mas deu para enganar. Se tem uma coisa que essas irmãs não sabem fazer é cozinhar.

Depois do almoço, meus irmãos sugeriram uma partida de pôquer, na sala de jantar. Arrumamos tudo, escolhemos um bom vinho e fomos agraciados por uma chuvinha fria. Qual a graça e estar em Campos do Jordão e não pegar uma chuvinha? Isso que é vida!

Dora e eu sentamos em lados apostos da mesinha redonda. Sarah escolheu uma toalha longa de tecido para facilitar o carteadado na mesa, mas por sorte, o material acabou por ocultar as peripécias da minha Vida. Quando senti a ponta do seu pé tateando em minha perna, soube que algo delicioso estaria por vir. Amo pés. Começo apenas tocando de leve, esfregando o calcanhar nas minhas bolas. Abri bem as pernas para facilitar e sorrio por cima do baralho. Escondido entre as jogadas.

Com um singelo movimento de olhos, Dora pede que eu abra a calça. Remexo-me na cadeira, ameaço, mas não consigo fazê-lo discretamente, sou um homem com mais de dois metros. Abrir as calças em baixo de uma mesa é quase impossível.

Quase...

Assim que consigo, faço sinal e seus pés voltam. Estou duro feito rocha. O tesão a flor da pele, chega a arrepiar meus poros e contrair meus testículos. Quase imploro que comece. Embora estejamos entre outras quatro pessoas, sabemos que nosso ato libidinoso está encoberto.

Bento e Leônidas brincam e conversam despreocupadamente. Sarah sai para buscar mais bebidas e Dora aproveita para se ajustar.

Os pés macios começam um vai e vem delirante por toda a extensão do meu pênis, enquanto o polegar pressiona a glândula molhada, o pré sêmen escorre. Não vou demorar para chegar ao ápice.

Como vou gozar aqui?

Descaradamente, ela continua o vai e vem com um dos pés e com o outro, massageia meus testículos até que eles endureçam. Deixa-me no limite. Coloco a mão sobre os olhos, contraindo todo o meu corpo, enquanto tento ser sutil. O jato vem forte, inesperadamente alto. Olho rápido para a minha camisa e vejo que atingiu acima do meu umbigo.

Inacreditável!

No desespero, finjo um espirro exagerado. Meus irmãos estão entretidos na brincadeira e não percebem o tamanho do problema. Dora lança-me uma toalhinha de mão, como se eu fosse limpar o espirro. Na verdade, é, mas o espirro do meu pau. Tadinho, está gripado. Limpo a lambança enquanto fungo o nariz, uma encenação digna de um Oscar.

Passado o problema, consigo vestir a roupa completamente. Dora não perde a oportunidade.

— Como está o nariz, amor?

Ordinária.

— Melhor. Pronto para outro.

— Quer ir deitar um pouco? Você descansa e eu aproveito a paz desse lugar sem crianças.

É claro que suas intenções eram muito mais perversas do que isso, mas estou de acordo. Não posso deixar minha Vida na vontade.

Sobre a Autora

Joice Bittencourt é brasileira de 27 anos, nascida no Rio de Janeiro e radicada no Espírito Santo com o marido e dois filhos. Movida pela curiosidade, iniciou na literatura erótica através do best-seller Cinquenta Tons de Cinza, e a partir de então a lista de romances do mesmo gênero só vem crescendo.

Com três obras publicadas em um site de compartilhamento de livros, ela decide alçar voos maiores, lançando suas histórias para todos os leitores.

Conheça mais:

<http://joicerbittencourt.blogspot.com.br/>

<http://www.wattpad.com/user/joicecbittencourt>

<https://www.facebook.com/joice.bittencourt>

Leia Também:

O Herdeiro

www.amazon.com.br/dp/B00P4CBS78

Alívio – Série Malamam I

www.amazon.com.br/dp/B00U3Z55XO

No Limite do Prazer

www.amazon.com.br/dp/B00OB3RWQ2

Declínio – Série Malamam II

www.amazon.com.br/dp/B0149DOQBM

Contato: joicerbittencourt@gmail.com

Série Malamam

Leônidas, Lorenzo e Bento são três irmãos com personalidades extremamente diferentes, igualando-se em três pontos... A possessividade, a beleza e a paixão.

